



Departamento de Educação e Ensino à Distância

Mestrado em Administração e Gestão Educacional

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

Anabela Fernandes dos Santos

Volume I

Lisboa, Outubro de 2010

Mestrado em Administração e Gestão Educacional

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

Anabela Fernandes dos Santos

Dissertação apresentada para a obtenção de Grau de Mestre em
Administração e Gestão Educacional

Orientadora: Doutora Susana Henriques

Lisboa, Outubro de 2010

Resumo

Este estudo emerge da necessidade de analisar e compreender qual o impacto da escola na sociedade corvina. Neste contexto são estudados os processos de representação social da escola e das dinâmicas sociais que se estabelecem entre a escola e a comunidade. O presente estudo pretende encontrar algumas respostas sobre quem contribuiu para o impacto da escola na sociedade corvina, quais os aspectos que o influenciam, se esteve ou não dependente de características locais e regionais para o estabelecimento destas relações, quais as representações sociais da escola na comunidade corvina. Assim, foram exploradas as representações sociais da escola que possuem: os intervenientes educativos e as pessoas que fazem parte da comunidade; e das relações entre a escola e a comunidade.

Para responder às hipóteses em estudo foram recolhidas informações através de 12 entrevistas realizadas a elementos pertencentes à escola e à comunidade e de notícias referentes à Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira. As entrevistas englobaram questões que facultaram informação sobre as representações sociais da escola e das dinâmicas que se estabelecem entre a escola e a comunidade. Os resultados obtidos a partir das entrevistas e das notícias foram analisados através do método qualitativo de análise de conteúdo. Adoptámos uma metodologia de investigação centrada num estudo de caso, de natureza essencialmente qualitativa de modo a estudarmos em profundidade as relações e percepções que se estabelecem entre a escola e a comunidade.

Os resultados revelaram que o impacto da escola na sociedade corvina assumiu, uma importância significativa. A análise dos dados obtidos indicou existir uma imagem bastante satisfatória da escola ao nível da comunidade. Assim conclui-se que a sociedade considera fundamental a escola para a formação dos alunos e para a aprendizagem ao longo da vida ao muni-los com as bases essenciais para a sua vida futura. Os resultados também demonstram a actual insatisfação por não se verificar alargamento do ensino secundário regular.

Palavras-chave: representações sociais, dinâmicas sociais, sociedade, participação, envolvimento da comunidade.

Abstract

This study emerges from the need to analyze and understand the impact of school in society croaker. In this context we have studied the processes of social representation of school and social dynamics that develop between the school and community. This study aims to find some answers about who contributed to the impact of school corvina in society, the aspects that influence, whether or not was dependent on local and regional characteristics for the establishment of these relations, social representations of school in community croaker. Thus, we explored social representations of school they have: the educational actors and people who are part of the community, and relations between the school and community.

To meet the assumptions in the study were gathered information through interviews with 12 items belonging to the school and community and news regarding the Integrated School Mouzinho da Silveira. The interviews encompassed questions which provided information on the social representations of school and the dynamics that are established between the school and community. The results from interviews and news were analyzed using the qualitative method of content analysis. We have adopted a research methodology focused on a case study, essentially qualitative in order to study in depth the relationships and perceptions that are established between the school and community.

The results revealed that the impact of school in society croaker assumed significant importance. The data analysis indicated a very satisfactory picture of the school community level. Thus it is concluded that the company considers essential to school for the training of students and for learning throughout life by arming them with the essential foundations for their future life. The results also show the current dissatisfaction is lacking extension of regular secondary education.

Keywords: social representations, social dynamics, society, participation, community involvement.

Agradecimentos

No momento em que apresento o estudo que realizei, e ter dado por terminado o presente estudo, não podia deixar passar este momento sem agradecer Às pessoas que contribuíram para a sua concretização quer através de forma directa ou indirecta.

- Em primeiro lugar à minha família que sempre me apoiou;
- À minha orientadora, Professora Doutora Susana Henriques, pela sua preciosa ajuda, disponibilidade, incentivo e paciência;
- À coordenadora do Mestrado, Professora Doutora Lídia Grave pelo apoio e ajuda prestada;
- A todos os Professores e colegas, que na parte curricular do mestrado me ajudaram a percorrer o longo caminho em busca de conhecimento;
- A todas as pessoas que colaboraram comigo, de forma amável na realização das entrevistas;
- A todos aqueles que de diferentes formas me ajudaram na concretização deste trabalho.

A todos o meu sentido e sincero agradecimento.

Índice

Resumo	I
Abstract	II
Agradecimentos	III
Índice geral	IV

Introdução	1
------------------	---

Capítulo I

Representações sociais	5
1. Conceito de representação social	6
2. Processos sócio cognitivos e formação das representações sociais	10
3. Funções das representações sociais	13
4. Sistemas de comunicação e formação das representações sociais	15
5. Características das representações sociais	16
6. Representações sociais da escola	17

Capítulo II

Dinâmicas sociais	21
1. Dinâmica social – mudança	22
2. Modelo teórico de mudança social	23
3. Sociedade em mudança	25
4. Participação da sociedade	28
5. Dinâmica sociedade escola	29
6. Educação e sociedade	30

Capítulo III

Investigação empírica	33
1. Opções metodológicas	34
2. População e amostra do estudo	36
3. Técnicas e instrumentos de pesquisa	37
4. Procedimentos de análise da informação obtida	39

Capítulo IV

Interpretação e análise de conteúdo	45
1. Interpretação e análise das entrevistas	46
1.1. Componentes das representações sociais	46
1.2. Estruturas cognitivas de representação	47
1.3. Processos sócio cognitivos	50
1.4. Momentos de objectivação	51
1.5. Relação escola comunidade – Factores de mudança	54
1.6. Modelo teórico de mudança	56
1.7. Mudanças verificadas entre a escola e a sociedade	58
1.8. Interacção escola comunidade no processo de mudança	59
1.9. Adaptações da escola e da comunidade face à mudança	60
1.10. Solicitações efectuadas entre a escola e a comunidade	62
2. Interpretação e análise das notícias	64
2.1. Componentes das representações sociais	64
2.2. Estruturas cognitivas de representação	65
2.3. Processos sócio cognitivos	66
2.4. Momentos de objectivação	67
2.5. Relação escola comunidade – Factores de mudança	68

2.6.	Modelo teórico de mudança.....	68
2.7.	Mudanças verificadas entre a escola e a sociedade	69
2.8.	Interacção escola comunidade no processo de mudança	70
2.9.	Adaptações da escola e da comunidade face à mudança	70
2.10.	Solicitações efectuadas entre a escola e a comunidade	71
 Conclusões		73
 Referências bibliográficas		77

Anexos

Anexo I – Guião da entrevista

Anexo II – Entrevista E.101

Anexo III – Entrevista E.102

Anexo IV – Entrevista E.103

Anexo V – Entrevista E.104

Anexo VI – Entrevista E.105

Anexo VII – Entrevista E.106

Anexo VIII – Entrevista E.107

Anexo IX – Entrevista E.108

Anexo X – Entrevista E.109

Anexo XI – Entrevista E.110

Anexo XII – Entrevista E.111

Anexo XIII – Entrevista E.112

Anexo XIV – Análise das entrevistas

Anexo XV – Notícia da Revista on line “Ciência Hoje” (Acesso gratuito à Internet)

Anexo XVI - Notícia do Jornal “Diário Insular” (Escola Diferente)

- Anexo XVII - Programa da Visita Estatutária do Governo em 2009 à Ilha do Corvo
- Anexo XVIII – Notícia do Jornal “Expresso das Nove Ilhas” - Corvo Ilha Digital
- Anexo XIX - Notícia da Presidência do Governo – Professor Tutor
- Anexo XX – Notícia da Prevenção Rodoviária
- Anexo XXI - Notícia do Jornal on line “O Corvino”
- Anexo XXII - Notícia da Revista on line Ciência Hoje (Astronomia)
- Anexo XXIII – Notícia da escola do Corvo na Holanda
- Anexo XXIV – Notícia da Escola do Corvo em Itália
- Anexo XXV - Notícia do Jornal “Expresso das Nove Ilhas” - 27 de Maio de 2010
- Anexo XXVI - Notícia do Jornal “As Flores”
- Anexo XXVII – Notícia da Revista “Visão”
- Anexo XXVIII - Excerto das Crónicas do Padre Alexandre Medeiros
- Anexo XXIX – Notícia da Revista “Grande Reportagem”
- Anexo XXX - Notícia do Parlamento dos Jovens
- Anexo XXXI – Notícia do Jornal “O Público”
- Anexo XXXII – Notícia publicada pela Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves
- Anexo XXXIII – Relatório de auto-avaliação da escola – ano 2009
- Anexo XXXIV – Análise das notícias

Introdução

Actualmente, somos confrontados, com concepções diversas sobre a escola e a sociedade. As alterações decorrentes das mudanças a nível legislativo, nas últimas décadas, conduziram a uma reconceptualização do papel da educação e da escola. Esta visão é reajustada pela sociedade, da qual a escola faz parte integrante transmitindo matrizes e valores que norteiam a acção dos elementos que a constituem. Deste modo os indivíduos são portadores de percepções e representações diferenciadas. As mudanças rápidas da sociedade e a sua complexidade interferem directamente na acção da escola, em especial, junto dos actores educativos. Esta ideia é apresentada por Giddens (2006: 527)

As mutações constantes na nossa sociedade repercutem-se igualmente nas crenças e nas instituições tradicionais que as sustentam. A ideia de educação - como transmissão estruturada de conhecimento no âmbito de uma instituição formal – está a dar lugar a uma noção alargada de “aprendizagem” que pode ocorrer em vários cenários. A transição da “educação” para a “aprendizagem” não é inconsistente. Os que aprendem são actores sociais curiosos e activos e podem desenvolver ideias a partir de uma multiplicidade de fontes, não só no domínio do contexto institucional.

A escola está presente em todas as sociedades, independentemente da sua localização ou organização, a imagem que a escola transmite à sociedade é reflexo das suas representações. Assim sendo, a escola veicula representações que fundamentam a sua actividade, enquanto instituição educadora e promotora de valores. São os diversos actores escolares, que dela fazem parte e com ela interagem que contribuem para a elaboração/construção e transmissão das representações, tal como refere Costa (2003:142)

O ponto de vista dos actores sociais sobre as suas próprias práticas e as suas próprias representações, sobre como acham que a vida social deveria ser, sobre como esperam que ela seja e sobre como a vêem efectivamente ser.

No presente estudo pretendemos compreender qual o impacto da escola na sociedade corvina, nomeadamente, quais as imagens que possui da escola, a forma

como as integrou bem como os meios que favoreceram ou dificultaram a sua transmissão. No caso da sociedade corvina, assume-se como um papel importante, uma vez que permitirá o reajustamento de estratégias, quer no interior quer no exterior da escola, que veiculem uma imagem positiva e de satisfação a todos os elementos que constituem a comunidade escolar e local. Como objectivo terá igualmente a melhoria da imagem de aspectos relacionados com a qualidade do ensino e da educação, tal como refere Giddens (2006: 496)

Na era moderna, a educação e as qualificações tornaram-se uma pedra basilar para as oportunidades de emprego e de carreira. As escolas e as universidades não só alargam as mentes e as perspectivas das pessoas, mas espera-se que preparem novas gerações de cidadãos para a participação na vida económica.

Se é verdade que as competências solicitadas à escola abrangem um vasto leque, torna-se fundamental conhecer e compreender as representações e dinâmicas sociais que se desenvolvem entre a escola e a sociedade, uma vez que ambas se apresentam como potencializadoras e facilitadoras da educação, tal como refere Fernandes (1998: 26)

Ao considerar-se a escola nas sociedades de hoje, procura-se abordar relações existentes entre aquelas e estas, pondo em relevo, por um lado, algumas características das sociedades e, por outro, o papel que se espera venha a desempenhar a escola.

Considerando que as escolas desempenham uma função essencial na implementação da educação, tendo em conta o desenvolvimento integral dos alunos e a sua integração na comunidade, parece-nos relevante o seu estudo. Assim a investigação que realizámos insere-se no âmbito dos estudos sobre as representações sociais e as relações que se desenvolvem entre a escola e a comunidade.

Assim, a importância da escola, na actual sociedade assume um papel primordial na vida de todos os cidadãos, nomeadamente, no caso apresentado no estudo, em que as actividades culturais e recreativas são promovidas pela escola ou na escola, quer sejam dinamizadas por grupos de actores escolares, entidades/instituições locais ou nacionais ou ainda grupos informais de cidadãos, este aspecto é apresentado por Raquel Recuero (2005: 1): o conceito de dinâmica social refere-se ... às reacções e acções de um determinado colectivo (sociedade) para regular-se, diante das influências do ambiente, dentro de uma perspectiva sistémica.

Ao observarmos externamente, as repercussões das actividades dos diversos actores educativos, à luz de uma visão mais rigorosa, esta facilitará a sua compreensão sobre o impacto da escola, perspectivando-se formas e modos de a melhorar ou manter. Neste aspecto há que ter em consideração a sociedade onde se encontra inserida a escola, que se apresenta muito peculiar, como é o caso da ilha do Corvo no arquipélago dos Açores.

Este trabalho de investigação foi elaborado para que se possa compreender como uma comunidade pode influenciar a imagem que uma escola veicula, e o modo como essa mesma sociedade se apercebe e transmite as informações que processa a partir das inferências e valores que a própria sociedade possui.

Na introdução procuramos apresentar uma breve contextualização do estudo centrando-o nos aspectos a desenvolver, na importância do estudo e em estudos já realizados a nível nacional.

No capítulo I abordámos a temática relacionada com as representações sociais, mais concretamente o conceito de representação social, os processos sócio cognitivos e formação das representações sociais, funções das representações, sistemas de comunicação e formação das representações sociais e as características das representações sociais da escola.

No capítulo II encontramos o enquadramento teórico abordando o tema das dinâmicas sociais, na qual se opta pela vertente da mudança, analisando-a segundo o modelo teórico proposto por Kurt Lewin nas relações escola sociedade.

Já no capítulo III são apresentadas as acções a desenvolver no âmbito da investigação empírica, quais os princípios a colocar em acção para que o estudo possa ter validade.

No capítulo IV apresenta a análise das entrevistas e das notícias de acordo com o enquadramento teórico e com os indicadores provenientes dessa mesma análise.

Finalmente temos a conclusão que realiza uma sùmula de tudo o que já foi abordado, apresentando os resultados relativos ao impacto da escola na sociedade corvina.

A EBI Mouzinho da Silveira apresenta um universo restrito de alunos (43), professores (16), funcionários administrativos (1) e auxiliar técnicas (2), pelo que consideramos mais interessante e pertinente o estudo do impacto da escola na sociedade corvina, através da análise das representações sociais e da dinâmica que se estabelece entre a escola e a comunidade. Também é este contexto específico que justifica, no nosso entender, a pertinência do estudo. Isto é, existe conhecimento sobre as relações entre a escola e a sociedade, mas não em contextos micro, como é o da ilha do Corvo.

Capítulo I

Representações Sociais

*“O pensamento é por natureza comunicativo.
Considerar o pensamento na cabeça de um só
é privá-lo de tudo o que o torna vivo e importante para as pessoas”*

Serge Moscovici (Expresso, 25 de Janeiro de 1992)

1. Conceito de representação social

Para que se possa investigar o impacto da escola na sociedade corvina importa estudar as representações sociais que a comunidade possui da escola. Afigura-se, como principal precursor da teoria das representações sociais Serge Moscovici.

O conceito de representação social foi resgatado por Serge Moscovici ao ser utilizado para designar múltiplos fenómenos, observados e estudados em termos de complexidades individuais e colectivas ou psicológicas e sociais.

Após a publicação em de Serge Moscovici, em 1961, de um estudo baseado em questionário e análise de conteúdo da imprensa sobre a psicanálise na sociedade francesa, surge o conceito de representação social como forma de conhecimento sobre a problemática de como o homem constrói a imagem dos diversos grupos sociais que compõem a sociedade.

Para a concretização desta análise propõe o conceito de representação social, já apresentado por Durkheim, no final do século XIX, com a publicação do artigo sobre as representações individuais e colectivas, em 1898, criando o conceito de representações colectivas ao designar, desta forma, o fenómeno social a partir do qual se constroem as representações individuais.

Partindo da representação colectiva de Durkheim, Moscovici fundamentou as representações sociais como conhecimento, deste modo a visão de Durkheim ajudou a compreender o modo como o meio assume o seu papel nas relações sociais da escola. Começamos por referir que Durkheim introduziu o conceito de representação colectiva na sociologia, e defende que a vida social (Vala, 2006: 485)

...essencialmente formada de representações, de representações colectivas que, apesar de comparáveis das individuais são radicalmente

distintas e exteriores a elas, defendendo assim, que as representações colectivas são produções sociais que se impõem aos indivíduos como forças exteriores, servem a coesão social e constituem fenómenos diversos como a ciência, a religião, os mitos e o senso comum.

Partindo da perspectiva de Durkheim, Moscovici (2003:21) define o conceito de representação social do seguinte modo

As representações sociais são sempre um produto da interacção e da comunicação e elas tomam a configuração específicas a qualquer momento, como consequência do equilíbrio específico desses processos de influencia social. (...) Um sistema de valores idéias e práticas com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história.

Vários são os autores que exploram o conceito de representação social, no entanto incutem-lhe um cunho pessoal como é o caso de Jodelet citada por Umaña (2002: 27), segundo a autora a representação social pode ser entendida como

En pocas palabras el conocimiento “espontáneo”, ingenuo (...) que habitualmente se denomina conocimiento de sentido común o bien pensamiento natural por oposición al conocimiento científico. (...) comprender e explicar los hechos e ideas que pueblan nuestro universo de la vida o que surgen en él, actuar sobre y con otras personas, situarlo respecto a ellas, responder a las preguntas que nos plantea el mundo, saber lo que significan los descubrimientos de la ciencia y el devenir histórico para la conducta de nuestras vidas, etc.

Posteriormente, as representações sociais passam a fazer parte integrante da psicologia social ao explicar os fenómenos do ser humano a partir de uma perspectiva colectiva, sem no entanto perder a sua individualidade, tal como refere Vala (2006: 457), citando Billig et al

A psicologia social das representações sociais tem vindo a ser construída a partir do questionamento das teorias que ignoram que os indivíduos pensam, ou que ignoram o peso do pensamento dos indivíduos na constituição da sociedade; e, simultaneamente, a partir do questionamento da teorias que ignoram o contexto social no qual os indivíduos pensam e o peso desse contexto na construção do pensamento.

Seguindo esta linha de pensamento sobre as representações sociais, enquanto fenómeno social comum, Moscovici afirma (1981: 181)

Um conjunto de conceitos, preposições e explicações criado na vida quotidiana no decurso da comunicação interindividual. São o equivalente, na nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem ser vistas como a versão contemporânea do senso comum.

Nesta versão contemporânea do senso comum, as representações sociais assumem, de igual modo, um papel determinante na acção do indivíduo, uma vez que contribuem para a modificação dos modos de acção de cada indivíduo.

Para Moscovici (idem) a representação social é construída através das dinâmicas que se formam em função das interacções entre o estímulo e resposta, uma vez que tal, como afirma Vala (2006: 459): *A representação não é entendida como reprodução, mas como construção.*

No seguimento da exposição, efectuada anteriormente, Moscovici realiza o corte com o modelo proposto de “stimulus-organism-response” (S-O-R) em que as representações são mediadoras entre o estímulo e a resposta. Nesse sentido, as representações são factores produtores de realidade, determinando a forma como o indivíduo interpreta a situação e como lhe responde. Para Vala (2006: 460) *As representações são factores produtores de realidade com repercussões na forma como interpretamos o que nos acontece e acontece á nossa volta, bem como sobre as respostas que encontramos para fazer face ao que julgamos ter acontecido.*

Segundo a forma como interpretamos a realidade construímos as representações sociais como factores impulsionadores na construção de todas as nossas percepções facilitando assim a tomada de posição face a determinado aspecto da vida, esta ideia é apresentada por Piaget, citado por Vala (2006: 461), *A representação é a expressão de um sujeito [...] ou (idem citando Abric) um produto de confronto da actividade mental de um sujeito e das relações complexas que mantém com o objecto* uma vez que a dimensão social das representações pode justificar muitos aspectos do pensamento e do comportamento.

Segundo Moscovici (1961), as representações sociais remetem para necessidades sociais, podendo ser encaradas como reflexo do sujeito, da sua subjectividade, ou como uma consciência social. As representações remetem, de igual modo, para um sistema de

pensamento, ideologias e culturas, ao mesmo tempo que não podem ser dissociados da condição social (valores e crenças) e do conjunto de experiências vividas pelo indivíduo. Ao serem partilhadas por elementos de um mesmo grupo, desencadeiam uma visão consensual da realidade, uma vez que modelam e constituem os elementos do contexto no qual esta ocorre e desempenham, ainda certas funções de manutenção da identidade social e do equilíbrio sociocognitivo (Jodelet, 1989). Como refere Vala citando Moscovici (2006: 462) *Resolver problemas, dar forma às relações sociais ofereceu um instrumento de orientação dos comportamentos são razões poderosas para edificar uma representação social.*

Moscovici (2003: 221) reforça este aspecto ao afirmar que: *as nossas representações são sempre filtradas através do discurso dos outros das experiências que vivemos, das colectividades às quais pertencemos.*

Deste modo, as representações sociais podem ser entendidas simplesmente como sistemas de interpretação que regulam a nossa relação com os outros e orientam o nosso comportamento. Tal como as conceptualiza Moscovici *um conjunto de conceitos e explicações criado na vida quotidiana no decurso da comunicação* (Vala, 2006: 458). Ou ainda como as considera Jodelet seguindo a mesma linha de pensamento como *uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objectivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto* (Idem).

As representações sociais enunciam diferentes tipos de estruturas cognitivas que se revelam de acordo com um critério quantitativo quando a representação é partilhada por um conjunto de indivíduos, um critério genético quando a representação é produto de interacções e fenómenos de comunicação no interior do grupo, reflectindo os problemas, estratégias e as relações com outros grupos e um critério de funcionalidade são os organizadores das relações entre os actores sociais, constituindo um guia para a comunicação e atitudes e contribuindo para a diferenciação das representações sociais.

O conceito de representação social estabelece a ligação entre processos simbólicos e condutas. É a partir das suas representações que o indivíduo apreende o ambiente que o rodeia, descodifica as mensagens e se situa face ao outro. É, por isso, uma forma de manifestação da posição individual e grupal em relação a outrem.

A noção de representação social diz respeito ao modo como nós, sujeitos sociais, apreendemos a realidade que nos rodeia e remete para um conceito ou conjunto de fenómenos e explicações criados no quotidiano e decorrentes da comunicação interindividual. Tratam-se de saberes ou teorias de senso comum, diferenciadas, entre outras, do conhecimento científico, podendo ser a expressão de uma determinada sociedade (Jodelet, 1984). Para Jodelet toda a representação social é uma expressão de qualquer coisa (o objecto), por algo (o sujeito). Não é a reprodução do real ou do imaginário, mas um processo no qual as características do objecto e do sujeito interferem sobre a realidade.

As representações sociais são uma forma de interpretar e pensar a realidade quotidiana, um modo de conhecimento da actividade mental desenvolvida pelos indivíduos. Segundo Santiago (1997:11) o conceito de representação social está dependente da interpretação efectuada em função do meio no qual se encontra inserido.

O conceito de representação social tem características polissémicas e apresentam configurações complexas na sua estrutura que remetem para elementos de ordem cognitiva, afectiva, e normativa, influenciados na sua génese, por factores contextuais de natureza social e institucional e factores de natureza individual, resultado de dados da experiência subjectiva do sujeito.

O conceito de representação social é actualmente utilizado por um vasto número de cientistas sociais (psicólogos, sociólogos, geógrafos, historiadores, etc.), sendo aplicado no estudo de problemas muito diversos (o ambiente, a justiça, a saúde, a educação, etc.), constituindo um campo de investigação vivo e dinâmico.

2. Processos sócio cognitivos e formação das representações sociais

Os processos sócio cognitivos que intervêm na formação das representações sociais relacionam-se directamente com o campo das relações sociais e da estrutura social. Assim, a representação social é constituída por uma multiplicidade de factores, que contribuem para a constituição de uma forma de saber: informações, crenças, valores, elementos culturais e ideológicos. A génese das representações tem por base as aprendizagens sociais que o indivíduo possui.

O conceito de representação social possui duas componentes importantes e intimamente relacionadas: psicológica e social. A componente psicológica, refere o acto de representar, enquanto acto de pensamento através do qual o indivíduo se reporta a um determinado objecto. Para Jodelet (1984), *em todos os casos a representação remete para o acto de pensamento, que resistiu simbolicamente qualquer coisa ausente, que aproxima qualquer coisa do longínquo*. A componente social diz respeito ao facto das categorias que estruturam e exprimem a representação, serem constituídas através da influência da acção sócio cultural. Esta componente remete para o papel da linguagem no processo de formação das representações sociais. A linguagem permite representar um objecto ausente ou invisível e evocar o passado ou o futuro.

Assim, uma representação social deve ser analisada como uma actividade simultaneamente simbólica e cognitiva e perspectivada como uma construção psíquica individual que veicula valores e normas sociais. Referindo-se ao conceito de representação social, Doise (1986: 83) refere que

...ela é uma instância intermédia entre conceito e percepção; que ela se situa nas dimensões da atitude, das informações e das imagens; que ela contribui para a formação de condutas e para a orientação das comunicações sociais; que ela desemboca em processos de objectivação, de classificação e ancoragem; que ela se caracteriza por uma focalização numa relação social e uma tendência para a inferência; e sobretudo que ela se elabora em diferentes modalidades de comunicação: a difusão, a propagação e a propaganda.

As representações sociais são, para este autor *princípios geradores de tomadas de posição* (1986: 85) que regulam as interacções sociais e *se elaboram através e nas relações de comunicação* (1989: 228).

Assim, a génese das representações tem por base os processos sócio cognitivos (objectivação e ancoragem) fundamentais para a vida do indivíduo. Podemos resumir que na formação das representações sociais intervêm dois processos que estão intrinsecamente ligados, embora não sejam sequenciais e modulados por factores sociais, são eles a objectivação que diz respeito, por um lado, ao modo como se organizam os elementos constituintes da representação, e por outro lado, aos processos através dos quais se materializam, tornando-se expressões sobre a realidade vista como natural, ou seja, as imagens abstractas transformam-se em imagens concretas, através do reagrupamento de ideias centralizadas no mesmo assunto. O processo de objectivação

analisa as formas através das quais um conceito é objectivado, ou um fenómeno é pensado de forma objectivada, ou seja adquire materialidade e se torna expressão da realidade vista como natural, e a ancoragem que se prende com o facto de qualquer tratamento de informação exigir pontos de referência. Um sujeito quando pensa num objecto, fá-lo por referência a esquemas e experiências anteriormente estabelecidas, ou seja, prende-se com a assimilação das imagens criadas pela objectivação, sendo estas novas imagens que se juntam às anteriores, surgindo assim novos conceitos. O processo de ancoragem designa a transformação do não familiar e as formas através das quais as representações sociais, uma vez constituídas, se tornam socialmente funcionais.

No que se refere à objectivação desenrola-se num percurso que envolve três momentos: na construção selectiva – as informações, crenças e ideias sobre o objecto da representação sofrem um processo de selecção e descontextualização; na esquematisação – corresponde à organização dos elementos, à sua esquematização estruturante. A figuração dos esquemas ou a sua dimensão icónica é uma das hipóteses mais interessantes desta abordagem do processo de objectivação, e na naturalização – os conceitos retidos no esquema figurativo e as respectivas relações constituem-se como categorias naturais que adquirem materialidade tornando equivalentes a realidade e aos conceitos.

Para Vala (2006: 465), ao analisar o processo de objectivação este constitui uma característica de todo o pensamento social.

...consiste, assim em identificar os elementos que dão sentido a um objecto, a sua selecção de um conjunto mais vasto de conceitos, as relações entre esses conceitos (reconstrução de um esquema), a sua figuração e as modalidades que assumem a sua naturalização.

Na naturalização dos conceitos, momento no qual se desenvolve a objectivação funciona como elo reconstrutivo para a execução de novas tarefas.

No que se refere à ancoragem, processo associado à formação das representações sociais: são os processos através dos quais, o não familiar se torna familiar e através dos quais uma representação, uma vez constituída, se torna um organizador das relações sociais. Podemos afirmar que a ancoragem precede a objectivação, por um lado, e que, por outro lado, se situa na sequência da objectivação. Como processo que precede a objectivação, a ancoragem refere-se ao facto de qualquer construção ou tratamento de

informação exigir pontos de referência a experiências e esquemas de pensamento já estabelecidos.

Vala (2007: 472) diz-nos que Allport e Postman *designaram fenómenos semelhantes àqueles que o conceito de ancoragem evoca, falam do processo de assimilação, que resulta da atracção exercida sobre uma mensagem pelos hábitos, interesses e sentimentos*. Estes autores evidenciam estes fenómenos colocando o papel da motivação e dos conteúdos já adquiridos no processo de assimilação, mencionando mecanismos mais estritamente cognitivos.

A ancoragem enquanto processo que segue a objectivação, Moscovici defende a ideia de as representações sociais oferecerem uma rede de significados que permitem a ancoragem conferir sentido aos acontecimentos, comportamentos, pessoas, grupos, factos sociais. Ou seja, uma representação social é um código de interpretação (objectivação) no qual ancora o não familiar (ancoragem). A sistematização dos processos de ancoragem e de objectivação é apresentada por Moscovici (1961: 318) da seguinte forma

Se a objectivação explica como os elementos representados de uma teoria se integram enquanto termos da realidade, a ancoragem permite compreender a forma como eles contribuem para exprimir e constituir as relações sociais.

Vala (2006: 462), procura sintetizar os conceitos existentes de representação social, afirma: *É no quadro definido por uma partilha colectiva, mas sobretudo por um modo de produção socialmente regulado e por uma funcionalidade comunicacional e comportamental, que as representações sociais devem ser entendidas como fenómenos e como conceito.*

Para Moscovici a representação pode tornar-se social, sendo caracterizada pelo modo como o ser humano as materializa.

3. Funções das representações sociais

O próprio conceito de representação social tem implícito o enunciado de algumas funções que desempenham. Tratando-se de um modelo através do qual é possível ao sujeito apreender o seu ambiente, a grande função das representações poderá

ser a de proporcionar um sistema de interpretação e de classificação de pessoas e de acontecimentos, pelo qual determinam as orientações e condutas do sujeito. É possível proceder-se à decomposição desta função global em várias outras, das quais salientamos Vala (2006: 479-484): a função de organização significativa do real - pela qual se produzem símbolos sociais; a função de explicitação e de argumentação - pela qual se transformam aspectos descritos em explicações; função de diferenciação social – por via da análise da especificidade das representações geradas por cada grupo social numa situação concreta e a função na organização dos comportamentos e das comunicações - que decorre do seu papel.

A diferenciação das representações sociais pode ser compreendida enquanto expressão das diferenciações no tecido social. Numa primeira perspectiva, a diferenciação das representações sociais tem sido associada a diferentes inserções dos indivíduos nos campos das estruturas socioeconómicas e socioculturais. Numa segunda perspectiva, parte-se do seguinte pressuposto: os indivíduos constroem representações sobre a própria estrutura social e as clivagens sociais, e é no quadro das categorias oferecidas por essas representações que se auto-posicionam e desenvolvem redes de relações, no interior das quais formam e transformam as representações sociais.

Assim, as representações sociais, enquanto teorias sociais práticas (Vala, 2006: 358) assumem o papel de interpretação do real e de fundamento e orientação da acção, aspecto referenciado por Moscovici, quando atribui às representações sociais a função de sistema de interpretação da realidade e orientação da acção em que os elementos teóricos e práticos originais se fundiram. O conteúdo do modelo figurativo torna-se aqui conteúdo activo, servindo para dirigir a conduta ou dar um sentido aos acontecimentos reais (Moscovici, 1961: 328).

Como modelo de interpretação, as representações são também as representações de si e do outro, das relações de pertença a certos grupos sociais e da sua distinção relativamente a outros, das clivagens sociais e respectivas relações hierárquicas. Nesse sentido, as representações sociais ao constituírem-se como interiorização e reflexo da realidade social, comportam uma visão socialmente partilhada que cada grupo tem de si próprio e do seu contexto, visão que justifica e orienta a sua inserção social e, como tal, assumir um papel estruturador das próprias relações sociais.

A representação permite interpretar os fenómenos psicológicos, mais concretamente as operações do pensamento no contexto das interacções sociais. Os processos subjacentes à representação social permitem integrar a novidade, pelo que transformam o estranho em familiar.

E mesmo quando o nosso interesse é o estudo dos processos que geram representações sociais (objectivação e ancoragem), podemos também recuperá-los descrevendo e comparando os elementos (conteúdo) de diferentes momentos-produto do conhecimento social compartilhado (comparação evolutiva).

4. Sistemas de comunicação e formação das representações sociais

A representação social é determinada pela estrutura social na qual se desenvolve e reflecte a posição do indivíduo, no seu habitat físico e social. Os elementos que a constituem e a sua estrutura interna, permitem reconhecer as características do grupo ao qual ela se refere. Simultaneamente, constata-se que utilizando uma linguagem própria, adaptada ao objecto e à realidade social, a representação social facilita a comunicação e a compreensão a nível relacional, sendo que também contribui para a orientação das condutas sociais.

Segundo Moscovici, citado por Neto (1998: 445), podem-se distinguir três grandes sistemas de comunicação social que concorrem para a formação e emergência das representações sociais, cuja importância varia segundo o momento histórico e os grupos sociais: a difusão – constitui o sistema de comunicação de massas mais difundido na nossa sociedade. Neste sistema de comunicação a fonte tem por finalidade transmitir e difundir, o mais amplamente possível, um conteúdo de relevado interesse geral, e não o de deliberadamente reforçar ou convencer. Não se dirige a um grupo específico, mas sim a membros de diversos grupos sociais, sendo a vulgarização histórica, científica e técnica os exemplos ilustrativos deste quadro comunicacional. As mensagens sobre o objecto organizam-se com base numa multiplicidade de quadros de referência, ignorando as diferenciações sociais e dirigem-se a indivíduos intermutáveis; a propagação – ao invés da difusão este tipo de comunicação visa um grupo definido, com objectivos e valores específicos cuja finalidade é permitir a integração de uma nova informação num sistema de raciocínio e de julgamento pré-existente. Harmonizar o

objecto da comunicação com os princípios que fundam o grupo, assume-se como principal função deste sistema comunicacional. Esta modalidade de comunicação dirige-se a um grupo em particular, reflectindo uma visão organizada tendo como referência o conhecimento aceite pelo grupo. A sua função é de harmonizar o objecto de comunicação com os princípios que fundam a sua especificidade e a propaganda – aquisição comunicacional do séc. XX, tem como finalidade convencer ou persuadir. A propaganda desenvolve-se num clima social de clivagem e conflitualidade intencional. Contribui para a afirmação e reforço da identidade do grupo, construindo em simultâneo uma imagem negativa do outro. Cada representação sobre um objecto é evocada por oposição a uma outra representação, acentuando-se as diferenciações sociais. A propaganda como modalidade ou sistema de comunicação servirá então funções de regulação, organização, e mobilização do grupo: constrói uma representação em conformidade com os princípios inspiradores e incita os seus receptores a determinados comportamentos.

5. Características das representações sociais

As representações sociais possuem características que lhes permitem a apreensão do objecto, no decurso das suas relações sociais. Doise (1989: 228), afirma que, *em cada conjunto de relações sociais, princípios ou esquemas organizam as tomadas de posição simbólicas que estão ligadas às inserções específicas destas relações. E as representações sociais são os princípios organizadores destas relações simbólicas entre os actores sociais.*

Assim, Jodelet (2001: 28), sistematizou um conjunto de elementos que configuram a representação social como uma espécie de saber prático que liga o sujeito a um objecto: a representação social é sempre a representação de alguma coisa (objecto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objecto nelas se manifestam; a representação social tem com o seu objecto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significado). Estas significações resultam de uma actividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito; a forma de saber: a representação será apresentada como uma modelização do objecto directamente legível em (ou inferida de) diversos suportes linguísticos,

comportamentais ou materiais; qualificar esse saber prático refere-se à experiência a partir da qual é produzido, aos contextos e condições em que ele o é e, sobretudo, ao facto de que a representação social serve para agir sobre o mundo e o outro, o que desemboca nas suas funções e eficácia sociais.

As formas de expressão das representações sociais são, segundo Jodelet (1984: 360), as seguintes: as imagens que se constroem sobre uma determinada realidade e a que são atribuídas significações; os sistemas de referência que permitem aos indivíduos interpretar ou descodificar uma realidade que lhe é estranha; as categorias para classificar circunstâncias, fenómenos, indivíduos; as teorias que lhe permitem posicionar-se face a uma determinada realidade.

Para Doise (1990), a utilização da teoria das representações sociais é bastante útil na medida em que se lida com um marco conceitual que envolve tanto o nível interpessoal e o grupo. Desta forma, é possível a partir das representações pessoais dos objectos sociais para um exame das cognições no nível grupal, que permite ao pesquisador a apreensão dos aspectos compartilhados numa representação.

6. Representações sociais da escola

No que diz respeito ao presente estudo interessa considerar as representações sociais da escola inseridos no respectivo contexto social, no qual se realiza a investigação. Para nos auxiliar Gilly (1989: 383) defende que as representações sociais da escola não poderão ser consideradas fora dos sistemas mais vastos das representações dos contextos sociais em que estas se produzem. Esta constatação é partilhada por Santiago (1993: 19) que afirma que

... as características do meio social de origem e do contexto escolar, o grau de conhecimento das situações institucionais objectivas e a história pessoal e colectiva dos sujeitos, fazem com que haja afastamento nas representações e, por conseguinte, reacções diferentes perante a realidade escolar.

Este autor conclui que *os sujeitos compreendem e interpretam a escola de forma diferente e em relação a esta não agem da mesma maneira, o que não deixa de se reflectir na qualidade das interacções e, por conseguinte, nos resultados da educação*

(idem: 115). O conceito de representação social permitirá uma maior compreensão da orientação e das interacções que se estabelecem entre os indivíduos na e com a escola (ibidem: 148). Assim, a representação social da escola poderá determinar o grau de participação da sociedade.

Este aspecto é reforçado por Santiago (1997), segundo o qual as informações que os actores dispõem acerca da Escola constitui um dos factores mais importantes para a sua noção de representação de Escola. Sendo assim, a representação do objecto Escola é influenciada pela qualidade das informações disponíveis que podem ser formadas pelas vivências/experiências do sujeito, ou pelas mensagens que lhe são transmitidas acerca do meio em que o objecto se encontra inserido, o que lhe dará um significado ou um conteúdo para a representação.

Embora num contexto diferente, encontramos pontos comuns na abordagem de Benavente (1999: 254), sobretudo quando refere que *devemos relacionar as representações sociais com quadros de referência cultural precisos e contextualizados* (...). Esta autora reforça o papel desempenhado pela sociedade na construção das representações sociais da escola.

As representações sociais não são estáticas, ou seja, elas estão sujeitas a mudança, normalmente resultantes de pressões sociais do exterior, fazendo com que os sujeitos, para além de se preocuparem e de se posicionarem em relação a uma nova realidade social, se situem também num determinado campo social de acordo com o grupo a que pertencem (Santiago, 1997).

As representações sociais contribuem para definir a especificidade de grupos, sendo elas, um instrumento com o qual os indivíduos sociais apreendem o meio. Elas são também importantes porque desempenham um papel na formação das comunicações e das acções sociais daqueles indivíduos.

As representações sociais, no presente estudo, são abordadas segundo dois processos cognitivos a objectivação e a ancoragem. A objectivação e a ancoragem encontram-se associadas, de tal modo que, estes processos podem-se encontrar de forma sequencial e dependente do processo executado anteriormente. Assim, os processos são complementares e auxiliam a compreensão das representações sociais que possuem os elementos da sociedade corvina sobre a escola e do modo como elas se relacionam.

As respostas fornecidas pelos entrevistados fornecerão informações relevantes para o estudo, explorando o modo como os entrevistados realizam a objectivação e a ancoragem. No entanto, a transcrição as entrevistas deve ser efectuada como máximo de rigor para que não se perca informação, aliado a este facto encontram-se as notas de campo e a recolha documental sobre notícias da ilha do Corvo em especial sobre a escola.

Constituído o corpus do trabalho, a transcrição das entrevistas, as notas de campo das entrevistas efectuadas e a análise documental, estes serão analisados e codificados, para que possam extrair das representações sociais, ou seja, segundo a perspectiva dos entrevistados.

Capítulo II

Dinâmicas Sociais

1. Dinâmica Social - Mudança

Mudança social para Enguita (2007) é um fenómeno sócio cultural (colectivo) que ocorre numa sociedade, num momento histórico (identificável no tempo) que leva a transformações (permanentes) das suas estruturas. Implica sempre alterações a nível: das estruturas e relacionamentos sociais; da cultura; dos reflexos nas actividades, nos comportamentos, nos valores e da mudança cultural.

A mudança como fenómeno, é algo que surge no decurso de alterações, provocadas pela ruptura com valores ou pressupostos que se passam a considerar insuficientes ou inadequadas, para fazer face a novos desafios no sentido da concretização de metas comuns a um grupo de pessoas ou apenas idealizadas por um sujeito. As dinâmicas sociais podem ser perspectivadas sob o fenómeno de mudança, como acções e reacções de um determinado colectivo (sociedade) para regular-se, diante das influências do ambiente.

A mudança social, segundo Pais (2000), é caracterizada pela dinâmica da mudança que se considera *interna* quando provém da própria sociedade (pressão social motivada por novas necessidades ou por situações conflituais derivadas de intensidades divergentes) o que conduz ao aparecimento de fenómenos endógenos. A mudança pode ser considerada *externa* quando advém de relações com o exterior, do contacto com outras sociedades (novas ideias; ou provocada por inventos tecnológicos e fenómenos de aculturação resultantes da interdependência de culturas) o que conduz ao aparecimento de fenómenos exógeno. Estes aspectos encontram-se representados na figura nº 1.



Figura nº 1 – Factores de Mudança Pais (2000)

No caso em estudo, os principais factores e condições de mudança são a expansão e elevação do nível de educação, alargamento da escolaridade, maior rede escolar. Neste caso a mudança social afigura-se como resultante da convergência da multiplicidade de factores, que actua como determinante para a mudança. Assim, uma das condicionantes da mudança foi a forte pressão exercida pela população corvina e representantes do poder local na ilha, ao reivindicarem a construção de um edifício escolar e a leccionação do ensino básico na ilha, evitando deste modo o afastamento dos alunos do seu núcleo familiar.

2. Modelo Teórico de Mudança Social

Um dos primeiros modelos teóricos sobre a mudança, foi proposto por Kurt Lewin (1958) no quadro das suas investigações em psicologia social, as quais descrevem o processo de mudança segundo três fases, nomeadamente: *descongelamento*, *mudança* e *recongelamento*. O descongelamento corresponde à

ocasião em que os valores, atitudes ou comportamentos anteriores, por confronto com novas experiências ou informações, as desafiam e conduzem a uma insatisfação com o panorama actual das coisas. Ainda durante esta fase existem três mecanismos que são: a *desconfirmação*, a *indução de culpa e ansiedade* e a *criação de segurança psicológica*. O primeiro mecanismo traduz-se pela insatisfação das pessoas com a situação actual e na percepção de que é necessário mudar e deverá ser suficientemente forte para activar o segundo mecanismo – indução de culpa e ansiedade. Este sentimento acaba por criar a motivação para a mudança. O último mecanismo, criação de segurança psicológica proporciona a percepção daquele que ousar aprender e assimilar novos mecanismos não sofra retaliações. Tal como refere Carvalho (1996: 324-325) (...) *para enfrentar a desconfirmação, e os sentimentos de culpa e ansiedade, as pessoas têm de crer que são capazes de mudar e que essa mudança não será desastrosa nem irá prejudicar a sua auto-estima.*

Na segunda fase, a mudança, a organização ou grupo muda para um novo nível de comportamentos, o que pressupõe a aquisição de novos valores, atitudes e comportamentos tal como mencionado por Carvalho (1996: 324-325)

Esta mudança é um processo socio-cognitivo, afectivo e comportamental e não se verificará realmente se não existir motivação prévia das pessoas ou dos grupos para adquirir nova informação que permita ver a situação de um modo diferente.

Segundo Schein (1987) podem desencadear-se dois mecanismos nesta fase: a *identificação com um novo modelo* e a *perscrutação da envolvente*. O primeiro mecanismo permite a análise do ponto de vista dos outros. Esta descentração contribui para uma compreensão da possibilidade de actuar segundo outros padrões, diferentes dos seus. Quando isso acontece activa-se o mecanismo seguinte, a *perscrutação da envolvente*, que consiste na procura de informação para aprendizagem e compreensão de novos conceitos, considerados relevantes para a redefinição da situação que se pretende alterar.

Na última fase, o recongelamento, dá-se a estabilização das mudanças que se efectuaram e que estão interligadas aos processos operacionais e usuais / habituais / correntes das organizações. Esta fase é fundamental, para que não haja retrocesso à primeira fase do processo de mudança.

Nesta última fase, podem ser distinguidos dois mecanismos: *o recongelamento pessoal e o recongelamento relacional*. No primeiro caso é permitido ao sujeito verificar e rectificar sobre os seus comportamentos ou atitudes de acordo com os seus valores, bem como se sente conforto com as mudanças ocorridas. O segundo caso, é um processo que permite verificar se os outros indivíduos do grupo de referência aceitam e confirmam os novos padrões de comportamento e atitudes resultantes da mudança.

Assim, de acordo com as fases ou mecanismos propostos por Kurt Lewin (entre 1951 e 1965), podemos afirmar que a mudança está assente em factores emocionais e cognitivos, ocorrendo no âmbito das relações interpessoais e grupais e deve seguir a especificidade de cada fase, utilizando técnicas que permitam um desenvolvimento correcto e natural do processo de mudança.

De certo modo, a escola e a sociedade condicionam-se mutuamente. O ritmo de evolução de uma determina o ritmo de evolução da outra. Como exprime Philippe Perrenoud (2002: 13-14) *A escola somos nós, portanto: um sistema educativo não pode ser mais virtuoso do que a sociedade que lhe confere a legitimidade e os seus recursos*.

3. Sociedade em Mudança

Entendemos sociedade, como um sistema ou conjunto de relações que se estabelecem entre os indivíduos e grupos com a finalidade de constituir um certo tipo de colectividade, estruturada em campos definidos de actuação que regulam os processos de pertença, adaptação, participação, comportamento, autoridade, burocracia, conflito entre outros. É, pois, o sistema básico de convivência entre os indivíduos. Os grupos humanos constituem sempre uma sociedade em que encontramos uma estrutura e uma dinâmica. Segundo Durkheim (2000) os indivíduos tem a tendência em conceber a sociedade como um conjunto de relações sociais observáveis pelos membros de uma colectividade, tal como se pretende efectuar neste estudo.

De acordo com a profundidade das transformações que se operam na sociedade, em Novembro de 1994 Jacques Delors deu a primeira resposta centrada sobre a cultura geral (citado por Marques, 1995: 3)

... insistia sobre a necessidade de uma formação polivalente fundada sobre conhecimentos largos, desenvolvendo a autonomia e incitando a “aprender a aprender” ao longo de toda a vida referindo-se à missão fundamental da educação e da formação é de ajudar cada indivíduo a desenvolver todo o seu potencial e a tornar-se um ser humano completo, e não um instrumento de economia; a aquisição dos conhecimentos e das competências deve ser acompanhada da educação do carácter, de uma abertura cultural e de uma sensibilização para a responsabilidade social.

Delors (1996: 92) referiu ainda que o processo educativo não se confina ao sistema escolar mas deve ser aprofundado em vários contextos e modalidades, tendo em conta que a educação abrange uma multiplicidade de dimensões da acção humana

A educação ao longo da vida é uma construção contínua da pessoa humana, do seu saber e das suas aptidões, mas também da sua capacidade de discernir e agir. Deve levá-lo a tomar consciência de si própria e do meio que a envolve e a desempenhar o papel social que lhe cabe no mundo do trabalho e da comunidade. - O saber, o saber-fazer, o saber viver juntos e o saber ser constituem quatro aspectos, intimamente ligados, numa mesma realidade.

Seguindo a ideia proposta por Dellors os mecanismos de socialização na escola ocorrem em consequência das práticas sociais que se estabelecem, ou seja a estrutura das tarefas realizadas em sala de aula auxiliam na estrutura das relações sociais. Assim, a acção da escola é geradora de cidadania porque permite o acesso ao saber e ao conhecimento possibilitando a sua apropriação como instrumento de justiça social.

As alterações da sociedade impõem que as actuais exigências de informação e de conhecimento não se compadeçam com uma concepção unidimensional de escola “serviço local de estado”, pelo contrário, acentuam a imprescindibilidade do seu carácter “*pluridimensional*” (Formosinho, 1990). A escola deve-se assumir como “*agente local de desenvolvimento*” (Cabrito, 1995) e inserir-se numa teia de complexidades interaccionais, com outros agentes, internos e externos, numa “*lógica de mediação*” (Ferreira, 2005) que visa melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e do bem-estar social. Deste modo, surgem os factores endógenos (alargamento da escolaridade obrigatória, o conhecimento e as exigências do desenvolvimento pessoal), e exógenos (as condições económicas da população, o desenvolvimento dos meios de informação e comunicação e as necessidades de integração social) como principais impulsionadores do processo.

Assim, os processos endógenos e exógenos, conduzem a escola face às recentes exigências da sociedade a um processo de mudança acelerada, a uma constante modificação da imagem e das funções que desempenha, o que implicará alterações significativas.

Estudos efectuados no nosso país por Santiago (1997: 48) indicam que *as categorias sociais mais desfavorecidas têm da escola uma concepção mais tradicional e menos evolutiva que se identifica, em grande medida, com os princípios teóricos e de acção educativa da escola transmissiva.*

Trata-se de entender o impacto da escola como um processo de construção social das representações da vida interna da comunidade e das relações que com ela se desenvolvem, de processos vivenciais e interpretativos de um contexto específico que dão clareza e direcção a acontecimentos complexos e ambíguos como são as relações entre a escola e a comunidade no contexto insular açoriano.

Se perspectivarmos a abertura da EBIMS à comunidade, poderemos pensar quais serão os factores que contribuirão para esse facto. Segundo Gómez (2007: 253) citando Martín-Moreno Cerrilo as razões de abertura da escola podem agrupar-se em quatro factores: didácticos organizativos em que se situam argumentos como os novos ambientes de ensino aprendizagem organizados para o trabalho autónomo dos alunos; *sócio-pedagógicos* que se dividem na luta contra o fracasso escolar sócio-cultural e a tendência da nossa sociedade na educação permanente; *económicos e demográficos*. Em que a infra utilização do edifício escolar se acrescenta o incremento da exigência de instalações por diferentes grupos da comunidade e a diminuição da taxa de natalidade.

As relações entre a escola e a sociedade são produto tanto da importância do papel da escola na sociedade, como do papel desempenhado pela sociedade, da qual podemos salientar a participação da sociedade nas actividades realizadas na escola.

A escola sobre a qual incide o nosso estudo oferece acções de formação direccionadas para a comunidade, como é exemplo o ensino do inglês, a utilização da internet, a utilização e conhecimento do programa excel e promove a aquisição de novas competências por parte da sociedade. Esta ideia é confirmada pela afirmação de Silva (1998: 90) *as estruturas tendem a reproduzir-se, ao mesmo tempo que reproduzem os agentes dotados de um sistema de predisposições que os tornam aptos a criarem as*

práticas ajustadas às estruturas, contribuindo, desse modo, para a reprodução das próprias estruturas.

4. Participação da Sociedade

O conceito de participação é fundamental para encarar o desenvolvimento numa perspectiva local, no sentido de que os processos de desenvolvimento perspectivam-se como *processos educativos, globalizados a nível local, capazes de colocar o enfoque nos processos de aprendizagem, valorizando os conhecimentos e experiências, a intervenção colectiva na resolução de problemas sociais* (Canário, 1999, 66).

Para Lima (1992: 176-194), a participação tem de ser praticada, ou se participa efectivamente ou não se participa. Se se participa podemos analisar essa participação segundo quatro critérios. O primeiro, a *democraticidade*, diz-nos se a participação se conforma a um tipo de democracia representativa ou participativa. No primeiro caso estaremos perante uma participação indirecta porque será praticada através de representantes. No segundo caso estaremos em presença de um tipo de participação directa exercida através do voto no processo de decisão. A regulamentação refere-se à fonte e da natureza das formas que regulam a participação que pode ser participação formal – se confrontada às leis gerais vindas do poder central -, participação não formal – se orientada por normas gerais estruturadas pelos órgãos competentes da escola - e participação informal – se referenciada a normas não escritas dentro da organização. O terceiro critério, *envolvimento*, refere-se ao nível de empenhamento dos actores na participação. Dentro deste critério a participação pode assumir três tipos: *a participação activa* – implica um forte empenhamento do actor, pode levar à contestação, à oposição ou ao militantismo; *a participação reservada* – é uma atitude mais expectante, o actor deixa correr a situação, a ver o que acontece; e *a participação passiva* – é uma forma de quase não participar, o actor é muito reservado nas suas decisões. Finalmente, a orientação é o critério que procura analisar a participação em função dos objectivos da escola. Neste âmbito a participação pode ser convergente – se o actor se identifica totalmente com os objectivos – ou divergente se – representa a ruptura com os objectivos da organização, e que pode assumir a forma de boicote ou levar a inovação.

A interdependência entre a comunidade e a escola apresenta vantagens e desvantagens, pelo que os diversos elementos, pertencentes à comunidade e envolvidos com a escola, deverão estar conscientes do tipo de acção que desenvolvem, uma vez que estas acções interferem com o normal desempenho da escola e da própria comunidade. Neste caso específico e para que melhor se possam entender os processos de participação e integração da escola e da educação nos projectos de vida da comunidade, parece-nos importante reflectir sobre as diferentes formas de ver a escola, os seus intervenientes as representações sociais e as dinâmicas sociais que desenvolvem no seu seio.

5. Dinâmica Sociedade Escola

Segundo as actividades desenvolvidas pela escola, as suas relações são estruturadas pelas dinâmicas que estabelece com o espaço e os intervenientes locais. Desta ideia surgem as seguintes perspectivas: a escola cívica que faz repousar a ordem negociada e o bem comum na autoridade de uma entidade maior e imparcial o estado; a escola doméstica que ao contrário da escola cívica faz depender a autoridade da posição hierárquica da rede de dependência de pessoas à grandeza atribuída a cada um, sendo o referencial a comunidade local; a escola industrial a escola põe em evidência obrigações de resultados que pesam sobre os estabelecimentos de ensino e a nova postura de concorrência com recursos escassos, esta escola pensa na mudança como produto de aplicação de novas regras; a escola narcisista é construída a partir de uma imagem de marca, é aquilo que poderíamos chamar a escola de fachada segundo Alves (1997: 29-30).

A função peculiar da escola para a sociedade é o processo de socialização dos alunos. Esta função assume um carácter conservador, ao garantir a reprodução social e cultural para a sobrevivência da sociedade. Permitindo a integração dos alunos no mundo do trabalho e a intervenção na vida pública, perpetuando a dinâmica da própria sociedade em que se encontra inserida.

A construção de uma escola é um processo educativo que envolve os alunos, pais e professores e que necessita de analisar e ter em conta campos representativos recíprocos, uma vez que a mesma ancora nas dinâmicas dos diversos grupos

intervenientes na sua concepção como comunidade, componentes locais e regionais e a lógica dos seus actores (Sabar, 1991).

Ao considerar-se a escola na sociedade de hoje, procura-se abordar as relações existentes, pondo em relevo, por um lado, algumas características da sociedade e, por outro, o papel que se espera que venha a desempenhar a escola. Para que este aspecto possa ser explorado. No presente estudo realizamos a análise documental (notícias publicadas sobre a Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira) uma vez que a comunicação é uma das formas pelas quais é possível compreender as dinâmicas que se estabelecem entre a escola e a sociedade.

6. Educação e Sociedade

A educação surge na nossa sociedade como uma necessidade básica e fundamental para a integração do indivíduo. A escola, actualmente, funciona como um dos principais motores, sendo fornecedora de processos que possibilitam a aquisição de conhecimentos, através de ferramentas que servirão como ponto de partida, para as acções que desenvolve.

A edificação da escola como comunidade educativa pressupõe também o alargamento das suas fronteiras: delimitada pelos intervenientes internos do estabelecimento de ensino, como os professores, alunos e funcionários, amplia-se a outros intervenientes externos, como os pais e encarregados de educação, as famílias, as autarquias locais ou interessados no processo educativo local. Assim, e porque a comunidade educativa não se compadece com fronteiras físicas e legais locais, antes alarga de forma ampla e fluida esses limites a todos os intervenientes no processo educativo, passa portanto, a ser delimitada por uma fronteira de âmbito social (Formosinho, 1989: 33ss). Para reforçar esta ideia Canário (1999: 64-65) afirma *O reforço da capacidade de autonomia dos actores locais para encetar processos de identificação e resolução de problemas, localmente sentidos como pertinentes.*

A questão da centralidade da escola cruza-se, ainda, com outros contributos e investigações sociológicas sobre o (re)aparecimento e (re)valorização das formas e relações comunitárias. Nesse contexto, são de realçar os trabalhos de Dewey (1967) no início do século XX. Este filósofo concebe a escola como uma comunidade em

miniatura, como um embrião da sociedade onde, através de múltiplas relações intra e inter-grupos, se favorece a aprendizagem e se facilita a socialização. Portanto, preconiza uma escola aberta, activa, de organização democrática, com grande aproximação à sociedade e à(s) sua(s) realidade(s). Se a escola é indissociável da sociedade em que se encontra, poderá perguntar-se qual o posicionamento perante estes diversos desenvolvimentos. Ora, a escola tem como função formar para o universal respeitando a especificidade de cada sociedade, preparando para a criatividade e para a inovação.

A sociedade actual vive sob o signo da mudança. A escola deverá estar voltada para a criatividade e orientada para o desenvolvimento de competências científicas. A atitude científica é simultaneamente despertada e alimentada por uma capacidade crítica, a qual desenvolve a capacidade de adaptação à mudança. Passa-se a viver num mundo de valores de orientação contraditórios, a conduta perde as suas características de estabilidade e previsibilidade.

Se pretendemos estudar o impacto da escola na sociedade corvina, as dinâmicas sociais que se estabelecem entre ambas é fundamental compreender que se encontram em relação de interdependência, elas perpetuam a vida de cada uma delas e interagem mutuamente. Esta abordagem será efectuada pela análise das entrevistas realizadas e das notícias recolhidas.

Capítulo III

Investigação Empírica

1. Opções Metodológicas

A escolha de um método de investigação está intimamente relacionada com os objectos e sujeitos de pesquisa. Deste modo a definição do problema permitirá ao investigador definir a metodologia mais apropriada para a pesquisa. Para Moscovici (1994: 14) *na tarefa do pesquisador, como eu a vejo, é de discernir qual dos nossos métodos pode ser mantido com plena responsabilidade. E, conseqüentemente, qual deve ser abandonado, numa época de mudanças tanto intelectuais como sociais, sem precedentes.*

Jodelet (1998) privilegia os métodos qualitativos e, a propósito da técnica de entrevista defende a necessidade de se fazerem boas perguntas aos sujeitos, sugere que se deve começar por perguntas de carácter mais concreto, factuais e relacionadas com as experiências dos entrevistados para, progressivamente, passar a perguntas que envolvam reflexões mais abstractas e julgamentos.

Segundo Stake (2007: 24) *A característica mais distinta da investigação qualitativa é a sua ênfase na interpretação.*

Deste modo, a investigação qualitativa é relatada por Bogdan (1994) como sendo descritiva, procurando a compreensão e não tanto a avaliação, tendo como fonte clara de dados o local de investigação, visto que toda a actuação pode ser melhor entendida se for observada no seu ambiente e sendo o investigador o instrumento-chave.

A decisão de se optar pelo estudo de caso, predominantemente de carácter qualitativo, radica no facto de os investigadores se centrarem mais na indução, na descoberta e na interpretação dos dados do que propriamente na verificação de hipóteses. A opção mencionada encontra fundamentação na definição de estudo de caso segundo Stake (1998: 11)

De um estudo de caso espera-se que abarque a complexidade de um caso particular (...) Estudamos um caso quando tem um interesse muito especial em si mesmo. Buscamos o detalhe da interacção com os seus contextos. O estudo de caso é o estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular, para chegar a compreender a sua actividade em circunstâncias importantes.

Num estudo de um caso que, embora possa ser similar a outros, tem um valor intrínseco e um interesse próprio que o tornam único, Stake (2007: 52)

Com o estudo de caso intrínseco, há pouco interesse em generalizar a espécie; o interesse permanece e reside no caso particular; todavia, também aí o investigador de caso examina uma parte ou o todo, procurando compreender o que o espécimen é, como o espécimen funciona.

Ao citar Merriam, Carmo e Ferreira (1998: 217) corroboram esta ideia, pois, para o autor, *o investigador deverá definir o problema de investigação, o qual será com frequência proveniente da sua própria experiência ou de situações ligadas à sua prática e de seguida formulará as questões de investigação na tentativa de compreensão dos acontecimentos.*

Na presente investigação procura responder-se a questões de natureza interpretativa de modo a obter um produto final de índole indutiva, em que não há qualquer intenção de fazer generalizações, como menciona Stake (2007:117)

a investigação de estudos de caso partilha o fardo de clarificar as descrições e de sofisticar as interpretações (...) numa perspectiva construtiva incentiva o investigador a fornecer aos leitores bom material em bruto para que eles criem as suas próprias generalizações.

O estudo de caso que se apresenta utilizou como enquadramento conceptual a teoria das representações sociais e das dinâmicas sociais procurando dar resposta à questão Qual o impacto da Escola na sociedade corvina?

Partindo desta questão surgiram outras que surge que contribuem para o estudo:

Como é que professores, alunos e funcionários contribuem para o impacte da escola na sociedade corvina?

Quais os aspectos externos à escola que influenciam a visão da mesma por parte da população corvina? e em que medida se verifica essa influência?

Em que aspectos as características locais e regionais facilitam / dificultam o desenvolvimento do conhecimento da escola e a compreensão das relações que nela se estabelecem, por parte da população corvina?

Quais são as representações sociais da escola na sociedade corvina?

As representações sociais e os processos de mudança social não podem ser captados como algo isolado, mas no movimento pelo qual o indivíduo concreto atribui sentido aos objectos dos quais se apropria.

Neste sentido, pretende-se conhecer as representações sociais e as dinâmicas sociais identificadas no impacto da escola. Tendo em conta a escassez de estudos anteriores sobre esta problemática, em contexto insular, começamos com a revisão da literatura.

2. População e amostra do estudo

A população alvo deste estudo inclui todos os residentes na ilha do Corvo num total de quatrocentos e cinquenta pessoas. No entanto, a população alvo identificada não pode ser estudada na sua totalidade, devido a limitações várias (como de tempo e outras). Nestas situações, há que limitar o estudo a uma amostra, neste caso, de conveniência. Assim, segundo Stake (2007: 73) *o investigador deverá possuir a intuição de um conhecedor para seleccionar as melhores pessoas, lugares e ocasiões (...) aqueles que nos poderão ajudar da melhor maneira a compreender o caso, quer sejam representativas ou não.*

Ou seja, optou-se pela amostragem não probabilística *sendo as técnicas de amostragem não probabilística as mais apropriadas para estudos de caso qualitativos* Carmo e Ferreira (1998: 217), isto é, *a amostra é seleccionada de tal forma que cada um dos elementos da população tenha uma probabilidade real de ser incluído na amostra* (idem: 191) e, dentro desta uma amostragem de conveniência *utiliza-se um grupo de indivíduos que esteja disponível ou um grupo de voluntários* (ibidem: 215). Neste sentido, os sujeitos foram seleccionados de acordo com as informações que se pretendia recolher, quer dizer, as representações sociais da escola e as dinâmicas escola-sociedade. Concretamente, a Presidente do Conselho Executivo da EBIMS, a 4 alunos do ensino secundário recorrente, 2 elementos da comunidade e 2 encarregados de educação.

Foram seleccionados e entrevistados 2 alunos que frequentam o ensino secundário recorrente e 2 ex-alunos, procurando-se que representassem a amostra, ou seja, de diferentes faixas etárias e de vivências escolares acerca da escola e da imagem que dela possuem. Existiu também a preocupação de inquirir alguns elementos representativos das entidades que desenvolvem actividades com a escola bem como de elementos da população.

3. Técnicas e instrumentos de pesquisa

Em termos de investigação de campo, utilizaram-se as duas estratégias que se seguem, referidas por Bogdan (1994), como as mais representativas da investigação qualitativa: entrevista, observação e análise documental.

A entrevista, segundo Umaña (2002: 55), constitui uma técnica em que o contacto entre o investigador e o entrevistado permite a compreensão das perspectivas do entrevistado sobre determinado objecto. Nesta técnica o investigador desempenha o papel de instrumento de investigação, não sendo simplesmente o aplicador de um guião de entrevista. O entrevistador não terá como objectivo único a obtenção de respostas, mas será capaz de seleccionar/escolher que questões colocar e como as colocar.

Nas palavras de Bogdan (1994: 134) *a entrevista é utilizada para recolher dados descritivo na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.*

Assim, a entrevista é uma conversa entre duas pessoas com uma intenção (Ghiglione e Matalon, 2005), entende-se que deverá ser obtido um ponto de vista sobre determinado assunto, que vá tanto quanto possível ao encontro dos objectivos delineados pelo investigador que, para isso, obterá um relato por escrito, ouvirá atentamente, tomará notas e controlará a recolha de dados (Stake, 2007).

Optamos por uma entrevista semi-directiva, porque era o tipo de entrevista mais adequada na nossa investigação. Esta designação é efectuada por Ghiglione e Matalon (1997: 83) distinguem três tipos de entrevista: directa ou estandardizada que obedece a um quadro de referência anteriormente definido tanto a nível dos temas como a nível das categorias de abordagem; semi-directiva – a conversa acontece segundo um esboço, isto é faz-se um guião de entrevista, onde se coloca ao entrevistado um determinado quadro de referência global sobre os temas, deixando liberdade para a sua abordagem; não directiva – o entrevistador coloca um tema inicial para inserir a conversa, deixando que o entrevistado ajuíze livremente sobre o tema em estudo.

As entrevistas foram conduzidas a partir de um guião organizado em torno de alguns itens orientadores que reflectem o tipo de questões abordadas. E que resultam do enquadramento teórico definido. Concretamente: Componentes das representações sociais; estruturas cognitivas de representação; processos sócio cognitivos; momentos de objectivação; relação escola comunidade – factores de mudança; modelo teórico de mudança; mudanças verificadas entre a escola e a sociedade; interacção escola comunidade no processo de mudança; adaptações da escola e da comunidade face à mudança; e solicitações efectuadas entre a escola e a comunidade.

A operacionalização das entrevistas foi conduzida a partir destes tópicos, que integram o guião de entrevista elaborado apenas como um instrumento orientador da conversa. Contudo, importa ter sempre em conta que é necessário respeitar a expressão do pensamento dos entrevistados e a continuidade do seu discurso, ou seja, por um lado há que levar os entrevistados tanto quanto possível, a abordar o tema proposto, mas, por outro lado, há que tentar não influenciar a orientação do discurso ou o conteúdo das respostas.

As entrevistas foram realizadas junto dos entrevistados seleccionados e já referidos e decorreram entre 30 de Junho e 4 de Agosto de 2010, em locais convenientes aos entrevistados.

A entrevista teve como finalidade a recolha de informação que permitisse a análise do discurso dos indivíduos entrevistados (Bogdan, 1994), para tal, todas as entrevistas foram alvo de um registo áudio, mediante autorização. Com esta técnica pretendemos que os entrevistados revelassem as suas representações, a partir do discurso produzido, ou seja, como constroem activamente a imagem que formam do objecto sobre o qual incidem as questões propostas pelo investigador. Assim, as diferentes perspectivas de análise sobre o pensamento dos entrevistados permitem compreender a organização das representações sociais e a natureza social das categorias.

De uma forma geral, desenvolvemos as entrevistas seguindo as orientações de Bogdan (1994) começando pela apresentação dos objectivos da entrevista, procurando manter o ser carácter aberto e flexível, com linguagem clara para o entrevistado, com um número moderado de tópicos orientadores com especial cuidado com o tópico

inicial, evitando emitir juízos de valor e permitindo o fluir da intervenção do entrevistado; e intervindo apenas se necessário.

Após a realização das entrevistas, foram transcritas o que permite uma análise e comparação da informação, nomeadamente no que diz respeito à categorização de dados e à sua interpretação iniciais.

Relativamente à segunda estratégia utilizada, observação, é de salientar que foram tomadas notas de campo ao longo de todo o processo de pesquisa, com particular atenção ao processo de entrevistas. Foram, assim, registados indícios não verbais, tais como gestos ou outros aspectos dignos de nota e não passíveis de registo em suporte áudio.

Finalmente, recorreremos a análise documental porque consideramos que os documentos escritos constituem um potencial de informações que o investigador não pode ignorar. O facto de os documentos constituírem uma fonte rica e estável de informações, permitirem o enriquecimento e a fundamentação de evidências e representarem uma fonte natural de informação. Reconhecendo essas características, decidimos mobilizar também a técnica de análise documental, perspectivando cruzar ou complementar a informação proveniente das outras fontes e técnicas referidas.

A análise documental visa seleccionar, tratar e interpretar informação. No presente estudo, a análise documental foi realizada de forma transversal e visou a caracterização da imagem da escola na imprensa açoriana e nacional (Açoriano Oriental, Visão), bem como a visibilidade mediática das actividades realizadas pela escola neste *medium*. Numa primeira fase, procedemos à recolha de notícias, seguida da leitura dos documentos seleccionados. A documentação seleccionada foi posteriormente agrupada de diferentes categorias.

4. Procedimentos de Análise da informação recolhida

A informação recolhida a partir das várias técnicas de investigação definidas foi tratada com base na análise de conteúdo (Bardin, 2003; Ghiglione et al., 1980; Vala, 1993). Procuramos, assim, analisar as dimensões: informativa (relativamente à

informação) e avaliativa (relativamente à atitude) dos conteúdos discursivos das entrevistas realizadas e das notícias recolhidas.

A técnica de análise de conteúdo é composta por três grandes etapas: a primeira – pré-análise, a segunda – exploração do material e a terceira – tratamento dos resultados e interpretação. A primeira etapa consiste na fase de organização, que pode utilizar vários procedimentos, tais como: leitura flutuante, hipóteses, objectivos e elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação. Na segunda etapa os dados são codificados a partir de unidades de análise de registo. Na última etapa efectua-se a categorização, que consiste na classificação dos elementos segundo as suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função das características comuns.

Segundo Bardin (2003: 42), a análise de conteúdo é um

conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Para iniciar o processo de análise de conteúdo (Bardin, 2003; Ghiglione e Matalon, 1997), é necessário construir um *corpus*, ou seja, o conjunto de documentos escolhidos para se proceder posteriormente à análise de conteúdo (Carmo e Ferreira, 1998: 272), criando-se para isso um quadro de categorias de análise e definição de unidades de análise.

Ao realizar a escolha do *corpus* há que ter em atenção as quatro regras fundamentais (idem: 272) a saber: *exaustividade* – considera todos os elementos do conjunto; *representatividade* – a parte seleccionada do conjunto deve ser representativa; *homogeneidade* – os documentos devem ser homogéneos e não apresentar demasiada singularidade face aos critérios de selecção; *pertinência* – os documentos escolhidos devem se adequados a fim de puderem corresponder à análise pretendida.

Em relação à categorização, Bardin (2003: 117) define como sendo a operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto de diferenciação e, seguidamente por reagrupamento segundo género (analogia), com critérios

previamente definidos. Ao citar Grawtitz (1993), Carmo e Ferreira (1998: 255) definem categorias como *rubricas significativas, em função das quais o conteúdo será classificado e eventualmente quantificado*. Na perspectiva destes autores, as categorias podem ser feitas “*a priori*” ou “*a posteriori*”. Optamos pela definição das categorias “*a posteriori*”.

A escolha de categorias é fundamental na análise de conteúdo e devem ter as seguintes características segundo Carmo e Ferreira (2008: 273): exaustivas – significa que todo o conteúdo que se tomou a decisão de classificar deve ser integralmente incluído nas categorias consideradas; exclusivas – os mesmos elementos não devem pertencer a mais de uma categoria; objectivas – as características de cada categoria devem ser explicadas sem ambiguidade e de forma suficientemente clara de modo a que diferentes codificadores classifiquem os diversos elementos, que seleccionaram dos conteúdos em análise, nas mesmas categorias; pertinentes – devem manter estreita relação com os objectivos e com o conteúdo que está a ser classificado.

Após a definição de categorias é necessário definir as unidades de análise. As unidades de análise (Carmo e Ferreira, 1998: 275) podem ser de três tipos: unidades de registo, unidades de contexto e unidades de enumeração. As unidades de registo são os segmentos mínimos de conteúdo que se consideram necessários para proceder à análise. Estas podem constituir-se em diversas distinções, sendo as mais usuais as unidades formais e unidades semânticas. As primeiras incluem a palavra, a frase, as segundas quando é usado o tema comum. A unidade de contexto constitui o segmento mais longo de conteúdo que o investigador considera quando caracteriza uma unidade de registo, sendo a unidade de registo o mais curto. A unidade de enumeração é a unidade em função da qual se procede à quantificação.

Segundo Bardin (1977: 105) *fazer análise temática consiste em descobrir núcleos de sentido*, que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido. Neste contexto, consideramos a inferência como o processo intermédio que permite a passagem entre a primeira etapa de descrição e enumeração das características do texto e a interpretação, fase derradeira em que se explica a significação concedida a estas características, num compromisso entre o desejo de rigor na investigação em curso e a necessidade em «descobrir, adivinhar ir além das aparências» Bardin (1977: 29).

Pelo próprio objectivo de desvendar o senso comum, os trabalhos inspirados pela teoria das representações sociais correm o risco de ter os pressupostos do investigador confundindo-se com as representações sociais dos grupos estudados. Assume-se que a objectividade possa ser alcançada através da discussão aberta com os pares quando procuram interpretações e explicações alternativas.

Flick (2001) reconhece que os pesquisadores são frequentemente confrontados com tópicos que são muito mais complexos do que os métodos disponíveis para abordá-lo. A abordagem qualitativa desenvolve delineamentos metodológicos que procuram ser suficientemente abertos para fazer justiça à complexidade dos temas actuais. Nesta abordagem os fenómenos são fragmentados em variáveis simples mas são estudados na sua totalidade.

Mesmo utilizando-se instrumentos e seguindo procedimentos metodológicos, não há como ignorar o carácter subjectivo da relação entrevistado/investigador. O investigador que indaga/questiona o entrevistado sobre factos que expressam a sua preocupação, e que fazem parte do quotidiano do entrevistado. Nessa interacção, nasce algo específico, que revestirá de carácter peculiar o resultado da pesquisa, conferindo a sua vertente subjectiva, pois os dois indivíduos tornam-se, forçosamente e momentaneamente, parceiros em interacção. Também nesta linha, Wallerstein e cols. (1996: 45), afirmam que: *o facto de o conhecimento ser socialmente construído significa também que é socialmente possível haver um conhecimento mais válido. O reconhecer as bases sociais do conhecimento, em nada contradiz o conceito de objectividade.*

O foco da investigação qualitativa permite uma compreensão mais aprofundada dos problemas, de certos comportamentos, atitudes ou convicções. Não há em geral qualquer preocupação com a dimensão das amostras nem com a generalização dos resultados. Também não se coloca o problema da validade e da fiabilidade dos instrumentos (tal como na investigação quantitativa).

No caso específico deste estudo, a formulação do sistema de categorias resultou das categorias definidas *à posteriori*, partindo do quadro teórico de referência e das questões de investigação, o que permitiu estabelecer assim um sistema misto de categorias, as quais relevam simultaneamente do quadro teórico de análise e das

características concretas dos materiais em análise. Ao construirmos as categorias, procuramos seguir o conselho de Bardin (2003: 113), no que se refere às qualidades das boas categorias nomeadamente: a homogeneidade, a pertinência, a objectividade e a fidelidade; a produtividade.

Numa segunda fase, após a definição do *corpus* da análise e das categorias procedemos à exploração do material seleccionado, através da sua codificação. Segundo Holsti, *a codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exacta das características pertinentes do conteúdo* (citado por Bardin, 2003:97).

No processo de codificação todo o material empírico foi codificado, ou seja, foi segmentado em unidades de sentido, sendo que cada uma das quais foi referenciada a uma das categorias definidas. Na prática, procedemos à escolha e identificação das unidades de análise: unidades de registo, unidades de contexto e unidades de enumeração. Na codificação do material analisado, e segundo Bardin (2003) e Vala (2005), a unidade de registo (unidade de conteúdo mínima pertence a uma dada categoria) considerada foi o tema, uma vez que as categorias são do tipo semântico, e a unidade de contexto (segmento de conteúdo mínimo que dá sentido) foi normalmente o parágrafo ou a resposta a uma dada questão.

Por último, o processo de codificação deu origem à produção de um *corpus* de informação trabalhada e organizada em função dos objectivos e das questões de investigação, o que nos possibilitou a obtenção de indicadores que nos permitiram propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objectivos e das questões de investigação.

A análise envolve, assim, o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões e descoberta de aspectos decisórios sobre aquilo que deve ser transmitido aos outros, após um juízo analítico do que se está a estudar. Este processo torna-se particularmente importante para a passagem da teoria substantiva à teoria formal. Enquanto a primeira, ou seja, a teoria substantiva, se centra numa determinada situação ou determinados temas que estão a ser estudados, a teoria formal tem a ver com o produto final da investigação.

No que se refere ao modo como as dinâmicas sociais serão estudadas, realizaremos a análise de conteúdo das entrevistas, para identificar se ocorreram

mudanças, quais foram elas, qual a razão que favoreceu o seu aparecimento, como foi possível a sua perpetuação no tempo, como foi que a sociedade reagiu face as mesmas. Ainda no campo do estudo das dinâmicas sociais, será efectuada a análise documental de notícias publicadas sobre a escola, estas servirão como uma perspectiva exterior das mudanças verificadas, não só no que se refere a nível regional e nacional.

Capítulo IV

Interpretação e Análise de Conteúdo

1. Interpretação e análise de conteúdo das entrevistas

1.1. Componentes das representações sociais

De acordo com a análise das entrevistas efectuadas no âmbito do presente estudo, podemos mencionar tendo como pontos de referência o campo das representações sociais da escola (abordadas já no capítulo I) e o campo das dinâmicas sociais (abordadas antes no capítulo II), em que a escola se encontra inserida e configuram o enquadramento teórico da nossa pesquisa.

As representações sociais da escola na componente social refere o acto de representar, enquanto acto de pensamento através do qual o indivíduo se reporta a um determinado objecto, já na componente psicológica diz respeito ao facto das categorias que estruturam e exprimem a representação, serem constituídas através da influência da acção sócio cultural, apresentarem um papel determinante em todas as entrevistas, este facto é referido no decurso das mesmas, como se pode constatar no seguinte excerto:

hoje em dia não se passa sem a escola; tem um significado muitíssimo importante; há uma interrelação, a escola não passa sem a comunidade e a comunidade não passa sem a escola; há uma ligação muito forte entre a escola e os pais, há uma relação maior entre a escola e os pais; a escola está sempre a servir a comunidade em termos culturais, de instrução, a escola está sempre aberta; a escola é muito importante sem sombra de dúvidas. Só que colocar a escola num lado e a comunidade noutro é um pouco difícil, porque estão as duas interligadas e torna-se difícil passar uma sem a outra (E.102).

Este aspecto confirma a posição de Jodelet (1984) *em todos os casos a representação remete para o acto de pensamento, que resistiu simbolicamente qualquer coisa ausente, que aproxima qualquer coisa do longínquo*, através do qual o indivíduo se reporta a um determinado objecto ao mencionar a representação que possuíam sobre a escola. Já na componente social, a mesma autora apresenta como sendo construída pela influência sociocultural da comunidade, na qual a linguagem permite representar um objecto em estudo, neste caso a escola remete-nos para um passado/presente expresso em duas das entrevistas *Naquele tempo não havia outra solução, não havia*

que achar ou deixar de achar, ou para as Flores ou para o Faial, ... e as informações que passavam de lá para cá eram boas (E.102); a escola é o elo de ligação entre a escola e a comunidade educativa, a comunidade em geral (E: 104).

A influência que a comunidade exerce sobre a escola foi sendo alterada com o decurso dos anos. Actualmente, é solicitado à escola que promova atitudes com vista à igualdade de oportunidades e de acesso. Assim, a formação dos alunos como cidadãos conscientes e responsáveis é assegurada por todos os elementos da comunidade educativa denotando-se boa comunicação entre pais, alunos, professores e órgãos de gestão na entrevista E.101 *a escola tem o significado que qualquer outra escola tem, é um local de aprendizagem, é um local em que os professores têm e dinamizam actividades de partilha.* Neste sentido a escola da ilha do Corvo, caracteriza-se pela abertura às solicitações da comunidade e pelo envolvimento entre ambas, tal como se refere na entrevista E.101 *é um pólo de desenvolvimento cultural aqui na ilha.*

No que se refere aos processos sócio cognitivos na componente psicológica a representação que a comunidade corvina possui da escola traduz o seu entendimento enquanto elemento fundamental para a formação dos alunos e para a dinamização de actividades que a envolvem. Ao nível da componente social é construída pelas influências da acção e principalmente pela linguagem que a sociedade corvina apresenta, nas suas atitudes e comportamentos que se referem à escola E.106 *é uma vantagem para os miúdos que ficam com mais escolaridade e ficam na sua ilha.*

1.2. Estruturas cognitivas de representação

As representações sociais da escola apresentam diferentes tipos de estruturas cognitivas que podem ser uma representação partilhada por um conjunto de indivíduos – *critério quantitativo um conjunto de conceitos e explicações criado na vida quotidiana no decurso da comunicação* Vala (2006: 458). No caso em estudo, os entrevistados participaram nas actividades promovidas na escola, referindo que a escola representa um pólo de formação para os alunos e comunidade em geral. A relação escola comunidade pauta-se, assim, pela abertura da escola das actividades que realiza, de carácter pedagógico, cultural ou recreativo procurando envolver a comunidade -

porque a escola vem sempre pedir o auxílio dos pais, vem sempre pedir o auxílio da comunidade para se interligarem com as actividades da escola (E.104).

A divulgação das actividades é efectuada através de editais ou da plataforma *moodle* da escola e a comunidade corresponde não só com a sua presença, mas também, com a colaboração que presta à escola na concretização de certos eventos. Este aspecto remete para o *critério genético* segundo o qual a representação é produto de interacções e fenómenos no interior da escola e da comunidade, e que reflecte os problemas, estratégias e relações com outros grupos Vala (2006: 461). Este aspecto também se pode observar na entrevista E.101 *somos requisitados por muitas instituições, não só para trabalharmos com outras instituições, para empréstimo dos espaços, para colaborar em eventos culturais*. Nas interacções e fenómenos de comunicação que se estabelecem no interior da comunidade corvina, os entrevistados enunciaram com principal problema a não leccionação do ensino secundário regular. Os entrevistados mencionaram ainda que deve ser alargada a leccionação da escolaridade obrigatória, permitindo, deste modo, a igualdade de oportunidades para todos os alunos.

O *critério de funcionalidade* são os organizadores das relações entre os actores sociais, constituindo um guia para a comunicação e atitudes e contribuindo para a diferenciação das representações sociais segundo Vala (2006: 462), este aspecto surge nas entrevistas E.101 - *esta escola não foge aquilo que é normal de qualquer escola; e E.110 - é uma instituição onde aprendemos a ser alguém. Isto é assim, uma pessoa quando vai para a escola não é só formação que a escola nos dá. Temos de levar alguma formação dos pais, de casa, e essa formação é importante para o ensino*.

Como refere Moscovici (2003: 221) *as nossas representações são sempre filtradas através do discurso dos outros das experiências que vivemos, das colectividades às quais pertencemos*. Neste âmbito a escola demonstra ao nível da formação prestada aos alunos, o envolvimento dos familiares no acompanhamento das suas actividades académicas e culturais realizadas.

Ao analisarmos as funções da escola constatamos que possui funções distintas para cada um dos seus intervenientes: alunos - formação; professores – pólo de acção; encarregados de educação – forma de transmissão de informações; comunidade – formação e informação. Estes intervenientes encontram-se interdependentes, uma vez que a escola apresenta um sistema de interpretação e de classificação de pessoas e de

conhecimentos, a título de exemplo podemos citar as actividades desenvolvidas na escola.

As relações que a escola estabelece com os outros intervenientes caracterizam-se pela disponibilidade em colaborar com a comunidade, promovendo acções que satisfaçam as necessidades de formação académica e cultural dos seus destinatários. Ou seja, através da acção da escola produzem-se símbolos sociais que segundo Vala (2006: 479-484) expressa a *função de organização significativa do real*. O autor defende que se transformam aspectos descritivos em explicações, isto é, a *função de explicitação e de argumentação* em que é valorizada a escola e a transmissão de valores.

A *função de diferenciação social* ocorre por via da análise da especificidade das representações geradas por cada grupo social numa situação concreta, é o caso da atribuição de novas capacidades e funções à escola à qual se solicita a integração de actividades diferenciadas. A *função de organização dos comportamentos e das comunicações* patente nas estruturas cognitivas de representação – emerge das funções da escola para cada um dos seus intervenientes.

Nas representações sociais dos entrevistados apresenta-se a escola como formadora e educadora dos alunos, mas também de toda a comunidade

a escola para além de prestar um serviço às crianças, à própria população estudantil, presta também um serviço à comunidade, porque há vários eventos que são feitos ali na escola (E.102); a escola serve para fazerem lá formação, já vi lá pessoal a fazer formação das pescas, a Adeliaçor, porque é um espaço onde tem espaço mais do que suficiente para as pessoas aprenderem (E.105).

Efectivamente, a relação da escola com outros intervenientes da comunidade é caracterizada pelas suas representações sociais, dependentes do contexto social. No contexto específico da comunidade em análise verifica-se algumas condicionantes específicas, como a pouca oferta de actividades culturais na ilha, tornando-se a escola a sua principal dinamizadora. Os eventos realizados pela escola de modo autónomo ou por solicitações de outras entidades, caracterizam-se pela acção de abertura e de colaboração com as várias entidades proponentes e parceiras, traduzem-se numa relação positiva entre a escola e o meio.

A estes factos, aliam-se as novas tecnologias de informação e comunicação que tendem a incutir um aspecto mais dinâmico ao relacionamento. Alguns dos

entrevistados realizaram a comparação com a escola de antigamente, afirmando que as relações com a escola se alteraram possibilitando a integração de novos elementos e de novas dinâmicas - *a comunidade, os pais, os miúdos está tudo integrado, antigamente não era assim* (E.104);

Antes os pais sabiam respeitar os professores. Eu acho que dantes havia uma melhor educação do que não há hoje. Porque eu lembro-me, por exemplo, no meu tempo, a professora na primeira reunião que falava com a minha mãe e ela dizia-lhe, se ela se portar mal e for preciso dar-lhe, dá.

Hoje, nem um berro se pode puxar, porque o menino se vai dizer em casa ao pai, o pai fica ofendido e já vem brigar com o professor (E.109).

Vala (2006:462) afirma que uma representação social *é no quadro definido por uma partilha colectiva, mas sobretudo por um modo de produção socialmente regulado e por uma funcionalidade comunicacional e comportamental, que as representações sociais devem ser entendidas como fenómenos e como conceito* contribuindo para este aspecto os indicadores resultantes da análise das entrevistas como são: o significado da escola para a comunidade, a sua relação com os pais e a comunidade em geral, a escola promotora de eventos, a utilização das instalações da escola nomeadamente o ginásio, maior espaço coberto da ilha.

As condições e localização da escola favorecem a sua utilização pela comunidade e a abertura do órgão de gestão, para a concretização das actividades contribuem para a representação social da escola. A representação social da escola é alterada de modo gradual, em virtude da sua acção, junto das entidades promotoras veicular uma imagem de parceria e colaboração evidente nas actividades que desenvolvem em conjunto.

1.3. Processos Sócio cognitivos

A objectivação e a ancoragem como processos sócio cognitivos das representações são essenciais para a vida dos indivíduos, mais especificamente para se conhecer de que forma professores, alunos e funcionários organizam os seus elementos constituintes e de que modos os materializam, tornando-se expressões sobre a realidade vista como natural. Ou seja, como as imagens abstractas se transformam em concretas pelo reagrupamento de ideias centradas no mesmo assunto. Assim, a objectivação foi expressa nos seguintes aspectos: envolvimento dos docentes na formação dos alunos,

factores que afastam as pessoas da escola, aspectos de melhoria na vinda e da acção dos professores, melhoria das condições de ensino, a escola como formadora, potencialidades da escola, mudança do horário das festas, alterações verificadas.

Em síntese, a comunidade desenvolveu a sua visão da escola através das acções que esta instituição desenvolve directamente com os alunos e com a própria comunidade, facilitando deste modo, a passagem à ancoragem. A ancoragem verifica-se a passagem do não familiar em familiar, como são exemplos as mudanças verificadas no cumprimento da escolaridade obrigatória, ser uma escola básica integrada, os alunos deixarem de ter de se ausentar da ilha para prosseguirem estudos, com implicações num maior envolvimento dos pais na vida dos seus educandos (filhos).

A imagem da escola para a comunidade logo à partida é positiva, o facto de os alunos permanecerem mais três anos junto da sua família, não abandonando o seu meio social. Existe de igual modo a possibilidade de prosseguirem estudos via internet (ensino mediatizado) ou pela frequência do ensino secundário recorrente.

1.4. Momentos de objectivação

No que se refere aos momentos de objectivação, segundo Vala (2006) abrange três etapas que são: a construção selectiva em que as informações e ideias sobre a escola sofrem um processo de selecção e descontextualização; na esquematização ocorre a organização dos elementos e na naturalização os conceitos retidos no esquema figurativo e as respectivas relações constituem-se como categorias naturais que adquirem materialidade tornando-se equivalentes à realidade e aos conceitos.

Nesta perspectiva identificamos a selecção de informação com o momento da construção e implementação da escola no Corvo, em que os indivíduos seleccionam os aspectos considerados mais significativos segundo o seu quadro individual de referências. Pode-se afirmar que as representações sociais da escola sofreram alteração após a construção do edifício escolar, uma vez que este reuniu as condições necessárias para receber as turmas do 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico, este facto é mencionado nas entrevistas E.102 *o simples facto de não terem espaço para fazerem a festa de Natal*, e E.106 *nem que seja só a parte da biblioteca e aquele ginásio. Não existia nada aí.*

A escola e a comunidade apresentam uma mudança gradual, ou seja, o bom relacionamento e a implementação da escola possibilitou a oferta da escolaridade básica obrigatória, na ilha do Corvo, caracterizando-se pela proximidade no relacionamento pais e professores.

Na segunda etapa a esquematização é efectuada um relacionamento de partilha, verificado pela abertura da escola à comunidade e pela colaboração que a própria comunidade presta à escola, sendo a imagem que a comunidade possui sobre a escola de positivas. Aliada a esta valência verifica-se a possibilidade de prosseguirem estudos via internet (ensino mediatizado) ou pela frequência do ensino secundário recorrente.

Como terceiro e último momento ocorre a naturalização em que se realiza a integração do conceito de escola, aglutinando e operacionalizando os dois momentos anteriores selecção e esquematização. Tendo-se verificado alteração na relação professor/aluno, para a qual concorreram o tempo e a evolução da sociedade.

Na naturalização os conceitos retidos no esquema figurativo e as respectivas relações constituem-se como categorias naturais que adquirem materialidade tornando-se equivalentes a realidade aos conceitos. Este aspecto é corroborado por Vala (2006: 501) *As representações são transformadas em função dos atributos típicos das categorias sociais contextualmente tornadas salientes, e das relações sociais entre categorias* como refere o entrevistado E.112 *A escola agora nota-se uma grande alteração em relação aquilo que estava.*

O espaço disponível no novo edifício permitiu a realização de actividades diversas promovidas pela escola e pela comunidade traduzindo-se como se tem vindo a referir, a abertura da escola à comunidade. Estes aspectos conduziram a que fosse elaborada a figuração de esquemas ou à divisão icónica da abordagem da escola. Para Vala (2006: 465) a objectivação consiste em *identificar os elementos que dão sentido a um objecto, à sua selecção num conjunto de mais vastos de conceitos, as relações entre esses conceitos (reconstrução de esquemas).*

Na naturalização os conceitos retidos no esquema figurativo e as respectivas relações constituem-se como categorias naturais que adquirem materialidade tornando-se equivalentes a realidade aos conceitos. Este aspecto é corroborado por Vala (2006: 501) *As representações são transformadas em função dos atributos típicos das*

categorias sociais contextualmente tornadas salientes, e das relações sociais entre categorias.

O afastamento do seu meio familiar era um encargo financeiro para a família e um corte com as suas relações regulares, com o meio local como referem as entrevistas E.105 Sair com 11 anos, de ao pé do papá e da mamã, é complicado também, e E.106 Alguns que tinham hipóteses financeiras iam para fora e estudavam, e as que não tinha hipóteses financeiras ficavam por cá. Desde que veio para cá o 9º ano, não está criança nenhuma que não tenha o 9º ano concluído.

A chegada de mais professores à ilha foi outro factor que favoreceu as relações com a comunidade, uma vez que no quotidiano utilizavam os meios da comunidade, tornando as suas interacções mais frequentes e mais acessíveis, facto evidenciado na entrevista.

A escola passa a ser vista pela comunidade como um espaço que hoje em dia faz parte da vida das pessoas. As pessoas hoje em dia já falam da escola, já vão à escola, já procuram a escola. Se vêem os professores na rua já falam com eles com muita à vontade, há uns anos atrás não era assim.

Hoje em dia é assim, se a gente tem um problema qualquer, a gente vai lá com a maior das facilidades, fala com qualquer um dos professores, se tem um problema com um miúdo fala muito bem qualquer um dos professores. Sabe há uns anos atrás não era assim que se verificava (E.104).

No entanto é referido noutra entrevista que a relação entre pais, comunidade e professores nem sempre é igual e por vezes assume contornos irregulares

Hoje, nem um berro se pode puxar, porque o menino se vai dizer em casa ao pai, o pai fica ofendido e já vem brigar com o professor (...) agora já não há muito respeito, nem mesmo os alunos com os professores o respeito perdeu-se. Agora as coisas são tratadas de uma forma mais fria (E.109).

A escola pela sua localização e condições que apresenta, por ser o maior espaço coberto na ilha, frequentemente a comunidade solicita o ginásio para a realização de eventos culturais e recreativos. Segundo a maioria dos entrevistados o órgão de gestão da escola dá parecer favorável às solicitações efectuadas, desde que não interfiram com o normal decurso das actividades escolares.

Como temos vindo a referir a escola promove um vasto leque de actividades que realiza, ao longo do ano lectivo, sendo as de maior relevância a festa de Natal e de

encerramento das actividades lectivas. A escola colabora com instituições locais e regionais, estabelecendo parcerias, protocolos e aderindo a projectos como são o Projecto Eco-escolas, Comenius e o Parlamento dos Jovens.

A imagem que a escola possui é, então, construída a partir do relacionamento entre os diversos intervenientes, na escola (alunos, professores e funcionários) e das acções que estes desenvolvem a comunidade. Assim através dos processos sócio cognitivos de objectivação e ancoragem formam-se as representações sociais sobre a escola.

Alguns dos entrevistados referiram aspectos directamente relacionados com a acção dos pais e encarregados de educação na vida escolar dos alunos, se antigamente era caracterizada pela fraca intervenção e pouca solicitação da escola, actualmente a escola solicita a presença dos pais no acompanhamento da vida escolar dos seus filhos e a nas actividades que a escola promove directamente com os alunos (festas) ou ainda direccionadas para a comunidade em geral como é o caso da formação. Os pais possuem, actualmente representação nos órgãos de escola, algo pouco provável com o enquadramento legal que vigorava há anos atrás, de acordo com uma das entrevistas (E.102) imperava um clima de medo e não um clima de igualdade e liberdade de expressão.

1.5. Relação escola comunidade - Factores de mudança

A dinâmica social existente na sociedade corvina foi remetida impulsionada a partir do momento em que se inaugurou o edifício escolar.

A população e os representantes do poder local reivindicavam a leccionação da escolaridade básica obrigatória no Corvo, o que não se verificava antes - *apesar da escolaridade obrigatória os estudantes ainda ficavam na ilha* (E.103);

Era uma aspiração grande que já há muitos anos havia para ser feita a escola cá e quase que não, e quando o governo foi de cá, o presidente da câmara municipal já foi com eles, lavrar o acto de contrato, e foi a partir daí, senão não se apanha. Apanhou-se uma boa oportunidade para se acabar com o que se reivindicava (E.107).

Neste sentido pode ser considerado um factor de mudança uma vez que se modificou a forma de organização social, os valores, o modo de pensar, o nível e o estilo de vida da população corvina Pais (2000). Este factor é endógeno, surgiu no seio do sistema social para cuja transformação contribuiu a sociedade corvina pela reivindicação na construção da escola que se prolongou por vários anos. Como factores exógenos temos o alargamento da escolaridade básica obrigatória, que era uma realidade em todas as ilhas da região Autónoma dos Açores, até 1996, com excepção da ilha do Corvo, o que colocava os alunos e toda a população em desvantagem, com menores oportunidades de acesso ao ensino básico obrigatório.

O número de alunos que se ausentavam da ilha para prosseguir estudos após a conclusão do 6º ano de escolaridade não abrangia a totalidade dos alunos. Apesar do governo fornecer incentivos financeiros às famílias, este era ainda um grande encargo económico para as famílias, e o apoio concedido não era suficiente para se manterem os alunos a estudar até ao nono ano de escolaridade. Este factor é mencionado na entrevista E.108, *mesmo os próprios jovens não mostravam interesse em estudar lá para fora. Porque é que não gostavam de estudar lá para fora? Eu também fui e não gostei, ficasse longe dos amigos, longe da família, longe de casa.* Aliado a este factor soma-me a parte afectiva referida na entrevista E.104 - *O incentivo não é suficiente, porque tem a parte afectiva, e essa aí a gente sofre muito e não há dinheiro que o pague.* Em suma, as mudanças operadas ao nível das dinâmicas sociais da comunidade corvina tiveram como ponto de referência principal a construção da escola que alterou de modo significativo a sua imagem na ilha.

1.6. Modelo teórico de mudança

Se nos debruçarmos mais sobre o modo como o impacto da escola na comunidade corvina podemos observá-lo sob o ponto de vista de Kurt Lewin (1958), segundo o modelo teórico de mudança o qual é constituído por três fases: descongelamento, mudança e recongelamento à medida que relembramos sumariamente cada um, analisamos cada um também, segundo as informações fornecidas pelas entrevistas. O *descongelamento* caracteriza-se pela insatisfação e corresponde ao momento em que os valores, atitudes ou comportamentos anteriores geram confronto com novas

experiências ou informações, desafiando-os, conduzindo-os à insatisfação com o panorama actual da situação. Neste estudo foi evidente a insatisfação pela ausência da leccionação do terceiro ciclo do ensino básico na ilha, que obrigava os alunos a ausentarem-se da ilha para a conclusão da escolaridade obrigatória, afastando-os do seu meio familiar, era um encargo financeiro acrescido para as famílias. Este factor foi referido nas entrevistas E.107

Era preciso ter (fez o gesto do dinheiro com os dedos) já no meu tempo quem tinha lavoura e tinha um funcionário na família é que podia manter os filhos fora a estudar. A escola não era como agora. ... quem estudava pagava depois livros, passagens, alojamento lá e na entrevista

e E.102

porque fazia um preço mais barato do que as casas particulares. Só para lhe dar um exemplo, já nessa altura as casas particulares levavam 3 contos, ao passo que lá era 2 e 800, eram 200 escudos que poupavam e naquele tempo era muito dinheiro.

A fase de *descongelamento* apresenta três mecanismos que são: a desconfirmação, a indução da culpa ou ansiedade e a criação de segurança psicológica, mecanismos patentes nas entrevistas ao mencionarem a actual situação, (E.105) *mas havia de haver era mais escola até ao 12º, mas não há, ... Essa história do 12º ano vir para o Corvo, a questão é só os professores, de escola a gente tem mais do que suficiente, se não da numa hora dá noutra. Agora a questão mesmo é só da parte dos professores*, este mecanismo de mudança ainda se encontra na sua fase inicial.

No que se refere à mudança operada com a construção da escola e implementação da escolaridade básica obrigatória, na altura o nono ano, as fases do modelo teórico de mudança estão concluídas e as afirmações das entrevistas elucidam cada uma das suas fases e dos mecanismos inerentes a cada. Fase de descongelamento: mecanismo de *desconfirmação - antes leccionava-se até ao 6º ano e isso à partida era mau* (E.111); mecanismo de *indução da culpa ou ansiedade - saí de casa com 11 anos para estudar, fui para fora tinha de ser* (E.111); *criação de segurança psicológica - O que acha desta oportunidade dos alunos estarem na ilha até ao nono ano? Acho muito bem, acho muito bom* (E.111). De acordo com os pressupostos enunciados anteriormente ocorreu a mudança de mentalidades, a escola passa a apresentar uma vertente reivindicada pela população, principalmente pelos representantes do poder local.

Fase de mudança – A escola significa muito e tem uma coisa, é que os alunos, agora, não caminham de cá, porque os alunos acabavam a 4ª classe e tinham de sair. Tinham de deixar a casa dos pais e ir para aí para fora abandonados. Só isso já significa muito (E.107). Este aspecto referido na entrevista pressupõe que o grupo, comunidade, mude para um novo nível de comportamento, adquirindo novas atitudes, valores e comportamentos, como defende Carvalho (1996: 324-325)

Esta mudança é um processo socio-cognitivo, afectivo e comportamental e não se verificará realmente se não existir motivação prévia das pessoas ou dos grupos para adquirir nova informação que permita ver a situação de um modo diferente.

Segundo Shein (1987) nesta fase podem ocorrer dois mecanismos a *identificação com o novo modelo* que permite a análise do ponto de vista dos outros, contribuindo para a possibilidade de actuar segundo padrões diferentes do seu, ou o mecanismo de *perscrutação da envolvente* que consiste na procura de informação para a aprendizagem e compreensão de novos conceitos, considerados relevantes para que a redefinição da situação que se pretende alterar, como comprova a afirmação da entrevista E.111 *A escola tem um papel muito importante e devem estar em conjunto os pais e a escola (E.111) e A partir de alguns anos atrás, começou a ser até ao 9º, eu acho que é muito importante, porque eles estão no meio da família e conseguem levar as bases essenciais quando saem aqui do Corvo (E.104).*

Na última fase do processo de mudança o *recongelamento* dá-se a estabilização das mudanças ocorridas e que se encontram interligadas aos processos operacionais e usuais correntes das organizações como o mencionado na entrevista E.104 *Eu acho que houve mudança e depois a partir da mudança houve manutenção, se não volta tudo atrás outra vez.* No entanto, um do entrevistados não defende esta ideia afirmando (E.109) *Eu acho que continua tudo na mesma cada macaco no seu galho,* [mencionando apenas o aspecto relacionado com o edifício escolar] *Eu acho que não foi necessário fazer alterações, mas foi necessário fazer uma escola nova que comunidade teve de se habituar a um edifício grande,* [prossequindo para a relação pais professores] *Eu acho que dantes havia melhor educação do que há hoje,* [este aspecto é extensivo à relação alunos professores, mencionando a redução verificada no número de alunos em comparação com o tempo em que frequentou a escola, o aumento do número de alunos],

Porque eu acho que há dez anos havia muito mais do que hoje. A gente era uma catrefada deles.

Nesta fase podemos enumerar dois mecanismos, o *recongelamento pessoal* onde é permitido ao sujeito verificar e rectificar sobre os seus comportamentos ou atitudes de acordo com os seus valores, e se sente conforto, aprova, as mudanças ocorridas. O segundo mecanismo o *recongelamento relacional* é o processo que permite verificar se os outros indivíduos do grupo de referência aceitam e confirmam os novos padrões de comportamento e atitudes resultantes da mudança. Com base nos factos apresentados anteriormente a mudança ocorre de acordo com factores emocionais e cognitivos, como defende Kurt Lewin 1958, tendo como base as relações interpessoais e grupais presentes em cada fase do processo que possibilitam e facultam a utilização de técnicas para o desenvolvimento do processo de mudança, como são o afastamento dos alunos desde muito cedo cerca dos 11 anos e a melhoria das condições de leccionação, mencionado nas entrevistas E.103 *Eu tenho muito orgulho porque foi a primeira da região*; E.109 - *Eu acho que as pessoas têm orgulho na escola. As pessoas daqui têm.*

1.7. Mudanças verificadas entre a escola e a sociedade

As mudanças verificadas na sociedade repercutem-se na escola, na medida em que os alunos, funcionários e professores fazem parte dessa mesma sociedade, como temos vindo a referir, esta mútua influência verifica-se, não só a nível físico por exemplo como a construção da escola mas também a nível humano como por exemplo com o aumento do número de professores.

A sociedade desenvolve uma série de relações com os membros da comunidade escolar, estas relações existentes actuam como processo de pertença, adaptação, participação, comportamento, autoridade, burocracia, conflito, entre outros. A escola sempre tem envolvido de modo activo os pais e encarregados de educação e famílias dos alunos na concretização de eventos, sendo na sua maioria extensivos a toda a população. Isto aparece referido por um dos entrevistados que embora não possuindo familiares directos na escola responde às suas solicitações, *as festas que são promovidas lá, ainda a última que houve agora no fim do ciclo. Eu adorei. Foi boa* (E.107). A receptividade é, pois, um aspecto em comum, tanto na escola como na comunidade o

que traduz num bom relacionamento. As adaptações da escola e da comunidade são fruto dos factores de mudança que se desenvolvem através das interacções estabelecidas entre a escola e a comunidade como forma de manutenção ou evolução da mudança.

1.8. Interacção escola comunidade no processo de mudança

Segundo Gómez (2007: 253) citando Martín-Moreno Cerrilo as razões de abertura da escola à comunidade podem agrupar-se em quatro factores: *didácticos organizativos* em que se situam argumentos como os novos ambientes de ensino aprendizagem organizados para o trabalho autónomo dos alunos; *sócio-pedagógicos* que se dividem na luta contra o fracasso escolar sócio-cultural e a tendência da nossa sociedade na educação permanente; *económicos*; *demográficos*.

Como ilustração do factor sócio-pedagógico podemos apresentar as afirmações da entrevista E.108

Um dos motivos para haja que cada vez mais adesão da comunidade, no Corvo, a essas actividades no Corvo, são poucas e as que há são de aproveitar e porque também por exemplo a sociedade cada vez tem mais escolaridade do que não tinha há 30 anos atrás e as pessoas já têm o conhecimento das coisas, e cada vez mais procuram esse conhecimento para se manterem na actualidade, aprende-se ao longo da vida

Como exemplo do factor económico mencionado na entrevista E.107 *quem estudava pagava depois livros, passagens, alojamento lá. Já me lembro de no meu tempo, só as casas muito abastadas de lavoura e nessa casa havia um funcionário, em que havia dinheiro e era certo todos os meses*

E como factor demográfico as influências exteriores expressas na entrevista seguinte:

Recebe essas boas ou más influências exteriores, não só pelos dos meios de comunicação social, mas em toda a sociedade no seu todo, mas também pela vinda para cá de outras pessoas que não são naturais (E.110)

A escola realiza acções de formação direccionadas para a comunidade, como são exemplos o ensino da utilização das novas tecnologias de informação e comunicação ou

as potencialidades de programas informáticos como o Word e o Excel. Estas acções promovem a aquisição de novas competências na literacia digital.

Ideia esta, confirmada por Silva (1998: 90) as estruturas tendem a reproduzir-se, ao mesmo tempo que reproduzem os agentes dotados de um sistema de predisposições que os tornam aptos a criarem as práticas ajustadas às estruturas, contribuindo, desse modo, para a reprodução das próprias estruturas.

No que diz respeito aos factores didáctico organizativos os mesmos situam-se ao nível da participação da escola no processo de mudança, surgindo novos ambientes de aprendizagem que permitem um trabalho mais autónomo do aluno, ao serem fornecidos os instrumentos necessários para a realização da tarefa. A participação mais significativa no processo de mudança iniciou-se com a implementação da escolaridade básica e a melhoria das condições de ensino, como refere a entrevista E.111 *Os alunos têm melhores condições com a construção do novo edifício. Não já antes se leccionava o ensino básico, mas ficou com melhores condições para o ensino, e isso alterou a relação entre a escola e a comunidade.*

1.9. Adaptações da escola e da comunidade face à mudança

Ao nível das adaptações da escola e da comunidade face à mudança verificou-se na escola uma abertura à comunidade com o incremento de novas relações mais interventivas e direccionadas para um fim comum, o sucesso educativo. Esta adaptação foi aceite pela comunidade como forma de participação democrática, e ocorreu com a representação dos pais e encarregados de educação, funcionários e alunos, nos órgãos de escola. A regulamentação da participação destes novos elementos é regida de modo formal pela legislação em vigor, de modo não formal pelo regulamento interno da escola e de modo informal pelas acções/actividades desenvolvidas pela escola e pela comunidade. Esta ideia surge numa das entrevistas (E.108) - *Isso leva a que cada vez mais, mais pessoas visitem a escola e as suas actividades, o que acaba, de ano para ano, cada vez vêm mais pessoas à escola e isso leva a que a escola seja cada vez mais influente na sociedade.*

Das relações que se estabelecem ao nível da regulamentação, a participação dos pais e encarregados de educação e dos alunos será uma participação activa, como demonstra a afirmação da entrevista E.111

No meu tempo não participavam, vinha era o recadinho para casa e talvez iam lá, se calhar no fim do ano buscar as notas, mas isso eu não sei lá muito bem. Participar e envolvidos como estão agora, não estavam.

No entanto é referido em algumas entrevistas que a participação dos elementos da comunidade será, em alguns casos, mais reservada ou passiva. Por exemplo, na de acordo com a entrevista E.103 - *eu acho que a escola tem feito as actividades normais que tem feito durante os anos escolares*, e E.109 *as actividades que há ou da escola ou da comunidade não lhes interessa*.

No que concerne à orientação da participação da comunidade esta será convergente, na medida em que se identifica com os objectivos da escola. A interdependência escola comunidade possibilitou que as adaptações se realizassem de modo simultâneo e recíproco. As adaptações da escola em relação à comunidade caracterizaram-se pela mudança de hábitos na relação professor aluno, pelas relações entre os meios nos quais ocorrem as acções e pelo aparecimento de meios informáticos que incutiram uma nova dinâmica. No que se refere às adaptações da comunidade à escola esta responde de forma adequada em função das alterações verificadas e que são inerentes à evolução social e com a melhoria das condições de vida. As adaptações que a comunidade realizou situam-se no campo das solicitações, que a comunidade efectua junto da escola para a utilização do espaço escolar, conduzindo à mudança de atitudes e comportamentos. Nesta perspectiva algumas entrevistas mencionam que foram efectuadas muitas alterações e outras referem que foram poucas. A entrevista (E.109) explicita as verificadas na relação professor aluno

Agora já é malta nova, agora já são muito poucos os que tem paciência para os mais miúdos. E os outros que lidam com o pessoal da noite já é mais aquela, somos praticamente da mesma idade, já não há aquela relação aluno professor. No meu tempo era dá licença para ir à casa de banho. Sim senhora professora, não senhora professora. Agora os professores até autorizam ser tratados por tu, e é chamar professor só, ó professor isto, ó professor aquilo.

Já a entrevista E.104 refere alterações a nível global *desde que alteramos a hora de realização desses eventos, há uma maior colaboração dos pais, trazem a comida, os*

pais colaboram com os trajes para os eventos, ajudam a ensaiar as crianças nas danças. E a entrevista E.101 refere as adaptações a alteração não se verificou só aqui, houve uma alteração nas escolas todas.

As adaptações realizadas pela escola e pela comunidade têm uma das principais funções a socialização dos alunos, ao garantir a reprodução social e cultural. A construção de uma escola é um processo educativo que envolve alunos, pais e professores e que necessita de analisar e ter em conta campos representativos recíprocos, uma vez que ancora nas dinâmicas dos diversos grupos intervenientes na sua concepção tais como comunidade, componentes locais e regionais e a lógica dos seus actores (Sabar, 1991).

1.10. Solicitações efectuadas entre a escola e a comunidade

Entre a escola e a comunidade estabelecem-se relações de parceria e de colaboração, realizando-se solicitações de ambas as partes que transmitem representações. Se abordarmos as situações de representação estas serão a resposta a uma solicitação, com correspondência aos elementos emocionais e cognitivos de cada indivíduo. Deste modo, as solicitações, segundo o nosso estudo, centram-se nas realizadas pela escola e pela comunidade. Das solicitações efectuadas pela escola salientamos o apelo para que as famílias acompanhem o processo educativo dos seus educandos de modo regular, tal como refere a entrevista E.101

temos o cuidado de em todos os períodos fazermos as chamadas avaliações intercalares, e que naquela altura específica chamamos os pais, eles vêm todos, comparecem, eles vêm, eles sabem, é um momento importante, é quase como nos momentos de entregas das avaliações de final de período;

outra das solicitações da escola prende-se com a divulgação das acções através da novas tecnologias de informação e comunicação e pela afixação de editais transmitindo uma percepção positiva da sua acção à comunidade, solicitando a todos os intervenientes da comunidade educativa o seu envolvimento no processo de aprendizagem. Estas solicitações da escola não se restringem a fronteiras físicas e legais locais, permitindo a ampliação desses limites a toda a comunidade passando a ser delimitada por uma fronteira de âmbito social (Formosinho; 1989: 33ss).

As solicitações da comunidade estabelece para a escola revestem-se de carácter recreativo e cultural ao solicitar o empréstimo de espaços (ginásio e bar). Uma das solicitações que tem sido efectuada é as Sopas do Divino Espírito Santo, servidas e confeccionadas na escola para toda a população.

A comunidade realiza, pois, pedidos que tendem a levar a ajustamentos nas actividades da escola. Por exemplo, o pedido de alteração do horário de celebração das festas escolares, para que a comunidade pudesse corresponder com maior adesão. A colaboração de diversas entidades com a escola apresenta uma vertente recreativa, didáctica e de parceria já que, a escola é o principal pólo de acção para a concretização das actividades propostas por essas entidades.

O pedido ou cedência para empréstimo de materiais, por parte da comunidade, verifica-se com frequência, devido ao facto da escola ser a instituição que possui equipamentos destinados à formação e divulgação de conhecimentos. A comunidade colabora com a escola na realização das festas, e já interiorizou algumas das suas actividades, como são a festa de Natal, o Carnaval e a festa de encerramento do ano lectivo, e seria de estranhar pela própria comunidade se a escola não as realizasse. Se visualizarmos a escola como uma comunidade em miniatura, como realçam os trabalhos de Dewey (1967), as solicitações escola comunidade favorecem a aprendizagem e facilitam a socialização.

2. Interpretação e análise de conteúdo das notícias

2.1. Componentes das representações sociais

De acordo com as notícias analisadas no âmbito do presente estudo, podemos mencionar tendo como pontos de referência o enquadramento teórico definido para a análise do impacto da escola num contexto insular específico, na comunidade corvina.

As notícias analisadas no presente estudo abrangem um período de 1995 a 2010. Cerca de um terço das notícias refere-se ao período compreendido entre 2007 e 2010. Este período de tempo já permite perspectivar quais as representações que a imprensa escrita transmite sobre a Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira. Do modo como divulga e avalia as actividades realizadas pela escola, quer a nível interno ou externo. A nível interno podemos considerar as actividades promovidas na escola para a comunidade escolar (alunos, pais e encarregados de educação, familiares e amigos, professores e funcionários). A nível externo as actividades que se realizam na escola com a colaboração de outras entidades e que são direccionadas ou para toda a população, ou para grupos específicos.

A acção da escola no que diz respeito às componentes das representações sociais: psicológica - local de reunião e ser calma e sossegada, proporcionando descontração - *É bom viver no Corvo, por ser uma ilha sossegada e onde podemos andar livremente sem problemas* (anexo 15); social a dimensão da escola é o principal factor pela qual a escola é reconhecida - *A EBI Mouzinho da Silveira, apesar de conhecidas as suas reduzidas dimensões, tem boas condições para os estudantes, nomeadamente salas de aula, ginásio, uma sala de convívio para os alunos com mesa de ping-pong e pátio de recreio* (anexo 16). Na componente psicológica o significado da escola é transmitido através do acto de representar que as notícias circulam, como é ser o local onde se realizam reuniões o Conselho de Ilha e do Conselho do Governo, caracterizado pelo número de elementos que o compõem, 45 e 20, respectivamente. Na componente social (papel da escola), apresenta como sendo uma escola de reduzidas dimensões, proporcionando boas condições para os elementos que dela usufruem, principalmente alunos.

Estas duas componentes das representações sociais podem ser perspectivadas segundo uma construção psíquica individual, na qual a escola veicula valores e normas

sociais. Apesar de ser um dos edifícios de maiores dimensões na ilha, em comparação com outras escolas da região, é muito pequena, este facto faz com que se assuma como um local sossegado onde se realizam reuniões - *14H00 - Reunião do Governo com o Conselho de Ilha, na Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira; 15H00 - Reunião do Conselho do Governo, na Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira; 16H00 - Apresentação do comunicado do Conselho do Governo, na Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira* (anexo 17).

2.2. Estruturas cognitivas de representação

Nas estruturas cognitivas de representação o critério de funcionalidade, apresenta como indicadores: o reconhecimento das acções levadas a cabo pela escola com outras entidades e a utilização do espaço escolar, uma vez que esta vertente funciona como guia de comunicação e auxiliam na organização das representações sociais entre os actores sociais contribuindo, para a sua diferenciação como se pode observar no seguinte excerto: *Ainda no decurso da visita estatutária foi possível constatar que a E.B.I. Mouzinho da Silveira é uma das mais bem equipadas* (anexo 18).

No que se refere ao produto de interacções e fenómenos de comunicação no interior de um grupo, critério genético, constatamos que os resultados positivos reflectem as relações que se estabelecem, veiculando a imagem de uma escola de sucesso - *Um professor está a trabalhar com uma turma da Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira, no Corvo, com resultados considerados muito positivos* (anexo 19) e *No âmbito do Concurso de Prevenção Rodoviária, promovido pelo Fundo Regional dos Transportes, junto das escolas do 1º, 2º e 3º Ciclos, os alunos da turma do 3º e 4º anos, da Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira, participaram e ganharam o referido concurso, apresentando um cartaz ilustrativo da seguinte frase: “Não atravessar sem olhar!”* (anexo 20). Como representação partilhada por um conjunto de indivíduos temos as actividades que a escola dinamiza, como é o exemplo do grupo de folclore entre outras iniciativas como podemos solicitar o Jornal “O Corvino” (anexo 21). A escola transmite através das suas acções direccionadas para a comunidade em geral, as funções de informar e divulgar conhecimento (anexo 22). Dentro da vertente do conhecimento, a escola envolve-se com outros intervenientes participando em projectos internacionais, como são seminários de contacto, visitas de

estudo e partilha de experiências com outros parceiros europeus - *Escola do Corvo participa em visita de estudo de programa europeu. A visita de estudo, que decorreu de um a cinco de Fevereiro, nas cidades holandesas de Haia e Leeuwarden, debateu-se a cooperação na aprendizagem ao longo da vida ao nível europeu* (anexo 23) e *A Escola do Corvo foi seleccionada para participar num seminário de contacto, no âmbito do projecto Comenius, desta vez em Itália, onde estiveram presentes mais de 100 professores de toda a Europa* (anexo 24).

Nas estruturas de representação social da escola, a relação comum a outros intervenientes, consideramos como indicadores a realização de actividades em parceria com outras entidades e a solidariedade, aspecto que contribui e auxilia na representação social, como menciona (Jodelet, 1984) é a expressão de uma determinada sociedade. A autora refere que uma representação social não será somente a mera representação do real ou do imaginário, mas um processo no qual as características do objecto e do sujeito interferem sobre a realidade, como são o caso já apresentados, remetendo para o espírito de entre ajuda e de partilha. Esta partilha e solidariedade é característica da insularidade, que a comunidade possui proveniente do isolamento geográfico a que a ilha se encontra sujeita, como refere Santiago (1997: 11) ao afirmar que o conceito de representação social está dependente da interpretação efectuada em função do meio no qual se encontra inserida - *A pequena dimensão e o relativo isolamento geográfico contribuem para uma certa homogeneidade social e a criação de um forte vínculo colaborativo e solidário entre os alunos* (anexo 25), ou pela realização de actividades com outras entidades - *Alunos de várias turmas realizaram um percurso de sensibilização ambiental no Caldeirão da Ilha do Corvo* (anexo 26).

2.3. Processos Sócio cognitivos

Como processo sócio cognitivo temos a objectivação e a ancoragem, sendo identificados os indicadores para o caso da objectivação: espaços escolares, e no caso da ancoragem sucesso e bom ambiente escolar. Neste processo observamos que na objectivação o principal elemento que constitui a representação, são a materialização das imagens abstractas em imagens concretas, como no caso em estudo - uma escola com espaços adequados à acção educativa - *Não tem cantina, o que obriga os alunos a*

almoçar em casa todos os dias – o que não se revela difícil na Vila do Corvo (anexo 27).

O bom ambiente escolar, o espaço escolar ser adequado favorece com que o sucesso escolar ocorra, como refere o excerto da notícia

No ano lectivo de 2008/2009 teve uma taxa de sucesso de 96%, sendo a taxa de abandono escolar nula, o que são resultados muito animadores no panorama pedagógico regional... Nesta escola existe um bom ambiente escolar e os alunos, que já visitaram e conhecem outras escolas sentem-se felizes por estar na Escola Mouzinho da Silveira e não se vêem com menos oportunidades de participarem noutros projectos ou actividades, pois estão mentalizados para criarem as suas próprias oportunidades - e é isso que fazem (anexo 16).

Este aspecto é partilhado por toda a comunidade, Vala (2006: 501) *As representações são transformadas em função dos atributos típicos das categorias sociais contextualmente tornadas salientes, e das relações sociais entre categorias.*

2.4. Momentos de objectivação

No que se refere aos momentos de objectivação, a comparação com a forma como se realizou a passagem do não familiar em familiar, são mencionadas as novas tecnologias de informação e comunicação e novas valências da escola remetendo-nos para um código de interpretação da representação social como menciona Moscovici (2003: 210). A tecnologia aliada às novas valências que a escola apresenta ao envolver-se em projectos permite que a sua imagem se altere como refere o anexo 27, o artigo da revista “Visão” - “Contra o isolamento, teclar”. Uma das principais imagens que a escola transmite através dos meios de comunicação social, nomeadamente a imprensa, é o recurso às novas tecnologias de informação e comunicação, em que a escola se apresenta bem equipada com computadores disponíveis para a população escolar, como refere Moscovici (1961: 318) *Se a objectivação explica como os elementos representados de uma teoria se integram enquanto termos da realidade.*

No que se refere à forma como a comunidade integrou o conceito de escola constatamos que o indicador prosseguir estudos no exterior é uma realidade, encontrando-se alunos presentes em muitas das ilhas dos Açores e no continente português. A escola é um dos meios pelos quais os corvinos valorizam a sua acção

formativa e cultural como menciona Vala (2006: 479-484) ao afirmar que as representações sociais são um sistema de interpretação e de classificação de pessoas e de acontecimentos, pelo qual determinam as orientações e condutas do sujeito, como o demonstra este conceito de escola, pela inovação ser uma escola digital e os alunos continuarem a prosseguir estudos, como demonstra o excerto: *daqueles estudantes que, deixando a terra mãe, partem para fora da ilha com o objectivo de continuar estudos, seja na escola secundária seja no ensino superior. Temos alunos corvinos a estudar nas Flores, no Faial, na Terceira, em São Miguel e no continente português* (anexo 28).

2.5. Relação escola comunidade - Factores de mudança

Para que se verifique a mudança na relação escola comunidade contribuem os factores endógenos: sucesso escolar; condicionantes da ilha; e o número reduzido de alunos, em comparação com outras escolas da região com igual nível de ensino, como mencionado na notícia do anexo 18 - *o número mais ou menos reduzido de alunos, o que permitiu que estes tenham um melhor acompanhamento por parte dos docentes*. Para estes factores contribuem a taxa de sucesso escolar ser de noventa e seis por cento e a de abandono escolar de zero, como condicionantes da ilha temos a reduzida oferta cultural o que proporciona o envolvimento dos alunos, dado o facto de serem poucos e os docentes realizarem um maior acompanhamento dos alunos na realização das actividades lectivas escolares e na realização de actividades culturais que a própria escola promove - *Os alunos do Corvo não podem, por exemplo, assistir ou participar, com frequência, em espectáculos desportivos, musicais, teatrais ou até visitar museus e outros sítios de interesse histórico ou científico* (anexo 25). Este factores endógenos surgem no seio do sistema social para cuja transformação contribuem todos os intervenientes como refere Pais (2000).

Por outro lado, os factores exógenos intervêm a partir do exterior de um dado sistema social, é o caso, por exemplo do contacto entre culturas e da difusão de técnicas de conhecimento como assume neste estudo o acesso gratuito à internet para toda a população, o fornecimento de material, computadores portáteis aos alunos e professores da escola do Corvo, proporcionando com que a escola e a ilha se apresentem dotadas de equipamentos informáticos - *O executivo açoriano investiu, assim, 250 mil euros para*

dotar a escola local com 34 computadores portáteis, que, a juntar aos 24 já existentes, permitiu assegurar um equipamento para os 40 alunos e 12 professores (anexo 15).

2.6. Modelo teórico de mudança

No que diz respeito ao modelo teórico de mudança, proposto por Kurt Lewin, as três fases que o compõem estão evidenciadas nas notícias analisadas: fase de descongelamento, fase de mudança e fase de recongelamento.

Na fase de descongelamento a fraca oferta cultural conduziu a que a escola passasse a ser a principal dinamizadora e organizadora de actividades culturais, os encargos financeiros com os alunos no exterior da ilha, já em 1995, eram bastante elevados como comprova a afirmação presente no anexo 29 - *Custa-me 600 contos por ano manter a minha filha de 17 anos a estudar no Faial, entre passagens (até ao 9º ano, o Governo Regional dava 10 contos, mas depois disso não dá nada) alojamento e alimentação* - e ao reduzido número de alunos por turma que se verifica actualmente.

As condições a que os alunos e a população se encontravam sujeitos não satisfaziam as suas necessidades de formação, mas apesar de ser uma comunidade pequena era necessário dotá-la de estruturas que possibilitassem a superação destes factores. Assim, a fase de mudança efectuou-se na comunidade, envolvendo simultaneamente os alunos da escola e a comunidade (anexo 30). Algumas actividades incluíam a utilização da internet como forma de lazer ou fonte de pesquisa para aprofundamento, como refere a notícia presente no (anexo 15) - *alunos da única escola básica e integrada na ilha do Corvo, desde os dez anos que utilizam diariamente a Internet por puro lazer, mas, cada vez mais, para aprofundarem conhecimentos escolares* - que pressupõem a aquisição de novos valores, atitudes e comportamentos. Carvalho (1996: 324-325) (...) *para enfrentar a desconfirmação, e os sentimentos de culpa e ansiedade, as pessoas têm de crer que são capazes de mudar e que essa mudança não será desastrosa nem irá prejudicar a sua auto-estima.*

Na fase de recongelamento deu-se a estabilização das mudanças que se efectuou ou que se efectuarão, estando interligadas aos processos operacionais e usuais/habituais/coerentes da escola como é a divulgação das actividades que a escola realiza, permitindo ao sujeito verificar e rectificar sobre os seus comportamentos, -

aproximar mais a escola da sua comunidade educativa e divulgar as nossas actividades de forma global (anexo 31).

2.7. Mudanças verificadas entre a escola e a sociedade

A principal mudança verificada entre a escola e a sociedade foi a atribuição de computadores a todos os alunos, a vinda de mais professores para o Corvo com melhores qualificações, isto a nível físico. A nível humano são efectuadas actividades com outras entidades que promovem a sua realização como é o caso apresentado no anexo 26 - *Esta actividade foi realizada em parceria com o Centro de Interpretação Ambiental e Cultural do Corvo, sendo que contou com a participação do Eng. Jorge Cardoso (Director do Parque Natural da Ilha do Corvo) e Eng. Carlos Silva (SPEA).*

As mudanças verificadas entre a escola e a sociedade condicionam-se mutuamente, o ritmo de evolução de uma determina o ritmo de evolução da outra, como é o exemplo do acesso à internet e a disponibilização de computadores aos alunos. Como exprime Philippe Perrenoud (2002: 13-14) *A escola somos nós, portanto: um sistema educativo não pode ser mais virtuoso do que a sociedade que lhe confere a legitimidade e os seus recursos.*

2.8. Interação escola comunidade no processo de mudança

A mudança facilita a interação escola comunidade no processo de mudança, pela sua participação na comunidade, através do relacionamento com outras entidades locais como é a SPEA, ao promover acções no âmbito da preservação ambiental (anexo 32). Para esta acção contribui de igual modo a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação na divulgação das actividades realizadas na escola através do Jornal “O Corvino” (anexo 28) - *Todos os alunos estão inscritos e participam entusiasticamente nas diversas actividades dinamizadas (anexo 16).* De acordo com o referido anteriormente, a construção de uma escola é um processo educativo que envolve os alunos, pais e professores e que necessita de analisar e ter em conta campos representativos recíprocos, uma vez que a mesma ancora nas dinâmicas dos diversos

grupos intervenientes na sua concepção como comunidade, componentes locais e regionais e a lógica dos seus actores (Sabar, 1991).

2.9. Adaptações da escola e da comunidade face à mudança

Decorrentes de todos os aspectos referidos anteriormente são efectuadas adaptações pela escola e pela comunidade face à mudança. A escola realizou segundo a imprensa escrita inovação pedagógica associada à utilização das novas tecnologias de informação e comunicação, imprimindo um ensino mais cativante para alunos (anexo 25), professores e comunidade - *está envolvida num singular projecto de inovação pedagógica, associado às Tecnologias de Informação e Comunicação* (anexo 31). É mais motivador para os alunos o recurso à internet como ferramenta de trabalho, permitindo que os alunos desfrutem de meios que anteriormente lhe eram vedados devido ao isolamento geográfico da ilha, permitindo um conhecimento mais aprofundado das pessoas – *É uma escola voltada para a sua própria afirmação e para a melhoria da comunidade em que se insere* (anexo 33), tal como ocorre com os docentes que prestam serviço na escola.

A acção da escola que está voltada para a comunidade é visível a sua preocupação na melhoria da qualidade de vida da comunidade. Segundo este aspecto, na adaptação da escola e da comunidade podemos mencionar a questão da centralidade da escola cruza-se, ainda, com outros contributos e investigações sociológicas sobre o (re)aparecimento e (re)valorização das formas e relações comunitárias. Nesse contexto, são de realçar os trabalhos de Dewey (1967) no início do século XX. Este filósofo concebe a escola como uma comunidade em miniatura, como um embrião da sociedade onde, através de múltiplas relações intra e inter-grupos, se favorece a aprendizagem e se facilita a socialização. Portanto, preconiza uma escola aberta, activa, de organização democrática, com grande aproximação à sociedade e à(s) sua(s) realidade(s) - *põe termo ao isolamento da mais pequena ilha dos Açores, onde vivem apenas 400 habitantes, e acentua o carácter positivo de se viver numa comunidade onde todos se conhecem pelo nome próprio* (anexo 15).

2.10. Solicitações efectuadas entre a escola e a comunidade

As solicitações entre a escola e a comunidade revelam um envolvimento recíproco, nomeadamente ao serem realizados os Jogos Desportivos Escolares, a escola participa neste evento e a sua participação encontra-se dependente do número de alunos, que sendo poucos, apresentam no entanto um bom comportamento competitivo - *levaram consigo o certificado de Valor Artístico” obtido pela apresentação da actividade artística intitulada Todos Jogos e o certificado de “Espírito Desportivo” para a equipa com melhor comportamento competitivo* (anexo 16).

Nas solicitações efectuadas pela comunidade, ao mencionar que o espaço escolar é utilizado para a realização das tradicionais Sopas do Divino Espírito Santo. Estas actividades realizam-se, como modo de melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e do seu bem-estar social alterando as dinâmicas entre a escola e a sociedade - *Terminada a eucaristia, todos nos dirigimos para o ginásio da EBI Mouzinho da Silveira, onde foram servidas as tão afamadas sopas do Espírito Santo; a ementa obedecia à mais genuína tradição* (anexo 25).

Conclusões

O presente estudo incidiu sobre a uma comunidade, que se caracteriza pelo seu carácter específico, como é a comunidade corvina. Esta comunidade possui um reduzido número de elementos, cerca de 450 pessoas, os habitantes da ilha do Corvo, que dispendo de um novo edifício escolar, construído de raiz e contemplando um número máximo de dez alunos por ano de escolaridade do ensino básico.

As limitações do presente estudo prendem-se fundamentalmente com razões resultantes da inexperiência da investigadora, a gestão rigorosa do tempo decorrentes deste se realizar em simultâneo com o trabalho profissional e da amplitude da temática, o que implicou uma gestão adequada do tempo e das oportunidades e o carácter singular do estudo, que impedirá a generalização das conclusões.

A comunidade corvina apresenta as suas próprias dinâmicas e modos de acção que se traduzem pelas relações que estabelece com diversas entidades. A escola é uma dessas entidades, reconhecida pela comunidade pelo papel que desempenha na formação dos alunos.

A interacção escola e sociedade conduz um processo de alteração das suas relações. Assim, a sociedade corvina recebe influências vindas do exterior e do seu interior, resultado das dinâmicas que se estabelecem entre os indivíduos, transmitidas pelas suas atitudes, acções e comportamentos. Um dos meios pelos quais a dinâmica se exerce é através da circulação de pessoas e pelos meios de comunicação como refere o entrevistado E.110

para já o Corvo não é uma comunidade fechada e recebe influência como de toda a sociedade no seu todo, e pode levar mais tempo, pode levar mais um ano, mais uns meses, mais umas semanas, conforme, mas recebe, não só pelos meios de comunicação social, recebe pelas novas tecnologias, como se nota cá no Corvo, estão muito difundidas. Recebe até pelas constantes saídas de corvinos da ilha, não só em férias, para estudos e em trabalho, e recebe pela vinda de pessoas não naturais do Corvo.

Penso que tudo isto permite essa alteração de visão, de pensamento, de atitude, para com a escola e para com o ensino. A escola vai-se relacionando directamente com a comunidade e influenciam-se mutuamente, existe aqui um movimento recíproco.

Assim a participação da comunidade, através dos alunos, pais e encarregados de educação, familiares e população em geral, contribui para a alteração da relação escola comunidade, pelas acções que realizam, nomeadamente as actividades culturais, recreativas e formativas que dinamizam na escola.

Por outro lado, o modo de funcionamento da escola apresenta-se diferente, não só pela qualificação dos docentes e não docentes, mas também pelo aumento do número e da qualidade das actividades que a escola realiza. Estas actividades têm como finalidade envolver os pais e a comunidade em geral. A comunidade utiliza o espaço da escola (ginásio e bar), o que se revela importante para que consciencialize sobre a importância da escola e dos seus benefícios. O simples facto dos alunos poderem usufruir da escolaridade básica na sua ilha de residência, e os encargos financeiros com a educação serem muito menores para os pais, em relação ao passado, proporciona um maior acompanhamento e envolvimento directo na vida escolar dos seus filhos.

Ao analisarmos a interacção entre a escola e a comunidade, no processo de mudança devemos ter sempre em consideração que o universo a que se reporta é de cerca de 450 indivíduos, sendo um total de cerca de 60 pessoas, que constituem a comunidade escolar (alunos, professores e funcionários), representando cerca de 13% da população corvina. Sendo uma comunidade composta por um número tão pequeno de indivíduos será uma micro comunidade, facto referido pelo entrevistado E.104 *esta comunidade é uma comunidade muito pequena.*

No que se refere à participação da escola no processo de mudança, a imagem que a escola transmite é resultante das acções que realiza e que contribuem para a sua própria definição de escola e dos seus professores. A escola está dependente: do fluxo anual de docentes, que pela sua acção lectiva realizam actividades que imprimem movimentos que conduzem à mudança; pelas actividades que concretizam e que na sua maioria são vocacionadas para os alunos e para a sua divulgação à comunidade, inculcando alteração de hábitos na comunidade escolar e local.

O relacionamento escola comunidade visa melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e do bem-estar social uma vez que a escola deve-se assumir como *agente local de desenvolvimento* (Cabrito, 1995) e inserir-se numa teia de complexidades interaccionais, com outros agentes, internos e externos, numa “*lógica de mediação*”

(Ferreira, 2005). Deste modo surgem os factores endógenos: o novo edifício escolar, boa localização, boas condições, novas oportunidades de aprendizagem, processo de formação, facilitismo no ensino básico, generalização com todas as escolas, maior interacção e o relacionamento entre pais e escola, e factores exógenos: participação da comunidade nas actividades da escola, condicionantes inerentes à própria comunidade, afastamento dos alunos do seu ambiente familiar, mudança inerente à própria sociedade, factores financeiros, disponibilidade da escola, colaboração da escola com a comunidade, influências que recebe da comunidade. Antigamente não existia a possibilidade de prosseguir estudos na ilha, assumindo-se estes factores como impulsionadores do processo de mudança. Os factores endógenos e exógenos, conduziram a escola a um processo de mudança gradual, o que implicou alterações ao nível das interacções escola comunidade.

O processo de mudança possibilita a compreensão do papel da escola na comunidade. Deste modo, o impacto da escola contribui para o processo de construção social das representações da vida da comunidade e das relações que com ela se realizam, estando dependente de factores emocionais e cognitivos que conferem clareza e sentido a acontecimentos vivenciados no âmbito das suas relações e da sua inclusão no contexto insular açoriano.

Da análise das notícias sobre a Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira constatamos que a principal ideia transmitida é de uma escola onde o recurso às novas tecnologias de informação e comunicação, aliada às boas condições físicas e humanas que apresenta permitiu que sejam desenvolvidas novas formas de aprendizagem. As novas formas de aprendizagem potencializadas pelos professores receberam uma boa adesão por parte dos alunos, ao alcançarem resultados bastante satisfatórios ao nível do seu desenvolvimento académico e social.

Se perspectivarmos a escola segundo as interacções que promove com a comunidade constatamos que apresenta uma boa relação, evidente, não só pela sua participação em eventos promovidos pela escola, mas também, nas acções que desenvolve com outras entidades (locais, regionais, nacionais e internacionais).

A escola demonstra, pelas actividades que promove, uma abertura para com a comunidade, apoiando iniciativas quando lhe é solicitada a sua colaboração, pela cedência de espaços ou pela sua participação directa com elementos que dela fazem

parte (alunos, professores e funcionários). As relações que se estabelecem entre a escola e a comunidade são resultado das suas interacções influenciando-se mutuamente e reciprocamente. Na relação comunidade escola, a abertura apresentada pela escola, incentiva e promove o desenvolvimento de actividades de diversa natureza (cultural, recreativa, científica e formativa). No que se refere à adesão da comunidade é evidenciada pelo elevado número de participantes.

O isolamento geográfico a que a ilha do Corvo se encontra sujeita favorece o estabelecimento de relações entre os vários elementos que a constituem, a escola e a comunidade local. No que se refere à escola encontra-se direccionada não só para o estabelecimento de relações com a comunidade local, mas realiza-as a nível regional e nacional como são exemplos: jogos, concursos, e a nível internacional podemos citar seminários de contacto, visitas de estudo.

Em suma o impacto da escola na sociedade corvina pode ser considerado bastante positivo, não só pelo facto de ter permitido a leccionação do ensino básica na ilha, mas também pelas interacções inerentes à vinda da escola. Podemos referir como exemplo as actividades que a escola promoveu, uma vez que passou a existir um espaço direccionado para o efeito, que contou com a colaboração dos elementos pertencentes à comunidade local e à escola.

Bibliografia

Abric, J. C. (1987). *Coopération, compétition et représentations sociales*. Fribourg: Del Vale.

Abric, J. C. (1993). L'étude expérimentale des représentations sociales. In: Jodelet, C, editor. *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF). pp 187-203.

Abric, J. C. (1994). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: PUF. pp 45 – 55.

Abric, J. C. (1998). *A abordagem estrutural das representações sociais*. In: Moreira, A. S. P.; Oliveira, D. C. (orgs). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social: AB*. Pp 27-38.

Alves, N.. (1997). Escola e comunidade local. In *A Escola e o espaço local: políticas e actores*. Natália Cabrito, B.; Canário, R. & Gomes, R.. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Alves Pinto, C. (1992). A escola como campo de acção e intervenção, in *ISET, Textos de Apoio – Administração Escolar*, I Módulo, Caderno nº 2, Porto, Edições ISET, pp. 31-44.

Araújo, M. C de (2008). A teoria das representações sociais e a pesquisa antropológica, *In Revista Hospitalidade*, Jul-Dez, São Paulo. pp 98-119.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bardin, L. (2003). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Benavente, A. (1999). *Escola, professores e processos de mudança*. Lisboa: Livros Horizonte.

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.

Cabrito, B. G. (1995). Pensar a escola como instrumento de/ao serviço do desenvolvimento local. In Estrela, A., Barroso, J. e Ferreira, J. (Eds.). *Actas do V*

Colloque National de L' AIP ELF/AFIRSE. A Escola como objecto de estudo. Lisboa: Universidade de Lisboa e Association Francophone Internationale de Recherche em Sciences de L'education, pp.133-147.

Carmo, H.; Ferreira, M. M. (1998). *Guia para a auto-aprendizagem.* Lisboa, Universidade Aberta.

Carmo, H.; Ferreira, M. M. (2008). *Guia para a auto-aprendizagem.* (2ª ed.), Lisboa, Universidade Aberta.

Canário, R. (1999). *Educação de Adultos. Um Campo e uma Problemática.* Lisboa: Educa.

Carvalho, J. M. et al. (1996). *Psicossociologia das organizações.* Alfragide: McGraw Hill de Portugal.

Comissão das Comunidades Europeias (2007). *Documento de trabalho dos serviços da comissão escolas para o século XXI.* Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias. Disponível em: ec.europa.eu/education/school21/consultdoc_pt.pdf.

Costa, A. F. (2003). A pesquisa no terreno em sociologia. In Augusto S. Silva e José M. Pinto (orgs). *Metodologias das ciências sociais* (12ª ed.). Porto. Afrontamento. pp. 129-148.

Dellors, J. (1996). *Educação, um Tesouro a descobrir - Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.* Porto: Edições Asa.

Doise, W. (1982). *L'explication en psychologie sociale.* Paris: Presses Universitaire de France.

Doise, W. (1986). Les représentations sociales: definition d'un concept, in Doise, W., Pamonari, A. (eds.), *L' étude des représentations sociales*, tradução livre do ISET, pp. 81-94.

Doise, W. (1989). Attitudes et représentations sociales, in Jodelet, D., *Les représentations sociales.* Paris: PUF. pp. 220-238.

Doise, W. (1990). Lês representations sociales. In R. Ghiglione, C Bonnet & J. F. Richard (Orgs.) *Traité de Psychologie Cognitive* (Vol. 3, pp 23- 34). Paris: PUF.

- Doise, W., Clemence, A. e Lorenzi-Clioldi, F. (1992). *Répresentations sociales et analyse de données*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Dewey, J. (1967). *Vida e Educação*. Trad. Anísio Teixeira. (6ª ed.). São Paulo: Melhoramentos.
- Durkheim, E. (2000). *Critical assessments of leading sociologists*, third series. London: W. S. F. Pickering.
- Enguita, M. F. (2007). *Educação e transformação social*. Mangualde, Edições Pedagogo.
- Fernandes, A. T. (1998). A escola e a sociedade. In *Saber (e) Educar*. N.º 3 , p. 25-39
- Ferreira, F. I. (2005). Os agrupamentos de escolas: lógicas burocráticas e lógicas de mediação. In Formosinho, J. Fernandes, A. S., Machado, J., Ferreira, F. I. *A administração da Educação – Lógicas burocráticas e lógicas de mediação*. Porto: Edições Asa, pp. 265-306.
- Flament, C. (1989). Structure et dynamique des representations sociales, In D. Jodelet (ed.), *Les Représentations Sociales*: Paris, PUF.
- Flick, U. (2001). Interpretative social psychology. Qualitative methods in the study of social representation. In F. Buschini e N. Kalampalikis, *Penser la vie, le social, la nature. Mélanges en l'honneur de Serge Moscovici* (pp. 201-218). Paris: Éditions de la Maison des Sciences de L'Homme.
- Formosinho, J. (1989). De serviço do Estado a Comunidade Educativa: uma nova concepção para a escola portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, nº 2 (1). Braga: Universidade do Minho, pp. 53-86.
- Formosinho, J.(1990). Concepções de Escola na Reforma Educativa. In VVAA. *Ciências da Educação em Portugal: Situação actual e perspectivas*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, pp. 31-51.
- Ghiglione, R., Beauvois, J. L., Chabrol, C., & Trognon, A. (1980). *Manuel d'analyse de contenu*. Paris: Armand Colin.

Ghiglione, R. e Matalon, B. (1997). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.

Ghiglione, R. e Matalon, B. (2005). *O Inquérito* (4ª ed.). Oeiras: Celta Editora. Gilly, M., (1989). Les représentations sociales dans le champ éducatif, In Jodelet, D. (ed.), *Représentations sociales*, Paris, PUF, pp. 363-38.

Giddens, A. (2008). *Sociologia*. (6ª Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gómez, J. A. C., Freitas, O. M. P. de & Callejas, G. V. (2007). *Educação e desenvolvimento comunitário local : perspectivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade*. Porto: Profedições.

Grawtitz, M. (1993). *Méthodes des Sciences Sociales*. (9ª ed.), Paris: Dalloz.

Jodelet, D. (1984). La representación social: fenómenos, conceptos y teoría. In *Moscovici, S. Psicología social II. Pensamiento y vida social. Psicología social y problemas sociales*. Barcelona-Buenos Aires-México: Paidós.

Jodelet, D. (1989). Les Représentations Sociales: un domaine en expansion. In Jodelet, Denise - *Les Représentations Sociales*. Paris: PUF.

Jodelet, D. (1998). Représentations sociales: Un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France (pp. 31-95).

Jodelet, D. (2001). As representações sociais, (org.) *As representações sociais* Denise Jodelet, (Trad) Lílian Ulup, Rio de Janeiro. Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Lewin, K. (1958). Group Decisions and Social Changes, In G. e Swason, T. M.; Newcomb and E. L. Hartley (Orgs). *Social Psychology*. New York: Holt, Rhinehart and Winston.

Lima, L. (1992). *A escola como organização e a participação na organização escolar*. Instituto de Educação. Braga: Universidade do Minho.

Magalhães, A.; Stoer, S. (1998). *Orgulhosamente Filhos de Rousseau*. Porto: Profedições.

- Marques, M. (1995). *Educação. Formação e Emprego*. Lisboa: Comissão Europeia Direção Geral.
- Moscovici, S. (1961). *La Psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (1981). On social representations, In J.P. Forgas (Ed.). *Social Cognition – Perspectives on Everyday understanding*. London: Academic Press.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211 – 250.
- Moscovici, S. (1994). *La société contre nature*. Paris: Union Générale d'Éditions.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. (Pedrinho A. Guareschi, Trad.). (2ª Ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Neto, F. (1998). Representações Sociais. In Neto, Félix - *Psicologia Social* (Vol. I, pp.413-488) Lisboa: Universidade Aberta.
- Nóbrega, S. M. da (2003). Sobre a Teoria das Representações Sociais. In Moreira, Antônia Silva Paredes; Jesuíno. Jorge Correia, orgs. - *Representações Sociais: Teoria e Prática*. UFPB: João Pessoa: Editora Universitária. pp. 51-80.
- Pais, M. J., Oliveira, M. da L. e Cabrito, B. G. (2000). *Sociologia 12º*. Lisboa: Texto Editores. pp 302.
- Perrenoud, P. (2002). *A Escola e a Aprendizagem da Democracia*. Porto: Edições Asa.
- Sabar, N. (1991). School-based curriculum development. In A. Lewy (edt.). *The international encyclopedia of curriculum*. Oxford: Pergamon, pp 367- 371.
- Presidência do Conselho de Ministros (2005). *Programa do XVII Governo Constitucional*. Disponível em: www.portugal.gov.pt/.../Governos.../Programa%20Governo%20XVII.pdf
- Recuero, R. C.(2005). Dinâmicas de redes sociais no Orkut e capital social. Disponível em: www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/.../11daCunha.pdf
- Santiago, R., (1993), *Representações Sociais da Escola nos Alunos, Pais e Professores no Espaço Rural*. Aveiro: Tese de Doutoramento da Universidade de Aveiro.

Santiago, R. A. (1997). *A escola representada pelos alunos, pelos pais e pelos professores*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Santiago, R. (1997). *A escola representada pelos alunos, pais e professores*. Aveiro: Edição Universidade de Aveiro.

Santos, B. S. (1995). On modes of production of law and social power. *International Journal of the Sociology*, 13, pp 299.

Schein, E. (1987). Process Consultation. In *Lessons for Managers and Consultants*. Vol 2. Addison-Wesley Pub Co.

Schein, E (1997). *Organizational culture and leadership*. (2ª ed.). São Francisco: Jossey- Bass.

Silva, M. M. M. da (1998). *A educação em mudança*. (Vol. II). Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Spink, M. J. P. (1993) – O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. Rio de Janeiro: *Caderno de Saúde Pública*. nº9 (Jul/Set). pp. 300-308.

Stake, R. E. (1998). *Investigación com estudio de casos*. Madrid: Edições Morata.

Stake, R. E. (2007). *A arte da investigação com estudos de caso*. (Trad. Ana Maria Chaves). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Umaña, S. A. (2002). *Las representaciones sociales: Ejes teóricos para su discusión*, Cuaderno de ciencias sociales, 127, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales: Costa Rica Disponível em: www.flacso.or.cr/fileadmin/documentos/.../Cuaderno127.pdf

Umaña, S. A. (2002). *Las representaciones sociales: Ejes teóricos para su discusión*, Cuaderno de ciencias sociales, 127, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales: Costa Rica Disponível em: www.flacso.or.cr/fileadmin/documentos/.../Cuaderno127.pdf

Vala, J. (1993). Análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs), *Metodologia das Ciências Sociais* (7ª ed.). Porto: Edições Afrontamento. pp. 101 – 128.

Vala, J. (2006). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano, *In* Fundação Calouste Gulbenkian (FCG). *Jorge Vala e M. B. Monteiro (Coords.), Psicologia Social*. (6ª Ed.). (pp. 457-502). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Wallerstein, I. ; Juma, C.; Keller, E. F.; Kocka, J.; Lecourt, D. ; Mudimbe, V. Y.; Mushakoji, K.; Prigogine, I.; Taylor, P. J. e Trouillot, M. R. (1996). *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez.

Protocolo da entrevista número 1

Caracterização do entrevistado

- Presidente do Conselho Executivo da Escola
- Sexo: Feminino
- Idade: 39 anos

E. 101

Entrevista

Pergunta - Qual é o significado da escola?

Resposta - Esta escola tem um significado que qualquer outra escola tem, é um local de aprendizagem, é um local em que os professores têm e dinamizam actividades de partilha, actividades colaborativas, actividades que tem como intuito fundamental fazer com que a aprendizagem dos alunos tenha sucesso. Esta é a função principal desta escola e desta e de qualquer outra escola.

P - Qual é o papel da escola?

R - Promover aprendizagem de sucesso e com sucesso, e fazer com que os nossos alunos adquiram as competências, que os preparem para a vida, essencialmente.

P - Quais serão os aspectos positivos e negativos que a escola possui?

R - A escola tem muitos aspectos positivos, somos uma escola de pequena dimensão, em que temos uma equipa de trabalho reduzida, em que isso facilita as interações, ao nível do trabalho em equipa e ao nível do trabalho colaborativo, investimos muito a este nível e faço um esforço particular para que as pessoas partilhem conhecimento, partilhem experiências e partilhem as dificuldades e que trabalhemos com espírito de entre ajuda.

É claro que nem tudo é positivo nesta área, estamos num processo de melhoria, mas sinto cada vez mais que os professores se envolvem neste tipo de trabalho em equipa.

O facto de trabalharmos com grupos de alunos reduzidos, pode ser visto como um aspecto positivo mas também interpreto como alguns aspectos negativos, isto mais nível da interacção no espaço de sala de aula. Porquê? Aspecto positivo podemos dinamizar actividades individualizadas com os alunos, trabalho muito individualizado com os alunos de resolução de problemas, de resolução de dificuldades, um trabalho muito próximo do aluno, e por outro lado, embora, nem sempre isto seja visto por outras pessoas que não pertencem à

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

escola é visto como um aspecto positivo, mas também entendemos como aspecto negativo é o facto de em termos de turmas pequenas, não se crie um espírito de competitividade entre os alunos e não os motive a procurarem fazer mais e, porque eu acho que isso é também um factor negativo, que dificulta a nossa tarefa como professores quando queremos obter o maior sucesso possível nas nossas turmas.

É muito positivo ao nível do trabalho individual e do acompanhamento que desenvolvemos com os alunos, mas entendo que as turmas com 15, 16 alunos seria o ideal para poder estimular também uma certa competitividade que é salutar para o desenvolvimento dos próprios alunos, isso a nível do trabalho com as turmas.

Os aspectos positivos e negativos, ao nível do trabalho de equipa dos docentes, estamos a caminhar cada vez mais para um trabalho mais de equipa e um trabalho mais colaborativo, que sinto como um aspecto muito positivo nesta escola.

Somos um reduzido número de docentes, isso é um aspecto positivo que ajuda a que o trabalho colaborativo seja mais forte, mais estruturado.

P – Qual é o significado da escola para a comunidade?

R - Esta escola tem um significado muito importante para a comunidade, qualquer escola tem, é um local de aprendizagem, é um local onde prepara as nossas crianças para a vida, para futuros cidadãos. Penso que esta escola não foge aquilo que é o normal de qualquer escola. E a comunidade reconhece o papel da escola para o desenvolvimento e crescimento dos seus filhos e dos seus jovens, e eu penso que isso é reconhecido a nível da comunidade, pelo papel fundamental que a escola tem, é um papel fundamental em que os docentes são muito importantes para o desenvolvimento dos alunos.

P – Só dos alunos?

R - Dos alunos e não só. A escola, eu costumo dizer que a escola é um pólo de desenvolvimento cultural aqui ao nível da ilha, nós somos uma ilha muito pequena, uma comunidade muito reduzida. Em que a oferta de actividades culturais é muito limitada, ou seja, nós não temos uma oferta cultural que têm por exemplo outras ilhas. Podemos falar por exemplo da ilha das Flores em que têm jornais, em que tem um grupo de teatro, em que são dinamizadas actividades extra escola, em que as câmaras municipais dinamizam actividades culturais e promovem actividades culturais. Nós, eu costumo dizer, aqui nós somos a única instituição que promove actividades de impacto cultural e de impacto para com a comunidade. Basta ver o nosso plano anual de actividades e vêem as actividades que nós

realizamos aqui ao nível da comunidade que são muito importantes. A escola tem esse impacto a nível da sociedade e a nível da comunidade corvina.

P – Quais os grupos que recorrem à escola, em que momentos, em que circunstâncias para promover essas actividades?

R - Muitíssimos, somos requisitados por muitas instituições, não só para trabalharmos com outras instituições, para empréstimo dos espaços, para colaborar em eventos culturais. Mas nós também somos promotores desses eventos culturais. A escola colabora com outras entidades mas também é a maior promotora cultural ao nível da ilha de actividades culturais.

P – As pessoas vem quase todas à escola, mas algumas pessoas nunca vem. Todas as pessoas vêm à escola? Será que existem pessoas que nunca vieram à escola participar em actividades?

R - As pessoas que participam, aqui temos de distinguir dois tipos de actividades, aquelas em que a escola é colaboradora, nós temos instituições que colaboram com a escola para dinamizar palestras, dinamizar conferências. E quando são essas instituições promotoras eu noto que a nível da adesão das pessoas a essas actividades não é muito grande.

Por exemplo, quando nós somos promotores de actividades realizadas com os nossos alunos, eventos, festas, feiras do livro, que temos realizado, as festas de Natal, as festas de encerramento. Noto e isto tem sido gradual, nos dois últimos anos nota-se cada vez mais que a adesão é bastante grande, principalmente, dos pais e das famílias das crianças, se vêm ver os seus filhos à escola a dinamizar actividades e aí eu noto que o nosso impacto é cada vez maior.

P – Mas existirão grupos que não vêm à escola? Todos os grupos vêm à escola?

R - Obviamente, há grupos que não vêm à escola.

P – Porquê?

R - Não vêm à escola quando dinamizamos actividades. Vou falar só das actividades que somos nós que dinamizamos enquanto instituição com os nossos alunos e que estão integrados no nosso plano anual de actividades. Por exemplo, pessoas que não vêm, por exemplo alguns que não têm familiares, não tem filhos, não tem netos, não têm com certeza uma afinidade familiar com as crianças que estudam na nossa escola.

Tem outro grupo de pessoas que provavelmente não se identificam, e temos de ver que o nível sociocultural da comunidade, também é baixo os níveis de formação da nossa comunidade, terão a escolaridade básica e alguns outros nem isso. Tem a ver com a formação

cultural da nossa comunidade, que talvez essas actividades não os atraem a vir à escola, poderão esses grupos que poderão não vir à escola.

P – Serão muitos ou poucos grupos?

R - Eu não consigo quantificar, é muito difícil de quantificar, quantos é que serão e quantos é que não serão. Eu noto que nos últimos dois anos ao nível das actividades que desenvolvemos o impacto tem sido cada vez maior, e pode-se ver isso pela nossa plataforma, pelo registo dos eventos que realizamos, o tipo de actividade e claro investimos, cada vez mais sempre nas actividades que temos que tem impacto.

Nós também costumamos investir nas actividades quem têm sucesso, nós fazemos uma avaliação das actividades o tipo de impacto que elas tem. Nós também costumamos investir em actividades que têm sucesso, nos fazemos uma avaliação das actividades, do tipo de impacto que elas têm e há actividades que realizamos há muitos anos e já fazem tradição nesta escola. Claro que há novas actividades que vão sendo integradas, mas aquelas que são realmente tradição continuamos a manter.

P – Se lhe pedir para definir a escola, numa palavra, numa expressão qual utilizava?

Hesitação

R - Eu só posso dar a minha percepção. Posso responder a essa mais tarde.

Assim de momento não consigo definir a escola numa única palavra, são muitas palavras e uma palavra que agregue tudo o que representa esta escola é muito difícil eu encontrar uma palavra um adjectivo que caracterize esta escola, não consigo, uma única é difícil.

P - E uma expressão?

R - Uma expressão já é mais fácil. Já consigo, se calhar, colocar mais adjectivos.

Resposta dada no dia seguinte

Somos uma escola para o sucesso

P - Quais são as funções que a escola desempenha para os alunos, para os professores, para os pais, para a comunidade? As funções serão iguais, serão diferentes?

R - São muitas perguntas numa só. Vamos começar pelos alunos. Eu já disse a pouco que nós estamos aqui para servir e a nossa missão é servir os alunos, principalmente, e servir a comunidade. Essa é a nossa missão e no cumprimento da nossa missão, obviamente que nós temos objectivos muito concretos. Em relação aos alunos queremos que eles sejam felizes e que eles se realizem nesta escola e que obtenham sucesso, é a missão essencial desta escola,

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

obtenção de sucesso, que eles sejam felizes, que eles aprendam a ser cidadãos e que exerçam a cidadania e que obtenham sucesso.

A nossa missão aqui desta escola e aquilo que nós temos implícitos no nosso programa é que os nossos alunos obtenham sucesso, entendendo competências para a vida.

P – Para os professores?

R - Em relação aos professores a função desta escola em relação ao nosso trabalho para com os professores. Aquilo que nós tentamos fazer é que os professores que reúnam aqui boas condições de trabalho para poder transmitir essas competências aos alunos e que consigam alcançar sucesso com os temas que lhe são atribuídos.

Pretendemos e é fundamental, e este órgão de gestão tem passado todos os anos esta mensagem de trabalho colaborativo, que seja, um trabalho de partilha, um trabalho de entre ajuda, um trabalho em que não prevaleça o eu mas o nós, ou seja, em que todos trabalhamos para o mesmo fim e o fim é o sucesso. E se os nossos alunos têm sucesso, todos nós temos sucesso, aí também está a nossa realização.

Se os alunos têm sucesso eu sinto-me realizada porque o meu trabalho está a ter impacto, está a ser frutífero. Eu costumo ter uma expressão que é quando um agricultor semeia um campo, que seja de cultura for, ele vai trabalhando, vai tirando as ervas daninhas, vai estar a observar se a cultura está a crescer e vai fazer tudo para que ele produza, ou seja, nós quando trabalhamos com os alunos vamos fazer tudo para que eles cresçam, para que eles tenham sucesso, essa é a nossa missão. Se aquilo que nós semeamos, não dá fruto, todo o nosso trabalho foi em vão, e é isso que eu acho que os professores têm de pensar que é a missão da escola. É fazer sentir também aos professores que o resultado que os alunos alcançam, que as competências que os alunos desenvolvem são resultado do seu trabalho.

P – E em relação às funções para os pais?

R - Em relação aos pais, os pais são fundamentais, nós consideramos que as famílias, não só os pais, a família em si é fundamental a sua intervenção no processo educativo, é fundamental. No geral e o que nos constatamos esta é uma comunidade muito protectora dos seus filhos protege-os e depois acompanha-os.

Aqui qualquer situação de briga entre duas crianças na escola, tem um impacto muito grande ao nível da comunidade, porque os pais logo imediatamente sabem, se numa outra escola rapidamente se dilui-a, aqui sabe-se quase imediatamente, os pais tomam uma posição de protecção dos seus filhos. Eles são fundamentais neste processo de educação e nós temos

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

muita atenção com a colaboração dos pais, e sempre que temos solicitado a sua colaboração, eles aderem, alguns.

A maioria dos pais adere, na verdade que temos algumas excepções de famílias mais complicadas, mas a maioria adere. A nossa função em relação aos pais é também desenvolver um trabalho de cooperação com os pais e de articulação do nosso trabalho com os mesmos com os directores de turma. Tem uma intervenção fundamental, por exemplo, ao nível da comunicação das avaliações, da assiduidade, damos instruções directas aos directores de turma para que reúnam frequentemente com os pais, para que os chamem, para que venham à escola, os façam participar e acompanhar o processo educativo dos seus filhos e não só que venham à escola para participar nos eventos, nas actividades e nas festas que fazemos com as crianças, mas que acompanhem o máximo possível o processo ensino aprendizagem dos seus filhos, que tomem conhecimento da evolução da aprendizagem e que nos ajudem e que colaborem connosco para a obtenção de sucesso, que nós achamos como equipa que é fundamental.

P – A comunidade sofreu alterações ou não na relação entre a escola e a sociedade?

R - Desde que espaço, desde que estou na gestão ou desde que estou aqui na escola?

P – Desde que está aqui na escola. Realizando uma comparação.

R - Já estou há 7 anos aqui na escola. Se houve alterações? Eu acho que houve, tem sido um processo gradual. Eu penso que há uma colaboração cada vez maior. Nós também chamamos mais os pais a participar no processo educativo dos seus filhos, e dou o exemplo, lembras-te perfeitamente, que estás a mais tempo do que eu aqui na escola, lembras-te das nossas actividades. Vamos falar das actividades que fazemos a festa de Natal, festa de encerramento do ano lectivo, festa de Carnaval e há outras festas que fazemos, o dia da alimentação que fizemos o ano passado foi a primeira festa que fizemos à noite e teve um impacto muito grande, e a partir daí, tem sido sempre e porquê? Porque nós também atendemos que durante os períodos da manhã e da tarde as famílias, os pais trabalham e obviamente, mesmo que quisessem vir à escola, não podiam vir. Ao alterarmos isso foi também uma das sugestões que nos era dada nos inquéritos que fazíamos à comunidade quando realizávamos as actividades. E realizávamos a actividade mas a hora é que não convinha. Desde que alteramos a hora de realização desses eventos, há uma maior colaboração dos pais, trazem a comida, os pais colaboram com os trajes para os eventos, ajudam a ensaiar as crianças nas danças, estiveram cá os pais a ajudar no folclore, por exemplo. E eu penso que isto é importante para mudar algumas atitudes e hábitos e isso também partiu de nós instituição e dos órgãos de

escola, não só do conselho executivo mas também de todas as outras estruturas intermédias, de analisarmos a situação e vermos realmente se há solicitações da comunidade para que as actividades possam decorrer noutra hora. Vamos experimentar vamos ver e de facto resulta, as nossas actividades que realizamos com os alunos e que são momentos de aprendizagem e também são momentos de aprendizagem para eles.

Se nós, sendo nós que tomamos, tivemos uma atitude de mudança e a comunidade aderiu, ou seja, a esse nível eu acho que houve uma evolução fundamental, eu acho não, não. Eu tenho a certeza absoluta que houve uma evolução fundamental.

Se formos analisar os processos dos directores de turma e formos ver o registo das presenças dos encarregados e educação na escola, ao longo do ano lectivo, também vamos ver que houve com certeza desde há alguns anos para cá notamos que há uma participação maior das famílias e dos pais no processo educativo dos alunos. Porquê? Porque eles são chamados por nós. Somos nós que os chamamos, há alguns que vêm por sua iniciativa, sim senhor. Mas nós temos a noção que nem todos vêm e então nós temos o cuidado de em todos os períodos. Tu sabes que és coordenadora dos directores de turma, temos o cuidado de em todos os períodos fazermos as chamadas avaliações intercalares, e que naquela altura específica chamamos os pais, eles vêm todos, comparecem, eles vêm, eles sabem, é um momento importante, é quase como nos momentos de entregas das avaliações de final de período. Mas eles não são chamados só no final do período, são chamados também durante vários momentos.

É um processo de acompanhamento da avaliação dos alunos que eu acho fundamental e que eu acho que é importantíssimo a colaboração com a comunidade nesse ponto.

P – Assim, deste modo a comunidade, os pais e encarregados de educação já realizaram a interiorização destas chamadas?

R - Exactamente. Se não os chamarmos para o ano já vão estranhar, já faz parte de uma cultura, já está enraizado e já está enraizado há vários anos. Pelo menos já está desde à 7 anos, é verdade, ou seja, esta cultura de os pais virem à escola e serem chamados noutros momentos que não são só os momentos de final de período ou quando havia algum problema. Já está enraizado e eles já sabem e se nós não o fizermos já nos vão perguntar “Porque é que este ano ainda não me chamaram”, já faz parte da nossa própria organização. E se mudarmos os horários das nossas actividades para o ano o que também vai criar um impacto, nós estamos a criar um hábito, não só nos pais mas em toda a família alargada.

Se nós fizermos um registo, temos feito os tais inquéritos mas se formos ver ainda não fizemos esse balanço, mas podemos fazer por exemplo para o ano. Se pusermos lá no

inquérito qual é o grau de parentesco com as crianças, se calhar até nem tem são amigos, são conhecidos, aqui todos são porque a comunidade é tão pequena e se calhar acaba por ser. Mas ainda há pessoas sempre que são de fora, eu vi um ucraniano que trabalha ai, esteve na última festa, esteve aí um ucraniano, algumas pessoas que trabalham cá, mas não são de cá e vieram ver, tiveram curiosidade e vieram, o convite foi alargado a toda a gente.

P – O que é que contribuiu para a mudança?

R - Eu acho que a mudança depende de nós. Quem trabalha aqui na escola e que trabalha e que tem presente qual é a nossa missão.

P – E quais são os factores que contribuem para que essa mudança ocorresse?

R - Foi a alteração de algumas práticas e eu já falei delas, alterações de práticas ao nível da escola, e eu penso que é fundamental alteração das nossas práticas, é fundamental para haver a mudança.

E eu penso que a partir do momento em que passámos a fazer o nosso processo de auto-avaliação, porque ficamos com uma ideia mais objectiva de quais eram os nossos pontos fracos e as nossas áreas de melhoria, ou seja, onde é que nós podíamos fazer uma melhor intervenção, e a esse nível desde que implementamos também o modelo Qualis, aqui nas escolas da região autónoma, que está em vigor, e isso também nos fez tomar consciência de qual é realmente a nossa missão, de quais são os nossos pontos fracos, quais são os nossos pontos fortes, quais são as nossas áreas de melhoria e fazermos uma intervenção para a mudança. E eu penso que aí também é um aspecto a registar, é precisamente o nosso processo de auto-avaliação, e a nossa elaboração do plano de acções de melhoria, a esse nível eu acho que foi bastante positivo.

Mas queria reforçar aqui em relação à mudança que é importante, é extremamente importante o papel do órgão de gestão, das estruturas de gestão intermédia e do papel activo que tem os nossos professores. E tu sabes, que nós temos um grupo de pessoas muito dinâmica e que gosta daquilo que faz e isso é importantíssimo.

Quando as pessoas se envolvem, e por exemplo, nós quando realizamos essas actividades em horário pós-laboral, não é paga nem mais uma hora aos nossos docentes, eles fazem isso porque tem a escola como sua e envolvem-se nas actividades, porque aqui o valor é dado.

É aquilo que se pretende que trabalhem em equipa, em que os sucessos e insucessos sejam partilhados por todos. É esta a mentalidade que nós tentamos incutir à nossa comunidade escolar, aos nossos professores.

Eu penso que a mudança vai por aí. A mudança é também fazer com que as pessoas sintam isto como seu e sintam isto como a sua própria realização. Quando ensaiamos aquelas crianças, para aquela determinada actividade e aquilo corre bem, obviamente, nós vamos sentir que aquela actividade é nossa. Por exemplo a estrutura das festas que nós fazemos, em que os professores assumem a sua responsabilidade na realização daquela actividade, dão a cara assumem o risco e eles é que vão, então vão empenhar-se ao máximo para que aquela actividade corra extraordinariamente bem, a mesma coisa tem de sentir ao nível da avaliação, fui eu que ao longo do ano trabalhei com estes alunos, fui eu professor x, que trabalhou com a turma x e obteve estes resultados, assume a responsabilidade também pelo trabalho que desenvolveu, e é isto também que nós temos de sentir, e que nós temos de mudar também na mentalidade dos professores. E é preciso.

Aqui há uns anos atrás quando comecei a trabalhar, havia muito aquele tipo de professores em que o bom professor é aquele que dá muitas negativas, era um professor exigente, rigoroso. E eu penso que nós hoje temos de caminhar para outro tipo de abordagem, para outro tipo de mentalidade que é, o professor que realmente tem sucesso, tem de corresponder às competências adquiridas dos alunos e temos de pensar nessa perspectiva.

Não é só agora ter sucesso e isso não corresponder às competências adquiridas é também ministrar o ensino de qualidade. Também queremos ministrar o ensino de qualidade, o sucesso tem de corresponder à qualidade de ensino e às competências adquiridas pelos alunos. Este é o meu entendimento em relação ao nosso papel como educadores e é aquilo que eu disse, nós somos os agricultores que queremos que a nossa colheita de frutos.

P – E será essa a frase que me pediu para responder mais tarde?

R - Não eu estou a falar em relação aos professores.

P – Nós temos um campo e estamos à espera das sementes...

R - Não, nós lançamos as sementes e estamos à espera de frutos.

Eu gostava de fazer mais uma coisa, para envolver mais a comunidade, mas isso não depende só de nós. Ao nível da gestão financeira muitas vezes nós queremos fazer e depende muito dos recursos financeiros que temos e nós tentamos fazer uma gestão financeira para pudermos melhorar cada vez mais, não só a nível das instalações e dos equipamentos, de tudo, mas também ao nível dos recursos humanos nós temos o nosso orçamento, é nos dado pela região e temos o nosso quadro de pessoal.

Mas se quisermos fazer algo mais, extra, já não conseguimos, e nós temos um projecto que era extremamente aliciante, que era por exemplo haver uma oficina de artesanato, ligada à

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

cultura e às tradições do Corvo, mas para isso nós só temos um artesão que saiba fazer fechaduras do Corvo, só temos uma pessoa que é o pai da Rosa Mariana, e se não houver ninguém que dê continuidade e que aprenda é uma tradição que se vai perder. As fechaduras do Corvo por exemplo, elaborar um projecto que era dinamizar na área das expressões artísticas, uma vertente do artesanato local.

A escola também tem essa função de preservar as tradições e estamos inseridos numa comunidade específica e temos também de ter em consideração as tradições desta comunidade específica e tinha um projecto já feito há muito tempo que era ensinar às nossas crianças as ditas fechaduras, o professor do quadro não sabe fazer as ditas fechaduras. Para isso eu precisava obviamente de vir alguém, ao longo do ano, fazer as fechaduras, e seria uma aprendizagem ao longo do ano, até podia ser através das expressões artísticas ou no âmbito de um clube, e para isso eu precisava de verba para pagar ao artesão para vir cá, por muito que as pessoas se dediquem, e vai ser muito difícil fazer com que uma pessoa venha cá semanalmente trabalhar gratuitamente, e eu precisava de uma verba.

Por muito que às vezes as escolas queiram mudar, inovar, a tal mudança que estavas aí a falar, este tipo de mudança carecem de apoio, alguns deles querem sempre apoio. E quando se trata de apoios e verbas, recursos financeiros as escolas não têm e têm de esticar muito os orçamentos que têm.

Ainda há outro projecto a nível das línguas, a oficina de línguas que é um projecto muito interessante, que é com o nosso professor de línguas dinamizar para a comunidade, em que as pessoas já demonstraram interesse em aprender o inglês. Seria um ensino mais direccionada para a comunidade.

P – Mas a escola também faz actividades direccionadas para a comunidade?

R - Também fazemos ao nível das novas tecnologias de informação e comunicação, tivemos várias formações para a comunidade este ano e a comunidade aderiu muito bem.

P – Obrigado pela colaboração.

Protocolo da entrevista número 2

Caracterização do entrevistado

- Pai de um aluno e membro dos bombeiros
- Sexo: Masculino
- Idade: 44 anos

E. 102

Entrevista

P - Qual é o significado da escola?

Hesitação.

R - O significado da escola, a escola para além de prestar um serviço às crianças, à própria população estudantil, presta um serviço também à comunidade, porque há vários eventos que são feitos ali na escola, como por exemplo as sopas do Espírito Santo, ou alguma festa que o tempo não permita fazer na rua. Sei lá, uma exposição que esta secretaria vai fazer ainda este mês, que vai decorrer ali nas instalações da escola.

Hoje em dia já não se passa sem a escola. É claro no meu tempo era preciso ir estudar para fora, hoje ainda é necessário a partir do nono ano, mas acho que já está muito bem. Estão a prestar um bom serviço.

O papel da escola é muito importante na comunidade.

P - A escola apresenta diferenças entre o tempo anterior à construção do edifício escolar e após a sua construção?

R - Sim, tem muita diferença.

P - De que forma?

R - Por exemplo, o simples facto de não terem um espaço para fazerem a festa de Natal, ou a festa de encerramento do ano lectivo, como nos últimos anos têm feito. Faziam na escola que havia, mas não tinha condições, não tinha espaço, não tinha qualidade para fazer as festas.

P - Quais serão os aspectos positivos e negativos da escola?

Ouvem-se críticas, ouve-se tudo o mais, mas eu não costumo embarcar nessas coisas. Para mim, acho que têm sido mais os aspectos positivos do que negativos. Eu não tenho nada de negativo que aponte à escola, só positivos.

P - Qual é o papel da escola?

R - Tem um significado muitíssimo importante.

P – E há grupos que recorrem à escola já agora referiu alguns.

R - Sim, a Secretaria Regional está a fazer nas ilhas todas. Uma exposição de fotografias nas ilhas todas e estão a fazer fotografias e elementos com que construíram as estradas ao longo das últimas décadas, desde 1940, salvo erro.

Já decorreu nas ilhas quase todas e falta esta, não sei se ainda em Santa Maria, mas isso não tenho bem a certeza e para já a exposição vai ser feita lá porque não tem outro espaço.

O Centro de Interpretação Ambiental tem espaço para exposições, mas esta exposição é muito grande, e no Corvo não havia outro espaço senão o ginásio da escola.

P - Quais são os grupos que se relacionam com a escola, ou outras entidades que se relacionam com a escola?

R - A Irmandade do Espírito Santo, pelo menos assim que eu me lembre a comissão da Sagrada Família. Por exemplo a Sagrada Família já chegou a fazer-se também aqueles jantares de festa de fim de ano, já por duas vezes, que me lembro, foi feito lá também, porque não há outro espaço.

P – Existirão grupos ou pessoas da comunidade que não vão à escola? Qual será a razão?

R - Sinceramente, não sei. A razão poderá ser de haver essas polémicas por causa a eleição do conselho executivo. Não sei até que ponto! Mas se calhar há pessoas que misturam as coisas e por causa de um motivo não vão. Nem que seja nas sopas do Espírito Santo, toda a gente vai à escola. Só os doentes e mais idosos é que ainda não foram, não podem ir.

P - Será que me pode dizer uma palavra, uma expressão, ou uma frase que defina a escola.

Hesitação.

R - De repente não me lembro, sinceramente, não sei é difícil.

Assim de repente não vem, acho que como eu disse no princípio há uma inter-relação a escola não passa sem a comunidade e a comunidade não passa sem a escola.

P - Se a escola é muito importante para a comunidade. Quais serão as funções da escola?

R - É claro que o objectivo principal não é ter um espaço para fazer festas e tudo mais. É para ensinar os alunos e para os preparar para a vida que eles quiserem seguir, quer a nível de estudos superiores ou de outra profissão qualquer.

P - Será que as funções para os pais e para a comunidade?

R - Se calhar alguns pais não são muito participativos, naquelas festas que decorrem, não sei. *Hesitação.*

P - Traz alguma vantagem para os pais da escola estar aqui o Corvo?

R - Nesse aspecto traz, por exemplo os miúdos em vez de saírem do Corvo com 10 ou 11 ou 12 anos, já saem com 15, 16 é outra idade. É mais uns aninhos que estão com os pais.

P - O Senhor saiu cedo?

R - Eu sai daqui com 11 e fui estudar para o Faial.

P - O que achou naquele tempo pela sua saída?

R - Naquele tempo não havia outra solução, não havia que achar ou deixar de achar, ou para as Flores ou para o Faial. No meu caso fui para o Faial, porque havia lá um lar de estudantes que já tinha alunos de cá, e as informações que passavam de lá para cá eram boas. Na altura chamava-se Lar Académico. Por exemplo tinha estudantes do Corvo, Faial, Pico, São Jorge e Graciosa. Era um lar com cerca de 20 alunos e estava à responsabilidade da paróquia da Matriz da Horta e tinha lá um padre que tomava conta daquilo. E então o pessoal daqui ia estudar para lá, porque fazia um preço mais barato do que as casas particulares. Só para lhe dar um exemplo, já nessa altura as casas particulares levavam 3 contos, ao passo que lá era 2 e 800, eram 200 escudos que poupavam e naquele tempo era muito dinheiro.

P - A escola nova trouxe coisas boas. Qual terá sido a razão para a construção da escola? Quais terão sido os factores que fizeram com que a escola viesse cá para o Corvo?

R - Por aquilo que eu me lembro, a escola básica Integrada quando começou era numa casa particular e num pré-fabricado. Só que pronto, não havia condições, os alunos estavam separados, as turmas, uma turma p'ra aqui outra turma p'ra ali. Não havia espaço para fazer educação física, só no exterior. Com o mau tempo os miúdos não podiam praticar desporto e fazer as aulas.

Se não estou enganado, acho que foi o Manuel Rita que estava de presidente na altura e que em coordenação com o governo trouxeram a escola para o Corvo.

P - Terá se verificado influência da comunidade nesta vinda da escola?

R - Pois se calhar é capaz de ter havido. Eu sinceramente não me lembro. Penso que o papel predominante foi do presidente da câmara municipal do Corvo, Manuel Rita. Julgo que era ele que estava de presidente da câmara. Acho que até na altura era o governo do PSD quando começaram a tratar do projecto e tudo o mais, e depois a obra quando foi feita já era o PS no governo, mas quando começou ainda era com o PSD, se não estou em erro.

P - O Senhor Manuel Rita é que teve a iniciativa de construir o edifício?

R - Sim.

P – E durante o tempo de transição em que a escola funcionou. As pessoas nessa altura já faziam pressão para terem uma escola aqui no Corvo?

R - Acho que sim, por causa daquela história de os miúdos não saírem de cá com tenra idade.

P – Com tudo o que ocorreu entre a escola e a comunidade verificaram-se alterações entre a relação escola comunidade?

R - A escola funcionava em moldes diferentes antes e agora. Mesmo para os próprios professores, mas agora a escola tem condições completamente diferentes para trabalhar, para fazer reuniões.

P - A sociedade está mais envolvida com a escola e com o processo de aprendizagem dos alunos?

R - Eu acho que sim, mas não conheço bem o estatuto. Se calhar vou dizer alguma coisa que é asneira. Acho que há um órgão de escola que inclui a presença de pais e dos encarregados de educação, acho que sim. Há uma ligação mais forte entre a escola e os pais, há uma relação maior entre a escola e os pais.

P - O que acha dessa relação?

R - Acho que é boa.

P - Será que essa relação está a melhorar, mantêm-se ou está a piorar?

R - Se calhar, está a melhorar, porque pelo menos já não se ouvem tantas críticas. Aqui há uns tempos, é a tal história, havia aí uns problemas e agora já não há, penso que meteram a política à mistura e tudo o mais, talvez já está ultrapassado.

P - Como é efectuado o pedido à escola para a realização de exposições?

R - Isto é assim, eu falei pessoalmente com o conselho executivo e embora depois o meu chefe é que ficou de formalizar o pedido por escrito. A abertura, desde a primeira vez em que eu falei, a abertura foi total. Deste que a exposição não decorresse durante o período de aulas o conselho executivo mostrou disponibilidade total e como vai ser no dia 20 de Julho, quando está tudo em férias pelo menos os alunos, os professores ainda trabalham. A abertura foi total e o material já começa a vir, qualquer dia já se vai começar a arrumar lá, não houve problemas nenhuns em relação a esse assunto.

P – Na escola já é hábito, tradição se realizarem na escola as sopas do Espírito Santo, e outras actividades. Será que elas se vão manter?

R - Ai será uma incógnita, porque enquanto o senhor Alfredo estiver à frente do Império, eu acho que essa tradição não vai falhar, agora se ele sair, eu não sei bem, porque ele próprio às vezes tem dificuldade em reunir o pessoal todo que faz parte da comissão.

Agora da parte da escola não há qualquer problema nenhum, há sempre essa abertura. A escola está sempre a servir a comunidade em termos culturais, de instrução, a escola está sempre aberta.

P - A vinda de mais professores para o Corvo alterou a comunidade?

R - Acho que sim. Independentemente das horas de trabalho, os professores convivem com a comunidade, há jogos de volei que, por exemplo, o professor de educação física organiza e a população adere. Outros professores também, já os cheguei a ver a participar em algumas actividades da comunidade.

P - Que relação estabelece a escola com os bombeiros?

R - A relação é excelente, de vez em quando há visitas de estudo, por exemplo quando é o dia Mundial da Protecção Civil, dia 1 de Março, a própria protecção civil desloca-se à escola para acções de sensibilização do 1º ciclo, pelo menos e desde há 2 ou 4 anos atrás que temos feito isso. Essa deslocação é iniciativa do próprio serviço Regional de Protecção Civil. Há uma directiva de 2005 ou 2006 que no dia da protecção civil há deslocações a diversas

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

escolas da região para acções de sensibilização. Isto não quer dizer que não se façam outras ao longo do ano, e devia-se fazer.

Pelo menos aquele dia é ponto assente que se faça alguma coisa.

P - O que lhe parece que houve uma alteração de novo a nível de valores, atitudes, comportamentos das pessoas ou da escola?

R - Acho que sim. Houve.

P - De que forma?

R - Como vou explicar isso é que eu não sei bem, ...

Hesitação

P - As pessoas têm as mesmas atitudes em relação à escola?

R - Não, não têm. Por exemplo vou recuar muitos anos no tempo por exemplo quando eu fiz a 3ª classe e até à altura em que fiz a 3ª classe, toda a gente tinha medo da escola, para já, era obrigatório ir à escola. Toda a gente tinha medo do professor que nessa altura estava cá. O regime era outro, o próprio professor era o presidente da câmara, e portanto não era só respeito havia medo, porque as pessoas tinham mesmo medo quer dizer, ele dava porrada, batia muito nas crianças e não havia respeito nenhum e os pais tinham medo dele que é o pior. Havia um clima de medo e não um clima de respeito.

P - E hoje?

R - Hoje para já está completamente diferente. Embora aqui num passado recente, houve ali um menino que se armou em esperto, mas acho que ele já entrou nos eixos, pelo menos aparentemente. Dá a impressão que já entrou nos eixos, eu não queria entrar por aí.

P - E hoje?

R - Hoje não há críticas, não há medos, não há nada a escola foi bem acolhida pela comunidade e a comunidade acolheu bem a escola. Há uma interacção entre uma coisa e outra.

P - A escola estará bem adaptada à comunidade ou não?

R - Acho que sim.

P - De que forma?

Hesitação maior

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - ...é muito difícil ... A escola é muito importante sem sombra de dúvidas. Só que colocar a escola num lugar e a comunidade noutra é um pouco difícil porque estão as duas interligadas e torna-se difícil pensar numa sem a outra.

P – Obrigada pela colaboração.

Protocolo da entrevista número 3

Caracterização do entrevistado

- Presidente da Câmara Municipal do Corvo
- Sexo: Masculino
- Idade: 62 anos

E. 103

Entrevista

P – Qual é o significado da escola?

R - Significado da escola no Corvo é muito bom, a escola é onde todas as crianças aprendem o *a* e o *b* e tem muito a ver, a gente costuma dizer que a escola é que são os professores da vida.

P – Qual é o papel da escola?

R - A escola dentro de uma comunidade é a raiz da educação da gente nova, da criançada, de maneira que tem um papel muito importante numa comunidade pequeno como é o Corvo, ou numa comunidade qualquer. A escola é o princípio da vida de qualquer jovem.

P – Começam pela escola para fazer o quê?

R - Começam pela escola para tomarem conhecimento da vida, de aprenderem, a escola tem um papel muito importante, principalmente, nos professores que passam muito tempo com os alunos, os professores tem de ser muito bem qualificados, para que dêem também não só o *a* e o *b* mas indiquem aos alunos o modo de vida e a melhor vida que eles podem ter durante a sua vida normal.

P - O papel da escola será também de formar cidadãos?

R - Sim, há um ditado que se diz de pequeno é que se torce o vime, e nessa altura a escola tem um papel muito importante na vida dos alunos da escola, é naquela altura em que eles aprendem mais para o resto da sua vida, marca tudo naquela altura de escolaridade que têm na sua vida

P – Quais serão os aspectos positivos e negativos que a escola tem?

R - Eu não tenho filhos na escola não lhe posso dizer, de verdade, qual é o aspecto positivo ou negativo.

P – O que o senhor vê?

R - Há sempre aspectos positivos e alguns aspectos negativos, mas não lhe posso dizer quais são os aspectos positivos ou negativos, mas espero que estejam a fazer um bom serviço, porque daqui a anos. A gente tenhamos os nossos filhos da terra com uma formação acima do normal.

P - A imagem que temos da escola. O que a escola significa para a comunidade?

R - A comunidade vê a escola como um pólo de ensino, que não seja como já disse do *a* e do *b*, mas um ensino da vida dos filhos da terra.

P – Quais são os grupos que recorrem à escola, em que momentos, em que circunstâncias? Não só em ensino mas para outras actividades?

R - Eu não estou dentro disso, mas acho que a escola tem as suas actividades normais que tem feito durante os anos escolares.

P – Existirão grupos na comunidade que não tem qualquer relação com a escola?

R - Eu não sei, não estou dentro do assunto.

P – A câmara tem pedido colaboração à escola?

R - Eu penso que num meio tão pequeno como o nosso, entre a câmara e a escola, tem de haver uma relação sempre positiva, como tem de haver uma relação entre a escola e a câmara, de maneira que nesse sentido tem corrido tudo bem, desde que eu estou aqui sim.

P – As actividades que têm sido realizadas pela escola envolvem a comunidade?

R - Não estou muito por dentro. Não sei, sou muito caseiro. Eu sei que a escola tem feito alguns eventos e as comunidades estão na escola juntamente com os alunos e com os professores.

P – Haverá algum grupo que não vá à escola? Quando é que a escola solicita a participação das pessoas?

R - Eu não lhe sei dizer isso. Não sei o que se passa.

P – O senhor costuma ir à escola?

R - Vou quando é preciso.

P – Em que momentos em que circunstâncias?

R - Em todas elas, se há uma festa vou, se é no pavilhão escolar vou à escola, mas pouco mais do que isso, eu tenho ido.

P – Será que existem pessoas que nunca vão à escola?

R - Isso, eu não lhe sei dizer mas é capaz de haver algumas pessoas que nunca tenham ido à escola, que não tem nenhuma ligação à escola, nem filhos, se calhar nem netos, nesta altura já não tem nenhuma ligação.

P – Mas se calhar vão pessoas à escola que não têm lá filhos, nem netos?

R - É capaz, devem ser pessoas mais novas, mais jovens ou uma pessoa de idade que não tem ligação nenhuma à escola, sei que é muito difícil de ir à escola. Só se houver alguma coisa, um acto importante vão à escola. Essas pessoas afastam-se um pouco da escola. Não tem lá alguma ligação.

P – Se lhe pedir para definir a escola numa palavra numa expressão ou numa frase, qual utilizava?

Hesitação/ indecisão.

R - Há um ditado antigo que se dizia no Corvo, que na escola é que se aprendia tudo.

P – Quais serão as funções da escola?

R - As funções são muitas, depende muito dos professores, não é só ensinar o *a* e o *b*, como já disse muitas vezes, mas também tem muito a ver com a qualidade dos professores que estão a ensinar. Porque há muito professores que vão à escola só para fazer as suas horas de serviço, e pouco mais do que isso. Eu penso que na escola têm de haver uma grande aptidão, não só para ensinar o *a* e o *b*, mas para ensinar e educar os alunos no sentido correcto de que é a vida, do que é que se passa na vida.

Alguns professores vão só fazer o serviço, outros não. Isso depende muito, a gente sabe que nem toda a gente é igual e é bom que não o seja, e nem todos os professores são iguais. Há professores que se dedicam, mesmo a causa da vida do aluno e ao ensino e há professores que vão lá só para ensinar o *a* ou o *b*. Como já disse muitas vezes.

P - E os pais pelo que tem visto?

R - Devem ser a escola, e os pais a ensinar a vida aos alunos, não é só a escola que tem obrigação para com os filhos de cada pessoa, os pais em casa também têm um papel muito

importante na vida do aluno, não só no *a* e no *b* que já têm na escola mas como se deve portar o aluno, como deve fazer, e como é que é as melhores condições para o aluno aprender.

P – Essas condições estão reunidas na escola?

R - Eu não tenho filhos na escola, mas acho que sim. A escola tem toda a organização completa para ter esse fim.

P - E antigamente, antes da escola tinha, antes da implementação será que existiu algum marco que assinale a diferença entre a escola antes e a escola agora?

R - A escola antes e a escola agora, é como sabe a escola, não tinha escola no Corvo, só havia até ao 4º e 6º ano. Havia até ao 6º ano e havia até à 4ª classe e depois houve 5ª e 6ª classe, que era a telescola. Até aí houve um marco e daí para a frente outro completamente diferente.

Eu sei que quando foi implementada a Básica Integrada no Corvo, a câmara do Corvo teve muita dificuldade em angariar professores para o Corvo e hoje professores para o Corvo, querem é vir para cá, ou para outra parte qualquer.

P – Não está muito envolvido em actividade. Então como lhe chega a informação, como é que sabe?

R - Isto é muito pequeno. A gente passando aqui fora da porta e vê o que se passa qualquer coisa na escola, de maneira que nesse sentido por editais que a escola ponha, a gente sabe que há qualquer coisa na escola.

P – Será que a comunidade fez alterações em relação à escola?

R - A comunidade está diferente de quando eu andava na escola. Naquela altura, na escola havia muito rigor, rigor entre aspas, foi antes do 25 de Abril, no tempo da ditadura, mas agora já se vê que os pais colaboram muito mais com a escola do que não colaboravam naquela altura, é que nem podíamos colaborar, era o *a* e o *b* que tínhamos de aprender e as disciplinas, e agora já é diferente.

P – Como é que é diferente?

R - A diferença que a gente vê que as pessoas se envolvem mais na educação dos filhos e da escola que educa os seus filhos.

P – Houve uma alteração as pessoas passaram a envolver-se mais com a escola. E verificaram-se mudanças ao nível do envolvimento dos encarregados de educação?

R - No meu tempo em que eu aprendi, na escola, os pais não iam à escola saber as notas dos filhos e agora já têm de ir saber, receber as notas dos filhos. Uma pessoa que é encarregado de educação de um aluno, já tem mais envolvimento na educação dos seus filhos.

P – Verificou-se alguma mudança ao nível das condições materiais? Quais foram as mudanças físicas, como utilizam como estão as formas de aprender, de fazer as actividades?

R - Hoje é muito diferente, aprender numa escola normal ou numa básica integrada de hoje do que era antes do 25 de Abril, havia uma sala de aula quando eu estava na escola e aquilo era desde a 1ª à 4ª classe. A 1ª estava num corredor, a 2ª noutro, a 3ª noutro e a 4ª noutro. Ou então a 1ª à frente e a 2ª ao fundo ou a 1ª ao fundo e a 3ª ao lado, tudo na mesma sala.

Eu penso que não havia intervenção de nenhuma classe, em que o professor dizia assim é a 3ª classe, vamos a ditar e fazia o seu ditado, a 3ª classe, aquilo era tudo na mesma sala e mesmos os pequeninos da 1ª classe, só iam até ao meio-dia, e não se falava enquanto o professor estivesse a dar a aula, aos outros colegas aos outros alunos.

P – A forma de disciplinar os alunos era diferente?

R - Sim, era muito diferente.

P - Seria principalmente, antes e depois do 25 de Abril?

R - Eu depois do 25 de Abril não estava cá mas deve ter havido uma mudança muito grande que eu vi, quando cheguei dos Estados Unidos cá. A escola já não era aquilo que eu aprendi na escola, deve ter havido uma mudança radical nessa altura.

P – O senhor não continuou a estudar?

R - Não, não tenho tempo para isso. Já tenho 62 anos.

P – Em relação a quando acabou a 4ª classe?

R - Não, o meu estudo maior da vida foi o trabalho, foi o que aprendi melhor na vida escola da vida.

No tempo em que eu me criei não havia possibilidade de estudar, só ia para o seminário, aqueles que tinham mais qualquer coisa. Não iam para o liceu, era só para o seminário que iam. Eram 500 escudos por ano, e era aquilo que uma família normal do Corvo podia ceder, e isto não era um território contínuo de maneira que era muito difícil sair uma pessoa do Corvo para ir estudar.

P – Mas ainda foram alguns?

R - Ainda bem que foram, mas muitos deles começaram pelo seminário, isto no caso dos rapazes. As raparigas iam para a Horta, para um colégio de freiras também, que era mais barato e como elas estavam na Horta, era o internamento, e era aí que aprendiam, temos hoje, professores, doutores.

P – Antigamente era complicado ir estudar. E agora?

R - Agora, acho que, é muito mais fácil, e podem obter melhores resultados. Hoje é muito mais fácil estudar do que não era naquele tempo.

P - Há incentivos para isso?

R - Sem dúvida que há incentivos. Nesse sentido é muito mais fácil do que não era à 50 ou 45 anos atrás.

P - Acabava a 4ª classe, factor que o levaria para fora da ilha para prosseguir estudos?

R - Se entende-se que havia de estudar, saía e era preciso haver possibilidades para isso.

P - A grande condicionante do tempo do senhor seriam as condições económicas?

R - Sim, eram.

P - Mas antes da construção da escola?

R - Há um ditado que se diz que se o meu pai se tivesse dinheiro, nem servias para me colocar os papéis na gaveta. (*riso*). Não havia dinheiro.

P – Antes da construção deste novo edifício iam alguns alunos estudar para fora e acontecia que voltavam para trás. O que fez com que essa situação deixasse de ocorrer uma vez que alguns alunos ainda ficavam cá na ilha?

R - Apesar da escolaridade obrigatória, os estudantes ainda ficavam na ilha, essa podia ser uma das condicionantes.

P – Mas o que fazia com que esses que iam para fora continuassem a estudar. Qual seria a ideia dos alunos?

R - Eu não sei o que eles pensavam, mas na altura em que eu fiz a escola, aqui no Corvo, só tinha até ao 7º ano, os rapazes mesmo os que queriam e podiam sair do Corvo. A partir do 7º, 8º e 9º queriam ir para fora, talvez com horizontes diferentes, com outra ambição, de sair da ilha.

P – Estes foram actores que contribuíram para a mudança. Mas há factores que condicionam a relação entre a escola e a comunidade?

R - Eu acho que não.

P - A relação entre a escola e a sociedade tem sofrido mudanças ou têm-se mantido?

R - Eu penso que se tem mantido.

P – A alteração só se verificou se for realizado um retrocesso de muitos anos atrás, aspecto já proferido pelo senhor. Desta forma como pode considerar o relacionamento da escola com a comunidade?

R - A relação escola comunidade, normalmente faz-se, por exemplo pode-se dizer que quando eu fiz a escola, aqueles que não tinham filhos para ir para a escola diziam que era um dinheiro talvez mal gasto, porque não tinham filhos para ir para a escola, está a perceber, mas os que tinham diziam que era bem gasto.

Esse relacionamento da escola com a comunidade a partir do momento que deixa de ter filhos na escola afasta-se mais da proximidade escolar.

P – A escola a nível da instrução dos alunos, mas a escola tem feito outras acções?

R - Pois, eu não sei como isso tem funcionado, mas envolve sempre a escola para alguma coisa.

P - A câmara não solicita a parceria da escola para algumas situações?

R - Até agora, ainda não, mas a gente temos uma relação razoável com a escola quando é preciso qualquer coisa, a gente fala com a escola, ou a escola fala connosco. Pode-se considerar uma relação mais ligeira.

P - A escola o senhor está mais empenhado. A escola alterou, ou não alterou a actividade normal da comunidade corvina, ou seja, ter vindo a escola para aqui para o Corvo, principalmente esta extensão até ao 9º ano de escolaridade. Alterou, ou não alterou a forma como a comunidade se relaciona com a escola?

R - Não, não alterou muito, como eu já lhe disse. Normalmente, a grande actividade é dos pais que tem alunos na escola, mas altera sempre a vida na sociedade principalmente numa comunidade tão pequena, tem muito mais professores, e é um meio completamente diferente do que era antigamente, havia 3 professores no Corvo e hoje são 16 e altera nesse sentido.

P – Pode-se dizer que houve uma pequena mudança?

R - Sim, acho que sim.

P – A que será devida essa mudança?

R - Talvez ao número de professores e duma relação entre alunos e professores. Como já disse os alunos saíam da escola com o 6º ano e agora saem com o 9º está a perceber. O aluno está mais tempo junto do professor, e a família está mais junto da escola por causa desses 3 anos a mais que estão na escola os filhos.

P – Esses 3 anos marcam a diferença?

R - Marcam, acho que sim, tem que marcar. É mais 3 anos da vida, da vida dos pais que estão ligados à escola, em que o seu filho está mais 3 anos.

P – Então marca a vida do pai e do filho?

R - O pai quando estava aqui e o filho saía para estudar, o pai estava longe do filho.

P – Que condições conduziram à implementação/construção da escola no Corvo? Não só edifício mas também a sua implementação, também estivemos a funcionar em edifícios isolados.

R - Foi muito difícil.

P – Que condições conduziram à implementação da escola no Corvo?

R - As condições é que havia bastantes alunos no Corvo, na altura, ainda eram, salvo erro, na altura em que se formou a escola básica integrada, eram uns 50 ou 60. Eram muitos alunos que estavam sem a escolaridade obrigatória. Muitos não iam para fora e ficavam sem a escolaridade obrigatória, que sendo ela obrigatória, não saíam. Não é, foi muito difícil a implementação da escola no Corvo, lutei muito para isso, que era um direito que estava, já era obrigatória o 9º ano, e na altura, foi muito difícil implementar a escola no Corvo, até ao 9º ano.

P – Um dos principais factores que referiu foi os alunos terem direito a ter a escolaridade obrigatória.

R - Esse foi um dos principais, mas havia muitas reservas, porque a quantidade de alunos ainda não era o suficiente. Dizia o governo na altura, diziam que era obrigatória mas a quantidade de alunos ainda não eram bastante, não era suficiente para implementar no Corvo o 7º, 8º e 9º ano.

Havia obrigatória, mas a quantidade de alunos não era suficiente para implementar o ensino aqui no Corvo até ao 9º ano.

P – Esse factor não era suficiente para implementar a escola no Corvo, os principais factores para a implementação foram o número de alunos e a escolaridade obrigatória, e os alunos permanecerem cá.

R - Quando se instalou, nessa altura os alunos até ao 9º ano eram cerca de 60, mas havia 30 que não tinham a escolaridade obrigatória. De maneira que isso foi um bocado a minha reivindicação para que se pudesse fazer a escola no Corvo. E foi feita, mas com muito trabalho.

O que se diz fazer as regras da escola, os professores que eram precisos e o que não era preciso, devo muito a Elvira, tecnicamente foi quem fez isso tudo, houve um trabalho de colaboração por parte da câmara. Eu é que era o cabeça de lista da implementação da escola no Corvo. Espere, quero-lhe mostrar uma coisa, um fax que recebi do então presidente do Governo Regional a dizer que...

procedeu à leitura do ofício resposta ao convite de inauguração da escola, declinando o convite e felicitando-o pela obra feita.

O presidente do Governo do momento em que se procedeu ao acordo de construção da escola, Doutor Madruga da Costa, que não era presidente do governo, mas comecei a desenvolver este projecto com o governo de Madrugada Costa era o governo que estava na altura. Eu convidei-o para estar nesta inauguração.

P – O senhor está a referir que não tem muita ligação com a escola, muitos eventos culturais, festas e tudo isso porque era um espaço coberto e fechado, e utilizado para festas e situações do género. Agora está a ser construído o novo edifício polivalente.

R - Penso que muitas das festas que se faziam no ginásio da escola, que era um sítio perto serão passadas lá para cima, para o polivalente.

P – Durante muito tempo foi a escola a dinamizadora de muitos eventos, de maior quantidade de eventos. Não só da escola, alguns da escola e outros particulares.

R - Porque havia na escola e eram muitos eventos, principalmente particulares, por vezes os particulares e pediam para usarem o ginásio da escola.

P – Terá havido uma alteração ao nível de atitudes, comportamentos e valores em relação à escola?

R - Não lhe sei dizer bem isso, mas eu penso que o que eu ouço quando estou com as pessoas é que a pessoa que têm filhos na escola, está sempre ligado à escola de qualquer forma.

P – Foi necessário a comunidade fazer alterações para se ligar à escola?

R - Eu acho que não, não foi necessário fazer grandes alterações.

P – E terão sido necessário a escola ter feito adaptações para se ligar à comunidade?

R - Não, eu acho que não. Eu acho que o papel da escola é esse, é ligar-se às comunidades e as comunidades à escola, mas mais ligado aos que têm os filhos na escola.

P – As mudanças que poderiam ter surgido já se encontram concretizadas?

R - Estão quase todas concretizadas.

P – A escola correspondeu aquilo que o senhor idealizou?

R - Eu acho que sim foi aquilo que eu pensei para o Corvo. Não foi brincadeira nenhuma, a gente diz que é isto ou aquilo. Foi uma coisa muito difícil de implementar no Corvo foi a escola básica integrada. Eu tenho muito orgulho porque foi a primeira da região.

E foi a primeira porque eu fui a uma reunião da associação dos municípios portugueses a Coimbra, e lá estava o presidente da câmara de lá de cima, como é que hei-de dizer, Trás-os-Montes, Bragança, que sentou-se mesmo na cadeira ao meu lado, também chegou atrasado. Disse cheguei atrasado à reunião e eu disse-lhe eu também cheguei, e donde é que tu vens. Eu venho de Bragança. Eu disse: eu venho do Corvo dos Açores, que é muito mais longe.

Mas o ensino já era obrigatório o 9º ano, há alguns anos e ainda não se tinha reivindicado o 9º ano para o Corvo. E não havia básicas integradas na região.

P - E havia apoios para os pais poderem mandar os filhos estudar nessa altura?

R - Sim, já havia, mas depois de ser autarca, o governo naquela altura do PSD incentivava com algum dinheiro.

P – Quando veio para cá começou logo a ser autarca?

R - Vim dos Estados Unidos e estive aí uns 4 anos, não 6 anos sem ser autarca e depois é que me inteirei da realidade disso.

A escolaridade fora do Corvo, havia sempre a escola básica, 1º, 2º e 3º ciclo, era tudo separado e a minha ideia era pôr os ciclos juntos e fazer só uma escola. E isso não estava na legislação regional, foi mais difícil implementar a básica integrada por causa disso, não havia e tinha de ser o 1º ciclo, o 2º ciclo e o 3º ciclo separado.

P – O Corvo será uma exceção?

R - O Corvo foi uma exceção que começou a escola básica e integrada da região.

P - Talvez o Corvo para outras coisas seja um bocado exceção?

R - Sim, é evidente que é isso, essa exceção, é que nos fez, tudo junto era mais fácil, fazer uma escola, não eram precisas 3 secretárias, não era preciso pôr 6 ou 7 auxiliares, era muito menos e daí é que nasceu a ideia da básica integrada, que fui ver, lá acima a Bragança, e vi que era o modelo adequado para o Corvo. Seria uma realidade muito semelhante à realidade do Corvo.

Fui a muitos lugares, era semelhante ao Corvo, a muitas vilas e ainda me lembro de aldeias, vilas pequenas com 400 – 500 habitantes e era essa realidade de lá. Com 300 – 400 eles nem faziam, tinha ainda, era a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª classe. Depois saiam e iam para mais distante, em autocarros pagos pela câmara na altura. Em vilas maiores já tinham a básica integrada e foi aí que eu vi que essas eram bem melhor para o Corvo do que o 1º, 2º e 3º ciclos separados, e está implementado.

P – Obrigado pela colaboração

Protocolo da entrevista número 4

Caracterização do entrevistado

- Representante dos pais nos órgãos de escola
- Sexo: Feminino
- Idade: 41 anos

E. 104

Entrevista

P – Qual é o significado da escola?

R - Pois eu acho que a escola é muito importante para a nossa comunidade, porque é lá que se formam os nossos meninos. É lá que eles aprendem as bases de tudo. Porque antes a gente só tinha aqui até ao 6º ano praticamente.

A partir de alguns anos atrás, começou a ser até ao 9º, eu acho que é muito importante, porque eles estão no meio da família e conseguem levar as bases essenciais quando saem aqui do Corvo. O que não acontecia quando eu fui. Já foi há uns tempos, há uns tempos grande.

P – Qual pensa que é o papel da escola?

R - Ela permite tudo isso, tem um papel de educadora, tem um papel de formadora, tem isso tudo.

P – Quais serão os aspectos positivos e negativos que a escola tem?

R - Negativos, eu não vejo nenhum. Aspectos positivos são todos esses os que eu já disse atrás, e pronto, os meninos formam-se e aprendem. Este ano com a música também tiveram outra componente que foi muito positiva para eles e tudo o que eu já disse atrás tudo contribui para os aspectos positivos da escola.

P – Qual será o significado da escola para a comunidade?

R - Eu acho que é importante porque a escola vem sempre pedir o auxílio dos pais, vem sempre pedir o auxílio da comunidade para se interligarem com as actividades da escola.

P – Como?

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - Nas festas pede sempre a participação dos pais, pedem sempre a participação das comunidades e da comunidade em geral, em todas as actividades que fazem eles procuram sempre inserir a comunidade na escola.

P – De que forma solicitam, pedem a participação dos pais?

R - A participação dos pais, normalmente, pede oralmente, e pedem para dar uma ajuda em tudo o que for necessário nas festas, para darem as suas opiniões. Se acham que está bem assim, que está mal, qual era a maneira que poderiam fazer melhor.

Um dos exemplos, foi por exemplo as festas da escola que eram feitas à tarde e foram pedindo opiniões e acabaram por fazê-las à noite, que é quando a comunidade toda pode assistir.

P – Quais são os grupos que recorrem à escola, em que momentos, em que circunstâncias? Em que usam a escola e colaboram com ela.

R - Não estou a ver muitas. Por exemplo, a Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA) tem-se interligado um bocado à escola. Eu não vejo muitos grupos aqui do Corvo que se ligam à escola.

A SPEA tem-se ligado um bocado, tem feito muitas actividades com os miúdos e juntamente com a escola. De resto eu não estou a ver muitos grupos.

Grupos daqui do Corvo que utilizam a escola temos muitos, mas não é pedir a ajuda da escola, em si muitos grupos daqui do Corvo pedem é as instalações.

P – Grupos que utilizam a escola, usam e colaboram?

Hesitação

R - Agora não estou a ver muito bem, a SPEA. Não vejo muitos grupos ali a escola.

Grupos da comunidade que utilizam a escola temos muitos, mas os grupos pedem só as instalações, não pedem a ajuda da escola. Pedir as instalações muitos grupos pedem, pedem para festas, pedem para várias coisas, e isso aí é só mesmo utilizarem as instalações, não pedem propriamente a colaboração.

P - Ao pedirem as instalações a comunidade escolar também participa nesses eventos?

R - Claro, claro.

P - A SPEA está actualmente a desenvolver um projecto mais virado para a aprendizagem dos alunos.

R - Sim.

P – Existirão grupos da comunidade que não tem qualquer relação com a escola?

R - Sim, por exemplo a filarmónica, se a filarmónica tivesse tido uma abertura com a escola este ano tinham aproveitado o professor de música, tinham feito um trabalho aqui no Corvo muito melhor do que fizeram, e há outro como quem diz a filarmónica, diz o grupo folclórico, se tivesse integrado nos ensaios com os miúdos este ano, se calhar, tinham conseguido fazer uma coisa muito melhor.

Mas são grupos que ao fim ao cabo não se ligaram ali. Mas se se tivessem ligado só tinham beneficiado.

P – Qual pensa que será a razão?

R - A professora sabe, tão bem quanto eu, que esta comunidade é uma comunidade pequena e é muito complicada.

P – Dessa complicação é que faz com que exista esse afastamento?

R - Eu penso que sim, e às vezes, também a falta de inércia das pessoas, que as pessoas aqui são um bocado, deixam-se levar, não têm grande iniciativa para as coisas.

P – Se lhe pedir para definir a escola numa palavra numa expressão ou numa frase, qual utilizava?

Hesitação.

R - A escola é o elo de ligação entre a escola e a comunidade educativa, a comunidade em geral. As crianças fazem parte da comunidade. Essa é muito difícil de fazer essa definição.

P – Quais serão as funções da escola?

R - As funções da escola são de educar, ensinar, transmitir, ao fim ao cabo, valores às crianças, que não pode ser só na escola que tem de vir de casa também, acaba por transmitir valores às crianças, com estas actividades que fazem para as outras ilhas, acaba por ensiná-los a ser um bocado independentes. Estas actividades para as outras ilhas, e quando os alunos saem fora e vão participar noutros eventos.

P – Que funções desempenha a escola para os pais, professores, alunos e comunidade serão diferentes?

R - Sim, claro, exactamente.

P – Será que me pode dar um exemplo?

R - As funções para os pais, a escola integra os pais na comunidade escolar, os pais fazem parte dos órgãos de escola, os pais tem toda a liberdade em irem à escola falar com qualquer professor e nunca são mal recebidos.

Os pais podem-se integrar mais se quiserem, mas não se integram se não quiserem. Podem-se integrar muito mais na escola, podem participar em muitas actividades que as crianças fazem e as que escola faz.

P – Quais são as funções para a comunidade?

R - As funções são um espaço sempre aberto à comunidade, nunca a comunidade é mal recebida, quando a comunidade precisa do espaço, o espaço é sempre cedido, ou seja há uma abertura muito grande por parte da escola à comunidade.

P – A relação entre a escola e a comunidade deve ter sofrido alterações ou não?

R - Eu acho que sim, sofreu algumas alterações desde há uns anos atrás. Há uns anos atrás a escola era a escola, e as pessoas nem sequer, se calhar os próprios pais se podiam integrar muito bem lá na escola, era só.

A escola estava ali e a comunidade não tinham nada a ver, com aquele espaço ou com o outro espaço anterior, o espaço da escola.

Nunca havia um grande relacionamento entre as pessoas e a escola. Hoje em dia já se verifica uma abertura. A comunidade, os pais, os miúdos está tudo integrado, antigamente não era assim.

P – O que terá conduzido para que se verificasse essa abertura?

R - Se calhar a mudança de mentalidades, mentalidades mais abertas, ao fim ao cabo não sei dizer muito bem o que é que se passou, mas se calhar uma abertura de mentalidades. Antes eram pessoas com ideias mais antigas. Sei lá, ao fim ao cabo não sei se tem a ver com as mudanças dos sistemas.

P - Sistemas, que tipo de sistemas?

Isto há uns anos atrás, também conforme os anos passam, isto não se deve falar mas é mesmo assim, as mentalidades tanto políticas, como da sociedade que também mudou. Há uns anos atrás a escola era a escola e a comunidade era a comunidade, eu estudei em São Miguel e a escola era uma coisa, não havia lá pessoas da comunidade exterior lá dentro, isto nas escolas todas.

P – Houve alteração da forma como se relacionavam as pessoas?

R - A alteração não se verificou só aqui, houve uma alteração nas escolas todas.

P – Qual será o relacionamento entre as pessoas? A forma como era utilizada escola?

R - Alteração a nível de materiais que são utilizados para a mudança de mentalidade.

P – Se calhar foram mais os factores humanos e materiais que contribuíram para essa mudança.

R - Foram mais os factores humanos que contribuíram para a mudança da imagem diferente da escola.

P – De que modo a comunidade integrou o conceito de escola na sua vida quotidiana?

R - A escola passa a ser vista pela comunidade como um espaço que hoje em dia faz parte da vida das pessoas. As pessoas hoje em dia já falam da escola, já vão à escola, já procuram a escola. Se vêem os professores na rua já falam com eles com muita à vontade, há uns anos atrás não era assim.

Hoje em dia é assim, se a gente tem um problema qualquer, a gente vai á com a maior das facilidades, fala com qualquer um dos professores, se tem um problema com um miúdo fala muito bem qualquer um dos professores. Sabe há uns anos atrás não era assim que se verificava.

P – Quais foram os factores que contribuíram para a mudança, ou manutenção da relação, entre a dinâmica escola comunidade?

R - Eu acho que houve mudança e depois a partir da mudança houve manutenção, se não volta tudo atrás outra vez.

Eu acho que isto gradualmente foi havendo uma mudança e a partir de agora, eu acho que tem de haver uma manutenção para isto não voltar atrás.

P – Essa mudança foi rápida, lenta?

R - A mudança foi gradual.

P – Qual terá sido a data da mudança aqui no Corvo? Que se poderá considerar como um ponto uma marca.

R - A mudança começou-se a dar aqui no Corvo desde que esta escola nova foi feita. A partir do momento em que se começou a ter um conselho executivo, que aqui há uns anos atrás não

havia. Não sei bem como isto funcionava, se era o conselho executivo, se era uma coisa provisória, se como é que era aquilo. Eu não estava cá.

Mas acho que a partir do momento que foi para ali a escola mais organizada em si, a partir daí, passou a haver uma mudança. A organização ficou mais clarificada.

P - Ficou mais clarificada com a inauguração da escola edifício?

R - A escola já existia anteriormente, mas existia noutros moldes, era uma vez ali à frente e outra vez lá em cima, eu vinha ai de férias e via a escola, uma vez num sítio, outra vez no outro. Aqui passou a ter um edifício próprio passou a ter condições. A parte material teve um bocadinho de peso nessa mudança, mas a humana também teve, claro.

P – A escola quando quer pedir auxílio à comunidade, o que será que está por detrás para que solicite essa ajuda à comunidade, para determinado tipo de situações, qual será a finalidade?

R - Eu acho que a escola também procura integrar a comunidade nas suas actividades, porque isto ao fim ao cabo é uma ilha pequena e se não estivermos todos a trabalhar para o mesmo fim não chegamos a nenhum lado.

A escola tem tido aquela abertura e quando procura ajuda da comunidade não é para um fim específico, mas tenta integrar toda a gente para o mesmo fim.

P – Qual fim?

R - Fazer actividades, fazer com que as actividades corram o melhor possível, e fazer algo em que inclua toda a gente.

P – E a comunidade pede ajuda à escola?

R - Foi como eu já disse a comunidade ajuda, ajuda em si, não pede, pede mais as instalações. Ajuda por parte humana da escola, eu acho que não há muita abertura da comunidade em relação à escola. Existe mais o contrário. Foi como eu já disse, se a comunidade em si ao pedir auxílio à escola tivesse uma maior ligação, as duas conseguiam fazer coisas extraordinárias, mas a comunidade não tem iniciativa. A iniciativa parte geralmente da escola. A escola é que é a grande dinamizadora.

Neste relacionamento escola comunidade, há mais abertura por parte da escola, do que a comunidade em si se for para ir pedir a ajuda.

P – A vinda da escola alterou a actividade normal da comunidade?

R - Sim, alterou, ao fim ao cabo ela acaba por mudar um bocado.

P – Será que pode dar um exemplo de uma mudança que tenha ocorrido?

R - Essa coisa de exemplos é que é um bocado mais complicado. Exemplos concretos não me lembro, mas se reparar fizeram ali a festa do final de ano, fizeram a festa dos santos populares, apareceu ali muita gente que eu via levar pratos e que nem sequer tinham miúdos ali na escola.

Quando a escola solicita as pessoas vão. A iniciativa parte sempre da escola. Podiam ter ido ali os pais dos miúdos só e mais nada, mas eu vi pessoas que não tinham miúdos ali na escola e foram, participaram, e levaram os seus pratos.

P – A escola, edifício novo veio para aqui para o Corvo. Qual pensa que terão sido os factores e as condições que conduziram à sua implementação da escola no Corvo?

R - Ao fim ao cabo somos uma ilha fazemos parte dos Açores e os miúdos tem o mesmo direito que todos os outros, e por isso... E sair de casa com 10 anos como eu sai. Eu acho que hoje em dia não se justificava, eles tem a partir de agora é o 12º, mas até agora era o 9º que era obrigatório, e eles tinham todo o direito de ter na sua terra, na sua ilha, uma escola para isso.

P – Aqui ainda não têm 12º?

R - Agora não, mas a partir de agora é obrigatório, não é?

P – É.

R - Eu acho que a partir de agora deviam por aqui o 12º sim, mas o 12º, apesar de ser uma ilha pequenina deviam por o 12º com várias áreas, com várias opções de escolha, se acabarem por pôr o 12º só com duas áreas, de escolha, os miúdos vão acabar por ir para fora na mesma.

P – O próprio governo também, dá um incentivo às crianças.

R - O incentivo não é suficiente, porque tem a parte afectiva, e essa aí a gente sofre muito e não há dinheiro que o pague. Devia existir uma abertura até ao 12º. Ao fim ao cabo, isto é uma faca de dois gumes.

Antes íamos muito pequeninos, agora vão numa idade muito complicada.

P – Porquê?

R - Porque é a idade da adolescência, porque é uma idade, é a idade em que eles querem experimentar tudo e mais alguma coisa, é uma idade em que eles nunca escolhem os melhores amigos, são sempre os piores que para eles são sempre os melhores. Isto ao fim ao cabo, se eles fizessem o 12º aqui, mas eu também já não vou dizer agora que eles tivessem

todas as áreas. Com a quantidade de alunos que nós temos também isso não é possível, senão tinha de vir para aí uma carrada de professores enorme, por aí abaixo para menos de meia dúzia de miúdos.

Que pelo menos tentassem saber quando os miúdos passam do 9º para o 10º que pelo menos tentassem saber o que é que os miúdos queriam seguir e depois a partir daí, porem aquelas e os miúdos cingirem-se aquelas e tentar saber o que os miúdos queriam e a partir daí é que abriam aquela área ou não. Essa seria uma forma para que se pudesse verificar a implementação da escolaridade obrigatória aqui no Corvo.

P – Houve alteração de atitudes, valores, comportamentos na comunidade desde que a escola foi implementada cá?

R - Sim, eu acho que sim, as pessoas antes viam aos professores como os senhores professores, não se pode falar com o senhor professor. Hoje em dia o professor a escola estão de tal maneira interligados connosco, que a gente fala com um professor, da mesma maneira que vai ao posto e fala com o médico, da mesma maneira que vai às finanças e fala com o senhor das finanças. Eu acho que assim é que tem de ser, que isto tem de estar tudo interligado, se as pessoas virem o professor como uma pessoa austera e o menino não vai falar com o senhor professor.

Tanto os miúdos como a comunidade em si, além de terem de ter o respeito porque é o professor. Mas tem de ser amigos sobretudo.

P – E isso já se verificava?

R - Sim já. Não se verificava há uns anos atrás, não.

P – A escola para a comunidade fez alguma alteração para a escola aceitá-la melhor?

R - Claro que a escola teve de dar abertura, a escola teve de mudar a sua atitude em relação às pessoas. Isto é assim, aqui há uns anos atrás, a escola por exemplo, eu não vou falar por ser a Deolinda, podem ser outra pessoa que esteja no conselho executivo. Aqui há uns anos atrás, se calhar ir ao conselho executivo, era um bicho-de-sete-cabeças, aquilo era um problema ir ao conselho executivo e fala com uma pessoa que estava lá.

Hoje em dia qualquer pessoa chega ao executivo, seja quem for a pessoa que esteja de directora de uma escola e fala com abertura, com naturalidade, expõe os seus problemas e pronto. Tem de haver uma abertura de parte a parte.

P – A resposta por parte da escola a essas solicitações como a considera?

R - As respostas são sempre... eles acolhem-nos sempre bem, tentam-nos esclarecer das dúvidas que nós levamos lá. Só que às vezes também é esperado dos encarregados de educação muito para pudermos fazer alguma coisa lá.

P – Esperam muito dos encarregados de educação?

R - Eu não lhe vou dar exemplos, eu não lhe vou dar nada (*sorriso cúmplice*). Mas é assim à vezes, procura-se tirar um bocado mais dos encarregados de educação para poderem fazer alguma coisa lá dentro com os problemas que, às vezes, os encarregados de educação levam lá.

E às vezes os encarregados de educação também, eu acho que também às vezes há coisas que não é os encarregados de educação que deviam perceber, que deviam ter de actuar, está a perceber? A gente faz um alerta, uma mediação. Mas acho que nós não devíamos de fazer o alerta. Geralmente é solicitado o alerta e depois a resolução. Não é sempre assim mas acontece.

P – Obrigada pela colaboração.

Protocolo da entrevista número 5

Caracterização do entrevistado

- Representante de uma entidade
- Sexo: Feminino
- Idade: 31 anos

E. 105

Entrevista

P – Qual é o significado da escola?

R - A escola é muito importante, sem a escola a gente não chega a lado nenhum, para que a gente consiga ter cultura, aprendizagem. É importante em qualquer sociedade.

P – Qual é o papel da escola?

R - O papel da escola é ensinar.

P – Essa é também uma função dela?

R - O papel dela não é só ensinar e preparar as pessoas para a vida é também chamar as pessoas para a escola, para que aprendam, para que saibam, para que tenham futuro, sei lá (*ri*). Isto a estas horas da manhã não vai muito bem.

P – Quais serão os aspectos positivos e negativos que a escola tem?

R - Positivo é que preparar as pessoas para que tenham no futuro e consigam bons empregos, consigam estudar, e sei lá que sejam mais cultas.

Aspectos negativos, não sei, só se acordar de manhã, às 8 da manhã, o que é chato, para ir para a escola. Aspectos negativos, eu acho que não há nenhum. Acho que é importantíssimo a escola. Sei lá, como é que vou explicar. Sem a escola não se chega a lado nenhum. A gente tem de aprender.

P – Esteve na altura até ao 6º ano.

R - Depois fui para fora, infelizmente, e continuei o resto da escolaridade até ao 11º, depois voltei, tirei o 12º aqui. Fui para a internet e tirei o 12º. Já corri todas as escolas dos Açores.

Um aspecto positivo é ter havido aqui a escola. Aqui é, mas havia de haver era mais escola até ao 12º, mas não há infelizmente.

P – E ter ido para fora?

R - É muito bom por um lado, mas é muito mau por outro. É bom, é que uma pessoa cria independência, logo cedo começa a ser independente, começa a ter a sua maneira de olhar para a vida diferente. É muito mau, sem a família lá as coisas não correm muito bem, as saudades são de matar, é saudades da família, da casa, de tudo.

O meio é completamente diferente, não tem nada a ver. A escola é diferente. Vive-se num ambiente de mais pessoas, com pessoas diferentes, que a gente não se está habituada a ter, e a escola é muito mais puxada. E uma pessoa “pronto”.

P – E agora os rapazes não tem de sair tão cedo. O que acha?

R - Para esses é melhor, só saem após o 9º ano, para nós que saíamos com 11 anos era mais complicado, agora é melhor. Se bem que complica e que ficam por lá muitos deles.

Sair com 11 anos, de ao pé do papá e da mamã, é complicado também.

P – Quais são os grupos que recorrem à escola, para fazer determinadas actividades em que momentos, em que circunstâncias?

R - Sim.

P - Será que me pode dar um exemplo?

Indecisão.

R - Geralmente a escola está associada a várias coisas, um exemplo é que é mais difícil... (*riso*) já cheguei a ver aí grupos que se associam à escola, como aquela história que houve da saúde que se associou ao desporto para fazer ginástica pela sua saúde. A comunidade está associada à escola

P – Será que existem grupos na comunidade que se associam à escola?

R - Não sei. Agora não me lembro de nenhum, agora falta-me uma...

Hesitação e recomeça.

A escola serve para fazerem lá formação, já vi lá pessoal a fazerem formação das pescas, a Adeliaçor, porque é um espaço onde tem espaço, mais do que suficiente para as pessoas aprenderem, é um sítio mais do que ideal, porque é um sítio que está preparado para isso para aulas mesmo.

P – Existirá grupos na comunidade que não vão à escola?

R - Eu lembro-me da Adeliçor, eu estive lá em formação com a escola de condução, também estiveram com as pescas.

P – A escola só faz formação?

R - Não a escola ainda faz festas religiosas e não religiosas, já lá vi festas de todo o tipo.

P – E que grupos utilizam a escola? Já participou nessas actividades?

R - Sim, já participei, costuma ser o Espírito Santo, a Sagrada Família, bares que não tem lugar, também fazem lá, e mesmo as pessoas da comunidade.

P – Como é feita essa solicitação?

R - Eles requisitam a escola, o espaço.

P – Existem problemas com a requisição ou não?

R - Não há problema nenhum com a requisição, pelo menos, não costuma haver. Que eu saiba é um ofício lá para o presidente a pedir autorização, é dada autorização, e depois já não sei o resto, (*riso*) eles usam a pronto Tem de deixar tudo limpo no final e não interferir com as aulas.

P- Já deve ter ido todas as pessoas à escola de uma maneira ou outra. Existirá pessoas que não querem ir à escola? Ter ido à escola para fazer qualquer tipo de actividade?

R - Aqui não se nota nada disso. Acho que toda a gente vai à escola. Há um ou outro que não tem vontade nenhuma de estudar, e ainda arma lá um barulho, ou umas coisas. De resto acho que vai tudo obrigado ou não obrigado, eles vão.

P – E da comunidade também vai toda a gente à escola?

R - Não, talvez não, não sei. Se calhar as pessoas não tem interesse, as pessoas não se interessam com actividades e não lhes apetece sair. Não acredito que não haja ninguém no Corvo que ainda não tenha ido à escola. Se calhar há um velhote ou outro que nunca foi à escola.

P – Se lhe pedir para definir a escola numa palavra, numa expressão ou numa frase, qual utilizava?

R - Acho que foi uma batalha dura para conseguir a escola até ao 9º ano, pelo menos, notou-se isso durante anos, pelo menos que eu saiba, foi na altura em que eu fui estudar para fora,

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

há 12 anos atrás, não era possível vir para cá o 9º ano. Eu acho que foi uma batalha dura conseguir o 9º ano.

Foi uma batalha porque não se justificava normalmente era essa a resposta que eles davam. Não se justificava ter aqui o 9º ano porque éramos muito poucos.

P – E agora já se justifica?

R - Pois não. Se calhar, não.

P – Como é que se justifica a escola ter vindo para o Corvo?

R - Eu sei que foi com bastante batalha do pessoal do conselho executivo e pessoal da câmara, mas se perguntar quem eles são, não sei responder, dizer.

Lembro-me de na altura haver, assim, umas discussões valentes para que viesse a escola.

P – Porquê, qual a razão para a escola vir para cá?

R - É importante para a comunidade ter uma e para as crianças não ficarem ai para fora como costumavam ficar.

P – Mas havia um espaço na ilha onde eram leccionadas aulas, em regime de desdobramento (manhã e tarde), e não teria sido necessário construir esta escola nova?

R - Mas acho que também dentro das legalidades a escola tem de ser como as outras todas, tem de ter as aulas diurnas e ter um espaço agradável para as pessoas estudarem. Trabalharem numa casa, num pré-fabricado, coisas assim. A escola tem de ter as condições mínimas. A escola tem de ter tudo o que é necessário, é uma escola boa.

Essa história do 12º ano vir para o Corvo, a questão é só os professores, de escola a gente tem mais do que suficiente, se não da numa hora dá noutra. Agora a questão mesmo é só da parte dos professores.

P – A escola tem as funções que desempenha para os alunos, pais, professores e comunidade? Quais são?

R - Para os alunos é para ensinar. Os pais é para que os filhos aprendam e para o futuro dos filhos. Para os professores é emprego. A comunidade... ao fim ao cabo a gente somos todos uma comunidade, todos andaram a estudar. Uns trabalham, outros estudam, já passaram por lá muitos deles. Já passaram por lá os da comunidade e vão quando houver alguma formação, mais do que não seja para ir buscar alguma coisa nem que seja um diploma. Eu não sei explicar como é que é.

P – Será que me pode dar um exemplo de quando as pessoas da comunidade vão à escola?

R - O que eu vejo é quando as pessoas vão lá ver uma exposição, quando há uma formação, ou quando há uma festa, ou quando querem buscar um documento qualquer. O que eu vejo da comunidade é isso.

P – E os pais vão muitas vezes à escola?

R - Isso, eu não sei, mas devem ir nem que seja para saber como é que os filhos estão, para as reuniões, nem que seja para ir buscar as notas dos filhos.

P - E agora os pais vão mais ou menos vezes à escola do que antigamente?

R - Eu não sei, eu não sou pai. Eu não me recordo do meu pai ou a minha mãe ir à escola senão uma vez por ano para ir buscar as notas. Agora acho que vão mais vezes, têm reuniões intercalares.

P – A relação entre a escola antiga e a escola agora sofreu alterações? A escola funcionou numa casa particular e num edifício pré-fabricado, antes da construção do actual edifício. Em que aspectos?

R - A escola está muito melhor. Não tem nada a ver. Para os professores não tem logo de andar de um lado para o outro, começa logo por aí. Depois os alunos estão ali todos e convivem todos no mesmo espaço. Uns são de ali e outros são de acolá, esta é a escola é minha, a escola é tua, eu vou para a minha vocês vão para a vossa. Ainda hoje se diz que era a sala do 9º, do 8º e do 7º, havia antigamente essa história, não era uma escola, era a minha sala, a tua sala e a nossa. Isto cá em cima no pré-fabricado. Ainda se refere hoje a minha sala e a vossa sala. Mas esse edifício é utilizado para outras coisas, para a filarmónica. E ainda fazem referência às salas, essa situação marcou. Para explicar qualquer coisa sobre a sala da banda, em como não tem isto ou aquilo, há a sala que era do 7º, do 8º e do 9º ano. Aquilo não era uma escola era uma sala para cada um.

P – Então aquele pré-fabricado foi feito especialmente para a escola, para as turmas do 7º, 8º e 9º anos, e continua e foi reutilizado para outras situações? E aquela escola lá em baixo é utilizada para outras situações, a escola edifício actual mudou muito?

R - Não, não mudou muito, foi sempre escola.

P – A comunidade fez alguma alteração com a vinda da escola?

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - Eles gostam de participar nas actividades que a escola faz festas, festas que a escola faz, festa do Natal, das crianças, do fim do ano e a comunidade gosta muito de ir ver. Não só os pais, mas também vai toda a comunidade. Há a passagem de ano.

P – Como é que vai a comunidade?

R - Publicitando, já vi por aí editais, já vi naquela coisa o “Jornal do Corvino”. Há divulgação das actividades da escola.

P – A mudança para a escola nova foi boa ou não?

R - Eu já não apanhei a escola nova, mas acho, que sim, apanhei foi de noite, mas até foi uma mudança boa, agora já temos uma escola com condições, não tem nada a ver com o pré-fabricado, em que as casas de banho ficavam a 50 metros, lá do sítio, e a gente tinha de andar para trás e para diante debaixo de chuva e nas aulas ouvia-se o som de umas e para as outras. Tudo isso ajudou. Agora a escola tem muito boas condições, mesmo materiais e equipamentos, enfim tem muito melhores condições sem dúvida, a nível humano (professores e funcionários), tem muito mais funcionários e professores.

P – Só aumentou em número?

R - Eu não sei. A qualidade, porque não estou lá dentro e não sei se é melhor ou pior, se não.

P – Os professores estão integrados na comunidade?

R - Estão integrados na comunidade sem dúvida, eles convivem com a comunidade toda, são amigos das pessoas, falam, estando na escola ou não, são as mesmas pessoas.

P – Foi necessário a comunidade do Corvo fazer adaptações para a escola ou não. Ou houve mudanças?

R - Sim, desde que seja em termos de alojamento, vieram muito mais gente para o Corvo. Logo à partida nem que fosse arranjar quartos para os professores ficarem. Essas saudades também se sentem qualquer coisa porque eles também comem lá. Felizmente, se calhar houve uma alteração e até foi boa. É claro que é mais dinheiro que entra para a terra e isso também conta.

P – E aspectos negativos da escola?

R - Não sei dizer um aspecto negativo que se possa dizer, não sei, acho que foi importante e não me lembro de nenhum aspecto negativo. Sei que foi um grande passo ter uma escola no Corvo e que reúne condições como as outras ilhas todas.

O mais negativo que havia antes era, as pessoas saírem do Corvo, depois iam para lá apaixonavam-se e depois ficam por lá, casam e já não voltam. Agora é aquela coisa sempre ajuda se as pessoas não saírem de cá, já saem mas é com outra ideia, já saem com aquela coisa de que não estou bem e quero-me mudar, agora já não saem com aquela ideia de apaixonam-se e estou amarrada lá e já não posso vir.

P – E melhorou nesse aspecto?

R - Nisso melhorou, um bocado porque ficava muita gente fora está a perceber. Só do meu ano ficaram duas e agora vão voltar, agora querem voltar.

P - E não podem voltar porquê?

R - Porque não há emprego, uma delas tinha estudo a outra não, uma delas se não estou em erro ainda não tinha o 12º completo. O problema era que iam, ficavam e depois nunca acabavam os estudos. Os que gostavam vinham com o estudo completo, e os que não gostavam e regressavam.

P – E tiveram oportunidade de acabar os estudos cá?

R - Sim, eu fui uma delas, faltou o 12º e acabei cá. Foi o meu caso de trabalhar e estudar, mas depois acabei através da internet, na Vitorino Nemésio. Acho que é uma boa opção para quem não acabou os estudos. Isso foi uma das coisas melhores que inventaram até hoje. Podem sempre prosseguir estudos mesmo até se não estiverem cá os professores.

Mas devia ser assim com a universidade, fazerem os exames e tudo cá assim, aí é que era bom, (*riso*) era o ideal.

P – A comunidade às vezes pretende que a escola participe em alguns eventos. A comunidade será que pede à escola para participar em alguns eventos?

R - Não sei.

Hesitação.

Eu sei que a gente aqui na biblioteca, vamos fazer actividades e nessas actividades vai-se solicitar à escola e à creche que participem nelas. O resto eu não sei se tem feito ou se não tem feito.

P – A escola adere bem, ou não adere às actividades propostas?

R - Eu acho que sim, adere, não é de ficar muito para trás nessas coisas, normalmente se eles pedem, elas aceitam.

P – Obrigada pela colaboração.

Protocolo da entrevista número 6

Caracterização do entrevistado

- Aluno do ensino secundário recorrente
- Sexo: masculino
- Idade: 42 anos

E. 106

Entrevista

P - Qual é o significado da escola? Hesitação.

R - É formação da população e instrução cívica.

P - Qual é o papel da escola?

R - Formar pessoas e informá-las sobre a sociedade, do modo de vida. Formar as pessoas o melhor possível para a sociedade.

P - Quais serão os aspectos positivos e negativos que a escola possui?

R - Penso que tem mais aspectos positivos do que negativos. Aspectos positivos, tem a formação, dá formação às pessoas para o futuro, desenvolve interesses.

Aspecto negativo, eu não conheço nenhum, eu penso que não existe. Aspectos positivos, são todos, desde formando os alunos para o futuro.

P – E também o formou a si?

R - Também até ao 12º.

P – Sempre na escola aqui?

R - Sempre nesta escola aqui, nesta escola de cá. Portanto, 7º, 8º e 9º foi nas Flores, porque ainda não existia aqui, porque quando começou a existir aqui até ao 9º ano, vinha dar os exames cá os professores e foi nesta escola, quando acabei e fiz os últimos já foi aqui.

P – Antigamente não dava para fazer aqui porquê?

R - Não existia até ao 9º ano era só até ao 6º. Tinha de me deslocar até às Flores, e tinha de ir fazer os exames às Flores à escola Padre Maurício de Freitas.

P – Qual será o significado da escola para a comunidade?

R - Para aqui para o Corvo é essencial, é pena não continuar com mais anos até ao 12º ano que é a escolaridade obrigatória.

P – Tirou aqui até ao 12º?

R - Mas foi no ensino secundário recorrente.

P – É bom?

R - É bom, pessoas adultas, como no meu caso que não tinham hipótese nenhuma de frequentar o 12º ano, se não era o ensino secundário recorrente, aqui à noite, era muito difícil de conseguir.

P – E para a rapaziada nova?

R - Estão a aproveitar pouco, para o que deviam. Estão a aproveitar pouco, a escola tem as condições, tem as capacidades, tem tudo, alguns desistem e não estudam.

P – Mas antigamente iam para fora estudar e também não estudavam, desistiam também?

R - Também não estudavam e alguns desistiam também, outros não faziam nada, estavam lá só a queimar tempo e dinheiro.

P – Quais serão os grupos que recorrem à escola, em que momentos, em que circunstâncias utilizam a escola a nível pedagógico e a nível cultural?

R - Toda a gente, tenho visto muita gente lá, portanto tem a biblioteca disponível para qualquer pessoa, está à disposição de qualquer pessoa, está ao dispor da população, para qualquer pessoa que queira uma informação, que precise de qualquer coisa de um professor, está à disposição tenho visto todos os grupos lá.

P – Será que me pode dar um exemplo de um dos grupos que vai lá?

R - Desde jovens a adultos, que é o meu caso, qualquer coisa que se precise de lá, eles vão, têm dado formação de informática, e tenho visto lá toda a gente desde de trabalhadores da construção civil, tudo a fazer cursos de informática na escola.

P – Será que existem grupos que ainda não tenham ido à escola?

R - Tem sido dado formação na escola de informática.

P - Essa formação é dada pelos de cá ou pelos de fora?

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - Tem sido pelos professores de cá, os desta escola que estão a dar os cursos, mas eu não sei quem é que paga, não sei quem é a entidade se é a escola ou não.

P – E isso é positivo?

R - Sim é positivo, é. Este é um aspecto do que referimos já numa questão anterior.

P – Existirão grupos da comunidade ou pessoas que não tem qualquer relação com a escola?

R - O pessoal já de mais idade, pessoal que não tem qualquer interesse em cultivar a cultura.

P – Que tipo de cultura transmite?

R - Todo o tipo de cultura, dá formação, o essencial.

P – A escola é só formação?

R - A escola só dá formação, toda a gente que vai à escola se vai ter formação, se vão lá estudar, sim.

P – Nem toda a pessoa que está a estudar na escola e vai à escola?

R - Não sei como posso explicar isso, eles podem ir lá.

P – Fazer?

R - Enquanto eu estou a estudar, vejo lá colegas, professores, que eu veja durante a noite, não mas eu vejo passar noutras ocasiões, pessoas que vão à escola.

P – Noutras ocasiões pessoas que vão à escola?

Hesitação.

R - Não sei.

P - Então essas pessoas, nomeadamente as mais idosas, quais serão as razões porque essas pessoas não vão à escola?

R - Desinteresse pela formação. Pessoas que não vão à escola, que não procuram a escola porque não querem saber de escola.

P - Será que me pode dar um exemplo de uma pessoa que nunca tenha ido à escola?

R - Eu podia dar muitos, mas eu não queria dizer nomes. Alguns agricultores, alguns jovens que não querem saber de nada e não sabem e a escola não lhes diz absolutamente nada, escola para eles é nada. Saber para eles não lhes interessa, o que interessa é saber a cor de uma vaca e o peso de uma enxada, saber, nada.

P – Se lhe pedir para definir a escola numa palavra, numa expressão ou numa frase o que utilizava?

Hesitação

R - Um caminho para o futuro.

P – Quais serão as funções da escola?

R - Formação e informação.

P – A escola tem funções que desempenha para os alunos, serão iguais para os pais, os professores, para a comunidade?

R - Os professores também aprendem com os alunos e os alunos aprendem com os professores. Os pais, alguns aprendem com os filhos e com o que os professores ensinam. A comunidade também aprende, pelo que eu tenho visto nessa parte dos resíduos, vejo muitos filhos a ensinarem aos pais o que aprenderam na escola, que não se faz certas coisas e os pais estão a aprender a lição que os filhos estão levando para casa. Essa informação é transmitida através da escola.

P - Há grupos que fomentam esse tipo de formação na escola?

R - Há.

P – São só os professores?

R - Há alguns grupos de alunos.

P – A relação entre a escola e a comunidade corvina sofreu alteração ou não desde a vinda do novo edifício?

R - Bem penso que sim, nem que seja só na parte da biblioteca e aquele ginásio. Não existia nada aí, as pessoas embora quisessem. Agora tem a biblioteca da escola que é uma excelente biblioteca. As pessoas vão lá, e se precisam está lá.

P – E muitas pessoas frequentam a biblioteca da escola?

R - Eu penso que sim.

P – Então com a construção do novo edifício escolar ocorreram alterações. Essas alterações podem ser consideradas positivas ou negativas?

R - Positivas.

P – Houve uma alteração e essa alteração foi positiva. O que é que se passou de diferente para que a escola efectua-se essas alterações?

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - Antes existia 1 professor ou dois de ensino básico e 1 do ensino secundário. Agora tem um número maior de professores, com muita mais formação do que os anteriores, alguns nem formação de professores tinham, davam aulas mas não eram professores. Agora são professores com formação com capacidade para ensinar os alunos.

P – Este aspecto será um factor de mudança?

R - Sim e mudou para melhor.

P – Essa parte verificou-se ao nível humano e a nível material?

R - A escola tem mais condições. As aulas com condições e tudo, tem um ginásio que serve a população.

P – De que forma?

R - Festas, reuniões.

P – Como é que o ginásio serve a população através de que forma?

R - Cedência de espaço para fazer actividades, para fazer festas, há festas que se fazem ali, há reuniões, já vi lá exposições científicas.

P – Já existe alguma tradição ligada aquele espaço, nomeadamente ao nível das festas?

R - Há as festas da escola que costumam ser feitas pelos alunos, pelo Natal, halloween, dia da árvore.

P – Estas são as actividades da escola. E as actividades fora da escola, haverá alguma tradição, nas actividades que não são da escola e são realizadas pela comunidade?

R - Agora não consigo lembrar-me, não é, que não existam eu agora é que não me lembro.

P – A comunidade integrou bem o conceito de escola na sua vida quotidiana, de que forma, de que modo? A escola veio aqui para o Corvo, mas já havia cá escola?

O conceito de escola que a comunidade tinha mudou ou não mudou?

R - Mudou. Antes era, só faziam a 4ª classe ou o 6º ano era uma coisa obrigatória e que as pessoas faziam quase por obrigação. E agora já há pessoas que vêm à escola como forma de melhorarem o seu futuro, tentarem estudar mais um bocadinho para melhorar o futuro e seguirem estudos, e muitos deles tem seguido.

P – Quais serão os factores que contribuiram para a mudança ou manutenção da relação entre a escola e a comunidade? Ou seja a escola e a sociedade tem uma relação o não? Essa relação escola sociedade mudou ou manteve-se?

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - Eu penso que a relação se manteve sempre mais ou menos a boa relação que tinham antes com a comunidade.

Qualquer parte que a população possa ajudar, eu penso que ajuda. Se a escola puder ajudar a população, a escola ajuda. Qualquer necessidade das pessoas pedirem para a escola a escola ajuda.

P – E há entidades que pedem ajuda à escola?

R - Não sei.

P – A escola e a comunidade relacionam-se de que forma?

R - Relacionam-se bem.

P – Tem sido sempre assim?

R - Sim.

P – Que relação estabelece a escola com a comunidade e a comunidade com a escola? Que relação é essa e como se estabelece?

R - Parceria penso que sim. Se a escola precisa de qualquer coisa da população, se a escola pede qualquer coisa à comunidade e a comunidade pede qualquer coisa à escola.

P – Como é que a escola pede a colaboração da população?

R - Por uma iniciativa, qualquer que ela tenha.

P – Qual iniciativa?

R - Não sei, a situação em que a comunidade precise da escola, solicita ajuda. Se a população precisar de formação ou informação, de qualquer coisa, nomeadamente o espaço físico, a escola cede.

P – Sempre?

R - Quase sempre.

P – E há problemas ao nível do pedido?

R - Até agora não, que eu tenha conhecimento. Não tenho conhecimento que tenha recusado qualquer coisa à população. A escola não tem recusado os pedidos da população. A escola está sempre disponível para a população.

P – A escola alterou, ou não alterou a vida da comunidade?

R - Eu penso que alterou, mas a actividade normal não alterou.

P – Não realizou mudança?

R - Alterar, a sociedade mudou. Se calhar mudou, mas foi a mudança normal na sociedade através das pessoas da escola mas não foi promovida pela escola, foi a própria mudança da sociedade.

P – A vinda da escola. O que é que contribuiu para que a escola viesse para o Corvo?

R - O 9º ano era obrigatório e na altura, passou a ser obrigatório. Havia crianças que não tinham hipóteses de sair do Corvo e tinham de estudar e a câmara municipal, através de pedido à secretária da educação conseguiu com que se fizessem cá a escola e trazer para cá os professores, para que fosse cá dado o 9º ano e as pessoas não fossem para fora para manter a gente cá.

P – A gente de cá é bastante?

R - Sim e cada vez mais.

P - Eles fizeram essa pressão e as crianças quando chegavam, por exemplo, ao 6º ano, não podiam prosseguir estudos porque não havia cá o 9º ano, o que é que acontecia. Como foi isso?

R - Alguns que tinham hipóteses financeiras iam para fora e estudavam, e as que não tinham hipóteses financeiras ficavam por cá. Desde que veio para cá o 9º ano, não está criança nenhuma que não tenha o 9º ano concluído.

P – E isso é uma vantagem?

R - É.

P – Para quem?

R - É uma vantagem para os miúdos que ficam com mais escolaridade e ficam na sua ilha.

P – E isso não será uma vantagem para a comunidade?

R - A comunidade fica com mais formação, essas pessoas ficam com o 9º ano e é uma comunidade com mais formação.

P – Se a comunidade fica com mais formação, terá havido alteração de atitudes, comportamentos, valores por parte da comunidade?

R - Vai ter mais no futuro, as crianças que vão estudar agora um dia vão ter mais valor, um dia mais tarde vai ter reflexos da escola, a comunidade fica com mais formação e essas pessoas com o 9º ano.

P - A implementação como está a dizer a comunidade tem mais formação. E isso ainda não se vê?

R - Não ainda não se vê, um dia mais tarde vai ter reflexo na sociedade. Não porque a população que tem estudado aqui são quase crianças. E ainda não deu tempo para ver, penso que no futuro se vai ver.

P – Foi necessário realizar adaptações pela comunidade face à escola?

R - Foi a própria mudança da comunidade.

P – E da escola face à comunidade?

R - As próprias dinâmicas da comunidade fazerem com que a escola se adapte-se à comunidade.

P – Como é solicitada a colaboração da escola por parte da comunidade?

R - Solicitam mais à escola do que aquilo que ela é ...

P – Como é solicitada a colaboração da escola pela comunidade e da comunidade pela escola? Há alguma formalidade para pedirem ajuda, ou parcerias para ajudar? Como o realizam?

R - As pessoas às vezes querem que a escola dê outro tipo de formação às crianças – a educação. Há certa educação que tem de ser dada em casa e não pode ser dada na escola de maneira nenhuma. A escola está para formar pessoas, para dar informação, não é para dar educação só. A educação deve, em primeiro lugar partir de casa, e há parte das pessoas da comunidade que pensam que a escola está lá para dar educação aos filhos. A escola está lá para formar os filhos, não é para lhes dar educação, essa geralmente vem de casa.

Há certas pessoas que dizem que a escola devia fazer, a escola não pode dar educação, a educação normalmente vem de casa.

P – Algumas pessoas da comunidade solicitam à escola uma educação dos alunos, a educação que não é a escola que transmite?

R - Sim.

P – De que forma a escola solicita a participação ou colaboração da comunidade?

R - Tem de ajudá-la desse ponto de vista, educando os seus filhos em casa.

P - Uma parte da comunidade só se restringe a quem tem filhos na escola?

R - Não, quase todas as famílias têm filhos na escola, penso que sim.

P – Obrigado pela colaboração.

Protocolo da entrevista número 7

Caracterização do entrevistado

- Representante de uma entidade
- Sexo: Masculino
- Idade: 62 anos

E. 107

Entrevista

P – Qual é o significado da escola?

R - A escola tem um significado, é um meio de formação das crianças é lá que elas se formam e se preparam para a vida.

P – Qual é o papel da escola?

R - É um papel importante.

P – Para?

R - Para o desenvolvimento das crianças e prepará-las.

P – Então o papel será parecido com o significado?

R - Sim, pois, pois.

P – Quais serão os aspectos positivos e negativos que a escola tem?

R - Como não sou encarregado de educação não lhe posso responder.

P – Mas visto como elemento que é da comunidade.

R - Eu como cidadão acho que tem sido um trabalho benéfico, com o que se tem assistido.

P – O que tem a escola de benéfico?

R - O que se tem feito pelos alunos, as festas que são promovidas lá, ainda a última que houve agora no fim do ciclo. Eu adorei. Foi boa.

P – E aspectos negativos?

R - Pois eu na escola não vejo aspectos negativos, só positivos e um deles foi a festa.

P – Existirão outros aspectos positivos para além da festa?

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - Há-de de ter mais, mas que é o encarregado de educação, ou quem tem filhos lá, há-de de saber mais, estará mais habilitado a responder a essas perguntas.

P – Qual será o significado da escola para a comunidade? O que ela significa para as pessoas aqui no Corvo?

R - A escola significa muito e tem uma coisa, é que os alunos, agora, não caminham de cá, porque os alunos acabavam a 4ª classe e tinham de sair. Tinham de deixar a casa dos pais e ir para aí para fora abandonados. Só isso já significa muito.

P - O senhor não foi para fora?

R - Não, não fui, não tive a possibilidade de estudar.

P – Essa possibilidade de estudar o que é que a condicionava?

R - Era preciso ter *(fez o gesto do dinheiro com os dedos)* já no meu tempo quem tinha lavoura e tinha um funcionário na família é que podia manter os filhos fora a estudar. A escola não era como agora.

P – Era diferente?

R - Era, quem estudava pagava depois livros, passagens, alojamento lá. Já me lembro de no meu tempo, só as casas muito abastadas de lavoura e nessa casa havia um funcionário, em que havia dinheiro e era certo todos os meses.

Era difícil, eu não estudei por causa disso.

P - E mais tarde já não se proporcionou?

R - Mais tarde quando vim da tropa, fui muito astuto e consegui um emprego bem renumerado economicamente. Mas o estudo faz falta, faz falta o estudo.

Durante a minha vida profissional há situações em que o estudo me fez falta.

P – E não havia possibilidade de estudar cá?

R - Não. Não havia possibilidade.

P – E agora?

R - Já estou velho e agora é usar a reforma.

P - Que acha dos rapazes mais novos, o que estão eles a aproveitar da escola?

R - Eles estão a aproveitar, mas julgo eu que no meu tempo se aproveitava melhor.

P – Porquê?

Porque a vida custava.

P – E agora a vida já não custa tanto?

R - A vida já não custa tanto. Eles chegaram no tempo das vacas gordas. Eu saía da escola às 3 horas e com 9 anos, eu ia buscar o leitinho a vez da noite, já.

Sabe quando é que eu estudava, era de noite e era com a luz muito baixinha porque gastava muito petróleo. Já foi há muitos anos.

P – Quais são os grupos que recorrem à escola, em que momentos, em que circunstâncias?

R - Para mim, eu recorro à direcção da escola quando quero fazer as sopas do Divino Espírito Santo. Sou sempre bem atendido, e estão disponíveis para tudo o que eu precisar. Concedem a escola e tudo o que eu precisar, tem-me sido concedido.

Como Mordomo da Senhora do Bom Caminho, que é uma festa mais pequenina e era em Setembro o tempo já... É uma festa que já não se pode fazer muito bem na rua. Há uns anos recorro e faço a festinha lá e é disponibilizado e posto tudo à minha vontade.

Acho que a escola colabora com a sociedade nas festas, em tudo que a gente precisa. Pelo menos à minha parte tem sido assim.

P – E noutras situações que ocorram lá na escola?

R - A comissão da Sagrada Família tem feito as passagens de ano lá na escola.

P – E houve algum problema a nível de pedido?

R - Eu não sei, eles têm feito festas lá, é porque foi concedido. Já se realizou casamentos já assisti a casamentos. Já não fui eu que pedi, mas foi concedido. Acho que a escola tem feito um bom trabalho na comunidade, está bem inserida na comunidade.

P – Haverá grupos na comunidade que não tem qualquer relação com a escola?

R - Julgo que isso é impossível, numa comunidade tão pequenina, ou são os encarregados de educação ou fazem parte das comissões de festas, e também cá o pessoal não é muito. Não há-de ser assim grandes grupos que não tenham nada a ver com a escola.

P – Haverá alguma pessoa que não tenha nada a ver com a escola?

R - Isso poderá haver.

P – Qual será a razão para que não tenha nada a ver com a escola?

R - Só se for daquelas pessoas que não acreditam em nada e não querem saber da escola.

P – Se lhe pedir para definir a escola numa palavra, numa expressão ou numa frase, qual utilizava?

Grande hesitação

R - A escola é um elemento importante na sociedade.

P – O que é que ela faz?

R - Quase que é repetir-me, mas ela é importante na educação dos jovens corvinos.

P – As funções dela são? Serve para quê?

Serve para educar

P - Ela vai educar os alunos. E os pais? Qual será a função da escola para os pais?

R - Os pais é que deviam ajudar a escola a completar a educação. A educação sai do berço. Há uma educação que sai dos pais e uma educação que sai da escola. A que sai do lar tem de ser complementada na escola, mas a do lar não se aprende na escola, tem de se complementar. Tem de ter a do lar e depois a que vinha de lá.

P – Quais serão as funções dos professores?

R - É prepará-los.

P – E a da comunidade? Qual será a função da comunidade?

R - Essa é um bocadinho mais difícil

Hesitação e não responde.

Não consigo responder.

P – A relação que existe entre a escola e a comunidade alterou-se ou não se alterou?

R - Houve uma alteração sempre para melhor. Tem-se visto no funcionamento, na integração na escola e a comunidade.

P – O que é visível. O que é que tem feito?

R - Se não me falha a memória já se fizeram um ano na escola e levaram-na lá. Pelo menos pediram-me a coroa do Espírito Santo para porém lá. Promovem a feira do livro, além das festas que fazem com os alunos, tem havido muitos eventos lá. Eles solicitam à comunidade a participar, ainda nesta última foi convidada a população a participar e a assistir.

P – A comunidade não solicita à escola para participar nas suas actividades?

R - Na parte que me toca, a respeito das festas que eu represento, eu convido sempre, a participarem nas procissões.

P – A escola contribui em mais situações na comunidade?

R - A escola em si contribui muito para a sociedade, pois ela é preparada lá. Ela serve para preparar para a sociedade.

P – Então houve uma alteração. E se pensarmos no que acontecia à anos atrás, houve mudanças ou está exactamente na mesma?

R - Eu acho que está melhor. Eu acho que tem evoluído sempre, tem havido à noite, para aqueles que não tem possibilidade de estudar de dia. O 12º acho que é para continuar, ou pelo menos devia ser, e já é muito importante que o jovem tira o 12º cá. Quando saem daqui já é um homem ou uma mulher responsável para poder completar a escola superior ai fora. Saem de casa dos pais com idade e saem com mais maturação para poderem enfrentar a vida.

P – E antigamente como é que saiam?

R - Acabavam a 4ª classe. Iam fazer o exame de admissão, depois iam para o liceu. Acabavam o liceu, o que tinha posses ia para a universidade, mas eram poucos. Eles agora têm tudo na mão é só terem vontade de estudar, no meu tempo não. Nesse tempo era preciso haver vontade e haver dinheiro. E nessa altura não havia dinheiro. O governo obrigatório era só a 4ª classe.

P – A comunidade integrou bem o conceito de escola na vida quotidiana? Principalmente esta escola?

R - Julgo que sim.

P - Como é que foi feita essa integração?

R - Era uma aspiração grande que já há muitos anos havia para ser feita a escola cá e quase que não.

P – Mas sem a escola ter sido construída, ainda esteve a funcionar?

R - Funcionava a telescola, a escola normal e o que se chamava a telescola, que era o 2º ano. Começaram para fazer a escola, mas quase que não conseguiram, para mim era uma questão política.

P – O que alegavam?

R - Não se justificava porque eram poucos alunos, davam, eram subsídios, mas os subsídios não davam para manter as pessoas lá fora.

Foi em 96 que foi decidido a escola ser feita cá. Numa visita do presidente do governo cá, e foi decidido. Quando o governo foi de cá, o presidente da câmara municipal já foi com eles, lavrar o acto de contrato, e foi a partir daí, senão não se apanha. Apanhou-se uma boa oportunidade para se acabar com o que se reivindicava.

P - E quem é que pediu?

R - Foi a câmara, foi sempre a câmara, pois a câmara representa a comunidade.

P – Não existia pressão feita por outras pessoas?

R - Não a pressão foi sempre da Câmara. O papel principal foi sempre da câmara. A câmara é que representava.

P – Houve alteração com esta nova vinda do edifício? Mudou muita coisa?

R - Houve. Mudou, mudou.

P – O que foi que fez com que essa relação se alterasse, houvesse mudança?

R - Julgo eu, que o bom trabalho da direcção que a dirige.

P – É só isso?

R - Julgo eu que sim.

P – E a escola e a sociedade como é que elas se relacionam?

R - Pelo que eu vejo há sempre uns porquês, há sempre umas excepções, normalmente, eu julgo a relação é óptima. Há sempre aqueles episódios que acontecem com os encarregados de educação ou com os alunos, mas isso é normal, acontece em todas as escolas.

P – Como considera as relações que a comunidade estabelece com a escola e a escola com a comunidade. Na sua opinião, no seu ponto de vista?

R - Eu acho que é bom, é uma relação boa, é saudável.

P – A vinda da escola para cá alterou a actividade normal da sociedade do Corvo ou não, nomeadamente a escola e o novo edifício?

R - Sim.

P – Alterou porquê?

R - Os alunos começaram a ficar cá, não precisam de sair de casa dos pais em idades muito críticas. Trouxe benefícios à ilha porque trouxe muitos professores para cá, e isso veio trazer alguma coisa à ilha, economicamente. Em muitos aspectos foi bom para a ilha.

P – Foi necessário a comunidade fazer alterações com a vinda da escola?

Hesitação

R - Eu julgo que sim, fez algumas adaptações para bom, mas não sei quais são.

P – A escola fez alterações em relação à comunidade?

Hesitação

R - Julgo eu que não se ela está a funcionar bem e está bem integrada na sociedade e colabora com a sociedade. Não será necessário fazer alterações.

P - A escola não bem implementada ou não?

R - No geral a sociedade está bem integrada na escola e a escola está bem integrada na sociedade, julgo que sim.

P – Obrigado pela colaboração

Protocolo da entrevista número 8

Caracterização do entrevistado

- Ex-aluno do ensino básico
- Sexo: Masculino
- Idade: 20 anos

E. 108

Entrevista

P - Qual é o significado da escola?

R - A escola significa um meio de ensino e de preparação dos jovens corvinos, significa preparar o futuro, ensinar os jovens a encararem a vida, não só, em termos de aprendizagem, de convivência, de contexto na sociedade.

P - Qual é o papel da escola?

R - O papel da escola é ensinar os jovens, a fazer com que os jovens encarem a sociedade de outra forma, preparar os jovens para um futuro, que hoje em dia está cada vez mais difícil. Acho que estas são as principais.

P - Quais serão os aspectos positivos e negativos que a escola possui?

R - Eu acho que não tem aspectos negativos. Os positivos pelo facto de ser uma escola pequena, os alunos têm mais facilidades de aprendizagem. Os professores têm mais tempo disponível para eles, é uma escola que se enquadra muito bem na comunidade.

P – Enquadra-se bem na comunidade?

Acho que sim.

P – De que forma?

R - Pelo facto de toda a gente se conhecer aqui, ninguém tem problemas de falar com os professores, e os professores com os pais e encarregados de educação, e pelo facto dessa proximidade isso facilita as funções da escola.

P – Sendo um meio pequeno, haverá um significado da escola para a comunidade. Qual será esse significado?

R - A escola representa o ensino e uma forma de aprendizagem para os jovens.

P – E a escola só está aberta para os jovens?

R - Também temos o ensino secundário recorrente, mas também é na sua maioria frequentado por jovens. Além dos normais que estão (jovens) há muita gente que vai à escola para fazer aprendizagem.

Há mais gente, por exemplo, para fazer festas, para fazer acções de formação, exposições, fazem-se quase todos os tipos de eventos na escola, já se fizeram bailes, exposições, teatros, aqueles planetários como da outra vez. Eu acho que toda a gente recorre à escola. A escola é o meio útil para mostrar qualquer coisa à comunidade.

P – Há muitos grupos que recorrem à escola, mas alguns grupos não têm qualquer relação com a escola, que grupos, que pessoas são essas?

R - Eu acho que já toda a gente foi à escola, mas há uns que frequentam mais e há os que frequentam menos. Neste caso os que frequentam menos, eu acho que são as crianças que ainda não tem idade para frequentar a escola, porque as crianças com mais de 6 anos e até os jovens, os adultos e até mesmo os mais idosos costuma frequentar a escola em ocasiões de festas.

P – Os pequenos não vão?

R - Vão mas é pouco, talvez só uma vez no ano, pelo Carnaval e pouco mais.

P – Haverá alguma pessoa que nunca tenha ido à escola? Qual será a razão?

R - Deve haver pessoas que nunca foram à escola, pessoas que estão acamadas há muito tempo, ou pessoas que não pertençam a alunos, ou talvez não se interessem muito pelas actividades levadas a cabo pela escola.

P – A escola será a principal entidade que promove mais eventos na ilha?

Sim. Sim, provavelmente.

P - Qual é a razão pela porque é a escola que promove eventos na ilha?

R - Mas realizados por quem?

P - Quer pela escola ou outras entidades?

R - Primeiro motivo é um lugar bem localizado, tem boas condições, nomeadamente o ginásio dá para fazer vários tipos de eventos porque é um lugar grande, porque os dirigentes

da escola ou do conselho executivo, normalmente, nunca fazem grandes problemas em aceitar estes tipos de eventos. Principalmente tem boas condições e localização.

P – Se lhe pedir para definir a escola numa palavra, numa expressão ou numa frase qual utilizava?

R - Ensino. A escola é ensino.

P - Ensino só?

R - A escola é principalmente ensino.

P – Quais serão as funções da escola?

R - Para além de ensinar os jovens e preparar os jovens para o futuro também, tornar mais fácil a interacção com os pais, com os alunos, ou seja mostrar aos pais, o que é que os alunos fazem e como é que estão.

P – Já referiu as funções dos alunos, dos pais. E quais serão as funções da escola para os professores?

R - Para os professores é leccionar, é fazer com que os alunos aprendam.

P – E para a comunidade?

R - Mostrar aquilo que os alunos fazem.

P – Eles fazem muita coisa?

R - Eles fazem muitas actividades normalmente do ambiente, desporto, eu acho que isso tudo serve para mostrar à comunidade.

P – A relação entre a escola e a comunidade sofreu ou não alterações, agora é igual aquilo que era à 3 ou 4 anos atrás?

R - Eu acho que cada vez mais as pessoas estão mais próximas da escola porque cada vez mais essas actividades que a escola faz são mais amplas, com sentido mais para a população em geral do que para os alunos e pais. Isso leva a que cada vez mais, mais pessoas visitem a escola e as suas actividades, o que acaba, de ano para ano, cada vez vêm mais pessoas à escola e isso leva a que a escola seja cada vez mais influente na sociedade.

P – Houve uma alteração das actividades que apresenta, é isso?

R - Exactamente.

P – Como é que a comunidade participa nas festas, como é que a comunidade sabe que as festas estão a decorrer?

R - Há divulgação, olhe agora através do jornal O Corvino que está on line, é uma boa forma de comunicação, nos dias de hoje. Depois verbalmente a gente aqui no Corvo que é um meio pequeno e a gente sabe os acontecimentos todos e há divulgação nas lojas, os editais e nos sítios mais frequentados, a escola preocupa-se por criar esse tipo de informação para que as pessoas tenham acesso a ela.

P – Como estarão organizados os elementos humanos e materiais que pertencem à escola?

Hesitação

R - Esta agora eu não sei.

P – De que forma a comunidade integrou o conceito de escola na sua vida quotidiana?

R - Esta escola foi construída à relativamente pouco tempo, 10 anos. Eu acho que cada vez mais a sociedade vê a escola como um objecto útil.

O que a escola faz hoje, daqui a 30 ou 40 anos vai-se repercutir naquilo que as pessoas vão fazer e virão a ser, por isso eu acho que a escola é extremamente importante para a sociedade. Cada vez mais é vista como um objecto essencial.

P – Há factores que contribuem para a relação entre a escola e a sociedade e podem realizar mudança ou não ou fazer manutenção?

R - É capaz de ter havido manutenção porque as pessoas cada vez mais têm a mente mais aberta e aceitam com mais facilidade novos projectos e novas ambições, como é o caso de certos projectos que a escola tem.

P – Projectos? Como por exemplo?

R - O projecto eco-escolas, o projecto Comenius que é com países do estrangeiro. E as pessoas aqui há uns tempos, uns anos quando eu andava na escola, viam assim com alguma desconfiança essas actividades. Hoje em dia já vêm com muita naturalidade uma vez que a escola serve para isso tudo para criar ligações com as pessoas de outros sítios.

P – Quer dizer que aqui houve uma alteração/mudança?

R - Sim. Exactamente, houve uma alteração.

P – Houve uma manutenção em alguns aspectos ou estão todos iguais?

R - Eu acho que todos acabaram por mudar um bocadinho para melhor. Aqui há um relacionamento entre a escola e a comunidade. Relacionam-se bem.

P – Que relação estabelece a escola com a comunidade e a comunidade estabelece com a escola?

Hesitação.

R - A escola envolve-se a sociedade porque nas suas actividades, a escola envolve-se com a sociedade. De que forma lhe hei-de lhe explicar.

Nova hesitação.

A comunidade e a escola relacionam-se.

P – Exemplo de relações entre a escola e a comunidade?

R - Por exemplo, em exposições, feiras do livro, que eu por acaso não referi ainda agora.

P – O que é que estará por trás para que ocorram essas actividades? Será que me pode indicar dois motivos para que cada vez mais haja adesão da população.

R - Um dos motivos para haja que cada vez mais adesão da comunidade, no Corvo, a essas actividades no Corvo, são poucas e as que há são de aproveitar e porque também por exemplo a sociedade cada vez têm mais escolaridade do que não tinha há 30 anos atrás e as pessoas já tem o conhecimento das coisas, e cada vez mais procuram esse conhecimento para se manterem na actualidade, aprende-se ao longo da vida.

P – Há uma interligação entre a escola e a comunidade e estão as duas de tal forma envolvidas uma na outra?

R - Exactamente, eu acho que sim, exactamente, estão envolvidas uma na outra.

P – Será que algumas actividades alteraram a vida da comunidade, a escola ter vindo para o Corvo? Visto já existir escola antigamente.

R - Já havia escola antigamente nas não tinha nada a ver.

P – Porquê?

R - Era mais pequena, não tinha tantos professores, não lidava com tanta gente, e isso trás logo uma série de pormenores que agora já não existem, agora temos mais professores, temos mais alunos, temos uma escola maior, com boas condições, e eu acho que isso acaba por alterar a actividade da comunidade em geral.

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

Antigamente tínhamos uma escola com menos condições, agora já temos uma escola com novas condições. Muito diferente daquilo que era.

P – O que será que fez com que esta escola tenha vindo para cá, para o Corvo?

R - É porque os jovens tinham de se deslocar para fora e as pessoas daqui, como se costuma dizer mexeram os pauzinhos e mesmo os próprios jovens não mostravam interesse em estudar lá para fora.

P – Porque é que não gostavam de estudar lá para fora?

R - Eu também fui e não gostei, fica-se longe dos amigos, longe da família, longe de casa.

P – E foi para fora com que idade?

R - Fui com 15, com o 9º ano.

P – Não havia mais estudo aqui?

R - Aqui havia, aliás não havia porque na época em que eu fui estudar para fora, não podia ficar cá era preciso ter mais de 18 anos e só há um ano ou dois é que foi possível entrar com 15 ou 16 anos. Na minha altura não podia.

P – Foi difícil?

R - Aquele primeiro ano foi difícil, mas depois lá, primeiro se estranha e depois se entranha, e acaba por se habituar.

P – A implementação da escola no Corvo trouxe alguma alteração a nível de valores, atitudes e comportamentos da população?

R - Exactamente. A população como eu já disse anteriormente, cada vez tem, tem uma mente mais aberta, os valores acabam por mudar devido a essa nova mentalidade, e as atitudes e comportamentos também. Acho que isto tem vindo sempre a melhorar.

P – Foi necessário a comunidade fazer adaptações face à escola?

R - Eu acho que não foram precisos fazer grandes adaptações. Mas houve pessoas que tiveram de fazer alterações como é o caso das pessoas que têm professores nas suas casas alugadas. O que também acaba por trazer circulação de capital e isso é importante porque estimula o crescimento económico.

P – Essa foi a principal alteração da comunidade em relação à escola. E da escola em relação à comunidade?

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - Há sempre pequenas alterações a fazer. Isto é como a moda, todos os anos é diferente e as pessoas com o passar do tempo vão mudar, escola também tem de mudar as suas maneiras, mas eu agora não estou a ver.

P – As vezes a escola é solicitada por parte da comunidade de que forma?

R - Pedem material, pedem mesmo as instalações, através de requerimento para o conselho executivo.

P – E as respostas?

R - Normalmente é positiva, é em prol das actividades.

P – Não colocam entraves?

R - Normalmente não, há uma abertura da escola

P – A escola não solicita coisas à comunidade?

R - Solicita, acaba sempre por solicitar. Mesmo às vezes para as pessoas irem à escola, como foi este ano, houve pessoas que foram à escola explicar coisas aos alunos os mais pequenos. Ainda no final do ano lectivo solicitaram aquelas roupas tradicionais do rancho, às vezes para exposições daqueles teares ou daqueles materiais antigos que se utilizavam no quotidiano de à 40 ou 50 anos, sensivelmente é isso.

P – A escola está bem inserida na comunidade?

R - Sim está muito bem inserida.

P – E é igual à de uns anos atrás?

R - Não. Melhorou.

P – Exemplo de algo que estava mal e agora melhorou?

R - As condições, por exemplo o edifício, a tecnologia, a escola está muito bem informatizada, eu acho que essas foram as principais.

P – Obrigado pela colaboração.

Protocolo da entrevista número 9

Caracterização do entrevistado

- Ex-aluna do ensino secundário recorrente
- Sexo: Feminino
- Idade: 26 anos

E. 109

Entrevista

P - Qual será o significado da escola?

Hesitação.

R - Aprendizagem dar novas oportunidades aos mais jovens.

P - Qual é o papel da escola?

R - O papel da escola devia ser ensinar e formar boas pessoas, pessoas inteligentes.

P - Quais serão os aspectos positivos e negativos que a escola tem?

R - Aspecto positivo - as actividades que fazem com as crianças, a disponibilidade que eles têm para ensinar, a disponibilidade dos professores.

Ora negativos, eu acho que não dá muitas hipóteses de abranger mais, tipo: 10º, 11º e 12º.

P - Mas aqui há 10º, 11º e 12º?

R - O 12º em princípio não há, porque tem de ser maior de 18 anos e tem de se ter um certo número de alunos.

P - E isso é um aspecto negativo?

R - Sim, eu acho que sim, a caminho que acabasse o 9º ano devia ser permitido haver o 12º. Para poderem prosseguir estudos cá, em vez de só poder ir para o 12º se tivesse 18 anos. Assim, obriga-nos a ter de sair. Se tiverem 18 anos ficam e vão para o 10º ano, mas se não tem e quiserem continuar os estudos, tem de sair de cá.

P - E não saiu?

R - Não.

P - E as pessoas que saíam o que diziam?

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - A princípio tinham pena de sair de cá, mas depois muita gente não quis voltar para trás.

P - Qual é o significado da escola para a comunidade?

R - Eu acho que as pessoas têm orgulho na escola. As pessoas daqui têm.

P - Porquê?

R - Tem boas condições, tem instalações, e pelo que eu leio, às vezes, nos jornais e vejo, às vezes, na RTP - Açores, a nossa escola parece que tem uma taxa de alunos muito espertos. Pelo menos é a informação que eu leio e vejo.

P - Essa é informação que a imprensa dá, e qual será a informação que tem? Em relação ao que tem na sua opinião?

R - Eu acho que não, ali dentro há mais disputa, entre o poder e o pai e depois entre pais em si também, porque puxam muito pelos filhos, se um tem 5, o outro teve 4 e o outro tem de ter 5 igual ao outro.

P - Mas são todos os pais?

R - Eu acho que na maioria, é assim.

P - A escola é utilizada para vários fins. Quais são os grupos que recorrem à escola em que momentos e em que circunstâncias?

R - A escola é utilizada pela comunidade, para utilizar o ginásio para fazer festas, actividades como o voleibol, que não é só para alunos, também é para as pessoas de fora que também vão jogar, já foi usada para fazer ginástica para pessoas particulares, festas religiosas. Já se chegou a utilizar o ginásio para se fazer as festas da Sagrada Família, as sopas do Espírito Santo, também são feitas lá.

P - Sempre?

R - As sopas sim.

P - As sopas do Espírito Santo já são uma tradição serem feitas na escola ou não?

R - Sim, sim, mas antes não eram na escola, acho, não sei bem se eram feitas no campo ou no Outeiro, não si acho que sim, mas devido ao mau tempo, que está sempre nesse dia. O ginásio leva mais pessoas e fica mais confortável, podem usar a parte de trás, para fazer de cozinha, a comida fica mais perto, as coisas já são melhores. Casamento também já se fez alguns lá. Festejou-se casamentos lá.

P - Haverá grupos da comunidade ou pessoas que não tem qualquer relação com a escola? Será que existem pessoas que nunca tenham ido à escola?

R - Eu acho que sim.

P - Quem?

R - Os mais velhos.

P - Porquê?

R - As actividades que há ou da escola ou da comunidade não lhes interessa.

P - E no que se refere às actividades da comunidade, existirão grupos que nunca vão à escola?

R - Se for actividades promovidas pela escola algumas pessoas não vão.

P - E se for promovida pela comunidade?

R - Se for feita pela comunidade, depende de quem as organizou.

P - Os grupos que se encontram afastados da escola serão muitos ou poucos?

R - Eu acho que são poucos, mesmo muito poucos.

P - Se for organizado por um grupo ou outro, isso interfere na participação?

R - Sim interfere.

P - Interfere bastante?

R - Sim. Por exemplo se a gente hoje não se der de forma nenhuma e organizar uma festa na escola, eu não vou, por causa desse motivo.

Por exemplo, o conselho executivo que está na escola, se eu tenho problemas com aquele conselho executivo, mesmo que eu não tenha nada dentro da escola, mesmo que eu não seja aluna, ou seja uma pessoa de fora, toda a gente sabe aqui que a gente se dá todos. Se eu tiver problemas e seja a própria escola a organizar a festa, eu também não vou.

P - É um motivo para o afastamento?

R - Sim. As relações estarem cortadas é um motivo muito forte para algumas pessoas.

P - Se lhe pedir para definir a escola numa palavra, numa expressão ou numa frase qual utilizava?

Grande hesitação.

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - Pessoalmente é um sítio que eu detesto, agora para falar pelos outros não faço ideia.

P - Detesta, porquê?

R - Eu não gosto de estudar, não gosto de ser obrigada a fazer coisas e não gosto, nem de me sentir presa.

P - Sentia-se presa na escola?

R - Sim, muito.

P - Quais serão as funções da escola?

R - Ensinar toda a gente, tudo o que vai para a escola.

P - A escola terá só essa função de ensinar?

R - Eu acho que a principal é essa.

P - Se colocarem em partes mais pequenas, quais serão as funções da escola para os alunos?

R - Aos alunos é aprender mas divertir-se ao mesmo tempo.

P - E para os pais?

R - Para disputar as notas dos filhos entre uns e outros.

P - Para os professores?

Riso e sinal de dinheiro feito com os dedos.

R - Os professores são avaliados pelo trabalho que fazem, não é, então têm de prestar um bom serviço, têm de saber ensinar, tem de saber serem amigos dos alunos e isso tudo para depois terem uma boa avaliação.

P - E qual será a função da escola para a comunidade?

R - Depende do ponto de vista dos pais, a escola serve para ensinar os filhos, para os manter seguros.

P - Para os manter seguros, como?

R - Os pais a partida sabem que se os filhos estão na escola, os pais sabem que à partida os filhos estão bem. Não estão na rua, não estão a fazer estragos, não vão ser atropelados nem roubados por alguém, nem nada disso. E também descansam a cabeça porque os miúdos passam o dia inteiro na escola.

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

Para as outras pessoas, as pessoas às vezes pensam que a escola devia fazer mais do que não faz.

P - Então o que devia fazer a escola?

R - Por exemplo, a escola empresta o ginásio, por exemplo, tipo para fazer um casamento, mas amanhã, eu preciso do ginásio para fazer uma festa, e se calhar dizem-me que não.

P - A escola nega, por vezes, essa relação?

R - Sim, nega. Já negou.

P - A relação que se estabelece entre a escola e a comunidade, sofreu alterações ou não?

R - Eu acho que não continua tipo cada macaco no seu galho. Os pais vão à escola quando precisam de tratar dos filhos, e a escola chama os pais quando é para falar dos filhos.

P - E é só nesses momentos que chama os pais?

R - Eu acho que é isso.

P - Se houve uma continuidade, o que acontece é que os elementos que estavam organizados humanos e materiais, continuam a manter-se?

R - Sim.

P - Mantêm-se exactamente como estavam ou houve alguma alteração?

R - Nesse aspecto eu acho que se mantêm tudo.

P - Se não se verificaram alterações há uma manutenção da relação escola comunidade, e não foi necessário fazer adaptações por parte da escola ou da comunidade?

R - Eu acho que não foi necessário fazer alterações, mas foi necessário fazer uma escola nova que comunidade teve de se habituar a um edifício grande, mas de resto acho que não.

P - Então só foram necessárias alterações em termos de edifício de resto as relações entre a escola e a comunidade continuam semelhantes?

R - Sim eu acho que sim. A relação entre pais e professores e professor/director e entre director, pai e aluno passou a ser diferente.

P - Então a relação entre por exemplo pai e professor e professor e pais, continua a ser a mesma de há uns anos atrás?

R - Não, nesse aspecto não. Antes os pais sabiam respeitar os professores. Eu acho que dantes havia uma melhor educação do que não há hoje. Porque eu lembro-me, por exemplo, no meu tempo, a professora na primeira reunião que falava com a minha mãe e ela dizia-lhe, se ela se portar mal e for preciso dar-lhe, dá.

Hoje, nem um berro se pode puxar, porque o menino se vai dizer em casa ao pai, o pai fica ofendido e já vem brigar com o professor.

P - Então houve uma pequena alteração nessa relação?

R - Sim. Sim. Agora já não há muito respeito, nem mesmo os alunos com os professores o respeito perdeu-se. Agora as coisas são tratadas de uma forma mais fria. Eu lembro-me que quando era miúda eu ia estudar para casa da professora. Toda a gente se conhecia, havia respeito, muito respeito, mas se eu estava mal na escola, ela dizia-me domingo eu quero-te em minha casa às duas da tarde. E era para estudar e o meu pai e a minha mãe, não me diziam nada. Hoje já não se pode fazer isso, porque o menino tem a play-station para jogar ou tem outras coisas para fazer.

P - Então terá havido uma alteração de valores?

R - Sim, sim.

P - Hoje a vida é muito diferente do que era há dez anos atrás ou mais?

R - É muito.

P - E essa alteração também se verificou na escola ou não?

R - Também.

P - Houve uma alteração?

R - Sim, nesse aspecto sim.

P - Mas a principal alteração entre o antes e o agora, qual terá sido?

R - O edifício e não sei se digo o aumento do número de alunos. Porque eu acho que há dez anos havia muito mais do que hoje. A gente era uma catrefada deles.

P - Então teve aulas neste edifício?

R - Sim e neste edifício aqui, tive aulas onde é agora a farmácia, e aqui era o quartinho, farmácia, era aquela parte, tive aulas ali.

P - Este edifício onde nos encontramos era a escola antiga?

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - Era e eu brincava à «sirumba» no pátio, agora já não se vê nada disso.

P - E os professores?

R - Os professores eram excelentes.

P - E estes de hoje?

R - Agora já é malta nova, agora já são muito poucos os que tem paciência para os mais miúdos. E os outros que lidam com o pessoal da noite já é mais aquela, somos praticamente da mesma idade, já não há aquela relação aluno professor. No meu tempo era dá licença para ir à casa de banho. Sim senhora professora, não senhora professora. Agora os professores até autorizam ser tratados por tu, e é chamar professor só, ó professor isto, ó professor aquilo.

P - E acha que não está certo?

R - Não, não está certo. No meu ponto de vista não está certo. No meu tempo a gente rezava de manhã, o pai-nosso, todos os dias na escola, comíamos todos juntos. Hoje os miúdos agarram uma sandes e vem comer para o pátio. A gente era ali numas mesas seguidas e aquela hora era para comer, todos juntos ali à mesa.

P - Antigamente havia mais regras, hoje há menos regras?

R - Muito menos regras.

P - Então a escola é mais fácil ou mais difícil do que era antigamente?

R - A nível de um pai falar com um professor por causa do filho. Eu acho que agora é mais difícil, por causa que se perdeu muito do respeito que havia antigamente. O pai agora já entra pela escola a dentro e já quer bater no professor e já diz ao professor que nunca mais levanta a voz para o filho e nunca mais fazes isso.

P - Mas isso acontece com muitos alunos aqui no corvo?

R - Não, só alguns. Há pais que tem ainda a mentalidade de o professor se brigou contigo, ou se te pós de castigo é porque alguma coisa foi que tu fizeste. Agora há outros que não, faça lá o que fizer. Não se pode dizer nada ao menino.

P - Porque é que será que isso acontece?

R - Eu acho que é em termos de educação, e às vezes também é... Como isto é pequenino, e os professores vêm, às vezes são pais que não gostam dos professores. E por isso acontecem estas situações. Eles hoje queixam-se por tudo e por nada.

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

P - Quem?

R - Os pais.

P - E os professores?

R - Os professores também se queixam.

P - Então houve mudanças na sociedade que tiveram reflexão na escola?

R - Sim tiveram.

P – Obrigado pela colaboração.

Protocolo da entrevista número 10

Caracterização do entrevistado

- Representante de uma entidade
- Sexo: Masculino
- Idade: 26

E. 110

Entrevista

P – Qual é o significado da escola?

R - O significado da escola é ensinar, mais do que talvez como complemento de educar. É a minha visão da escola. No sentido em que eu não entendo a escola como seja só no sentido de educar os alunos, mas mais no sentido de transmitir conteúdos e ensinar os alunos a estudar. Na minha visão, nós aprendemos na escola a estudar, porque a vida deve ser um constante estudo, na vida adulta, na vida activa, eles vão ter de ter competências, habilidades para se precisarem voltarem a estudar.

A escola tem de lhes dar essas competências, esses meios para eles ficarem na vida com a estrutura mental para poderem-se desenrascar. É a minha estrutura de escola, é mais transmitir conteúdos num determinado período de vida e num determinado período de tempo, é prepará-los para a vida activa, e depois nessa vida activa, eles puderem desenvolver outras competências e adquirir, e continuarem num processo de aquisição contínuo de conhecimentos, porque se se limitarem, depois na vida activa àqueles conhecimentos que adquiriram na escola, ao fim de 15, 20 anos estão totalmente desadequados e desactualizados da realidade que entretanto a nível socioeconómico vai aparecendo.

P - O significado da escola também será ao fim ao cabo o papel da escola?

R - Sim, o papel da escola, como aquela que prepara os alunos, os discentes para a vida futura.

P – Quais serão os aspectos positivos e negativos que a escola terá?

R - Positivos e negativos. Positivos, eu prefiro enumerar os negativos tudo o resto é positivo. No sentido em que está educando pessoas, está educando cidadãos. Aspectos negativos, aí a minha crítica vai não tanto para a escola, em si particular, mas mais para o sistema em geral.

Eu acho que há um facilitismo na escola em que as crianças não podem, como eu hei-de dizer.

Por exemplo, a nível das retenções, eu acho que se facilita muito. As crianças habituam-se a facilitismos e depois quando chegarem à vida activa, que é à vida real em que existem limitações, em que é preciso fazer opções, em que é preciso prescindir de determinadas coisas, para optar, em que as coisas não aparecem de mão beijada. Não aparece, e em que se tem de lutar para ter um trabalho, tem de ter competências. Ora com facilitismos, há crianças que podem conseguir, mas há outras que não, porque nem todos são iguais, nem todas têm o mesmo ambiente familiar.

E nesse sentido eu não sei, até que ponto é que a escola estará (a preparar) indo de encontro à minha visão inicial a preparar essas pessoas, para a vida activa. Esta é a minha opinião, não sei, até que ponto estará a prepará-los.

Outra das coisas que eu acho que é um contra censo muito interessante, é que a nossa escola ostenta, agora um prémio, um galardão, não sei o que é que será de Eco-Escolas, que se fez o içar da bandeira. Depois vê-se do ponto de vista ambiental, existem alguns aspectos em que as crianças são educadas, nomeadamente no clube do ambiente, que tem alguns aspectos muito interessante, mas depois que não abrange toda a escola. E vê-se depois a alguns metros da escola, existem ecopontos e pouco ou nada se vê. Crianças do topo da escola, salvo uma turma ou outra a fazerem a reciclagem que é já a preparação para o futuro e que tanto se fala na questão ambiental.

Porque é que a própria escola não tem um ecoponto? Quando já há uns anos atrás, promoveram esse projecto e porque estão arrumados numa arrecadação e não estão a educar. Então porque é que se ostenta e se coloca e se iça a bandeira, quando depois na prática, aquilo não é transversal a toda a escola é só para constar nos Qualis e em tudo o mais.

(riso) Está a perceber.

Na minha visão a escola tem algumas limitações.

Outro aspecto, não sei se deveria entrar por aí ou não, a questão da própria higiene da escola, na minha opinião, fica muito aquém das regras mínimas.

Isto do ponto de vista da visão da escola na comunidade.

P – Qual será o significado da escola para a comunidade?

R - O que a escola significa para a comunidade. Eu penso que a escola acaba por ser aqui nesta comunidade um outro pulmão, para fazer a comparação, por um lado a câmara municipal, por outro lado a escola na minha opinião é uma das duas principais instituições cá

da comunidade. É um verdadeiro pulmão na medida em que obriga a respirar, que nos dá, e é um pólo dinamizador não só o ensino, daquilo que é inerente à sua função, mas também de outras actividades e que nós fomos vendo, também, ao longo do ano, actividades promovidas pela escola e que tentaram envolver a comunidade, mais em concreto, os pais ou os familiares mais próximos dos discentes.

E portanto, eu penso que, que ela tem um papel muito importante, preponderante em toda a comunidade, e por isso, na medida em que a escola funcionar bem. Esse papel ou essa função do ambiente interno da escola vai ser... transposto, repercute-se na comunidade, e portanto, acho que tem um papel dinamizador, não só da comunidade, mas também inerente à própria escola.

P - A escola como pólo dinamizador, há grupos que recorrem e pedem à escola, em que momentos, em que circunstâncias pedem ajuda à escola? Quais serão esses grupos?

R - Olhe eu, ao longo deste ano, fui reparando, que a escola directa ou indirectamente serviu, para formação através de diferentes acções de formação, que decorreram ao longo do ano, nas diferentes áreas. Recordo-me o esforço que se fez, nomeadamente, e que acabou por ajudar a sua própria integração, na comunidade, dos nossos emigrantes da construção civil, é um grupo, não só, mas esse eu acho que foi muito notório, que apesar de não ter sido directamente a escola a promover essas acções de formação. Elas decorreram na escola, foi a escola que cedeu as suas instalações, foi os próprios professores da escola que por sua vez foram formadores desses grupos, ou seja, nós estamos a contribuir para a integração, para o desenvolvimento pessoal, dessas pessoas que participam nessas formações. E penso que nesse sentido é um exemplo, de como diferentes grupos participam e recorrem à escola, sendo ela, directa ou indirectamente a promover.

Também através dos pais acaba por ser um grupo mas por arrastamento um pouco, em acompanhar os filhos, já estão também a participar em tudo o que a escola dinamiza.

P – Será que existem grupos na comunidade que não tem qualquer relação com a escola? Nunca terem ido à escola.

R - Bem não terem relação com a escola em que sentido?

P - Participação a nível pedagógico ou a nível cultural?

R - Sim, penso que sim, talvez haja mais do que um grupo, pessoas por exemplo.

P – E haverá pessoas que nunca participam?

R - Sim, isso há pessoas que nunca participam em nada.

P - Quais serão as razões porque não participam em nada?

R - Se calhar as mesmas porque depois não participam em outras, outros acontecimentos que possam acontecer, noutras circunstâncias, enfim, as razões poderiam ser muito várias, penso que vai muito da índole pessoal de cada um.

P – Se lhe pedir para definir a escola numa palavra numa expressão ou numa frase, qual poderia ser para definir a escola?

Grande hesitação

R - A escola é como um canteiro de plantas.

Porquê? Um canteiro de plantas se não for bem cuidado, nunca teremos plantas viçosas, bonitas, perfeitas, precisam de ser regadas, precisam de ser cultivadas, precisam de se tirar as ervas daninhas, a mesma coisa com a escola. A instituição, em si, não se cuidar a si própria de certo modo, e a própria comunidade não valorizar a escola. Ela perde a sua função, enquanto pólo dinamizador da comunidade, de certo modo, está a perder responsabilidade, está a perder competências no seu próprio objectivo.

P – Quais serão as funções da escola?

R - Mas não estaremos a responder outra vez na mesma coisa.

P – Será que existem diferença nas funções, no que se refere as funções que desempenha para os alunos, pais, professores e comunidade? Quais serão as funções específicas para cada um destes grupos?

R - Para os alunos, a visão dos alunos da escola, nunca pode ser a mesma visão dos pais. Os alunos estão a tempo inteiro lá dentro, e de certo modo a vida deles é toda canalizada, as suas forças, as suas energias, tudo decorre, a vida deles decorre em torno da escola, enquanto que para os pais a relação já é outra.

Enquanto que para os alunos, eles querem, podem e também vão lá para aprender, mas exigem mais da escola, mais no sentido que querem fazer uma actividade dinâmicas, querem passear, querem participar, querem não sei o quê...

Enquanto que a visão dos pais, pelo menos aqueles que estão mais conscientes, será uma visão diferente, os alunos podem, os filhos estão na escola, para aprenderem, para se formar. Que pode essa formação ter diferentes dimensões do ponto de vista de conteúdos, do ponto de vista pedagógico e chega depois, também à componente humana e social. Mas numa visão de

formação futura, enquanto os alunos, se calhar gostam de aprender, mas consoante também as suas faixas etárias, ou as suas idades, não estão tanto preocupados com o futuro mas mais com o presente.

P - E a visão dos professores e da comunidade?

R - Os professores vêem também o seu sucesso, na medida em que virem, tem de se sentir realizados, eu penso que acima de tudo tem de se sentir realizados, na sua profissão, porque foi a sua opção de vida. Se eles se sentirem mal na escola, não se sentirem integrado na escola, e de certo modo também na comunidade num meio tão pequeno.

Daí a importância da visão da comunidade em relação à escola, na medida em que a comunidade tiver uma boa visão e valorizar a escola, vai valorizar também os seus professores, que lá trabalham, este corpo docente, valorizando-os, integrando-os na própria comunidade, porque se eles se sentirem totalmente excluídos da comunidade.

A sua realização pessoal já vai ser muito mais baixa, estarão porque se vê nas crianças o prolongamento numa comunidade, que se calhar não os aceita e aí já vão estar mais desmotivados, os resultados positivos que poderiam daí advir, do seu trabalho já serão mais difíceis de alcançar, mas os professores vêem a escola como o seu local de trabalho, com objectivos, com competências a atingir que têm de cumprir.

P – E para a comunidade?

R - Isso já não respondi! Ao fim ao cabo estão interligadas, são as dinâmicas que se estabelecem entre a comunidade e a escola.

P – A relação entre a escola e a comunidade sofreu alterações?

R - Quando de que período?

P – O período que o senhor achar melhor.

R - Em relação a esta comunidade isso, eu não sei. Mas provavelmente, como todas as outras sofreu.

Se calhar há uns 15 ou 20 anos para atrás a escola sofreu alterações. Era importante mas tinha um determinado dinamismo, uma determinada relação, e hoje tem outra. Não só porque antigamente, mas se calhar aqui no Corvo só ia o ensino até ao 4º ano, o chamado 1º ciclo, actual, e que depois foi sendo alargado até ao 9º ano e de certo modo com o ensino secundário recorrente e até ao 12º, e portanto a visão e isso permitiu o quê? Não só tem o edifício que é uma presença física, muito visível na vila, que já por si, já dá outra expressão,

por um lado permitiu com esse alargamento da escolaridade aqui no Corvo, dos anos de ensino, a vinda de muito mais professores. Enquanto, que há 20 atrás, podíamos ter 3 ou 4 professores, hoje temos 17 pessoas, ou seja uma comunidade tão pequena como a nossa ter 17 pessoas, que não são de cá ou a trabalhar permanentemente naquela unidade orgânica, vemos os que tem um peso muito maior e permitem a dinamização das chamadas actividades que eu já falei anteriormente, de uma forma muito diferente, valorizar outros dias, como a gente temos a moda, do dia tal, o dia de fulano e dia de cicrano. Permite valorizar diferentes aspectos ao longo do ano, diferentes dias, diferentes actividades não só desportivas como próprio componente desportivo, é um exemplo, de como, a vinda do professor de educação física permite a dinamização de determinados desportos, permite a dinamização de determinados torneios dos diferentes desportos que existem. Vemos o peso e a diferença da visão da comunidade, se calhar há 20 anos para cá na comunidade. Isto é o que eu penso.

P - Houve uma organização diferente dos elementos humanos e materiais pertencentes à escola, principalmente se recuarmos num tempo mais largado de 15 ou 20 anos atrás.

E a comunidade integrou bem o conceito de escola na vida quotidiana? Como fez essa integração?

R - Se a escola fez essa integração?

P – Sim.

R - Se a escola fez essa integração, talvez tenha feito. Eu penso que sim, que se integrou, fez integração mental, agora penso que a visão e a integração da escola na comunidade tem que ver depois também com a própria capacidade de reflexão, de entendimento das diferentes pessoas. Enquanto, há uns podem olhar para a escola quase como um depósito dos filhos, em que vão para lá para não estarem a incomodar em casa, não se interessam pelos resultados, às vezes tem de estar lá, ou seja, há uma certa desresponsabilização.

Enquanto, há pais que querem mais da escola para os seus filhos. E ao pedirem mais à escola, estão a pedir a quem os ensina que é os professores. E penso que há estas duas visões, que também por sua vez se vê, ou têm influências numa na outra, mudança social do Corvo. É que se calhar há uns anos atrás o Corvo era mais homogéneo, do ponto de vista da mentalidade, hoje é cada vez mais heterogéneo, e que a imagem que passa, que apesar de ser um meio pequeno, não é assim tão fechado ao exterior como parece. Recebe essas boas ou más influências exteriores, não só pelos dos meios de comunicação social, mas em toda a sociedade no seu todo, mas também pela vinda para cá de outras pessoas que não são

naturais. Permitem ou possibilitam uma visão, uma atitude, totalmente irresponsável, chamamos talvez assim, para com a escola.

Qual é a função da escola, se é um mero depósito de miúdos ou de crianças ou se tem mais do que isso. E esses pais ou essas famílias, de uma forma mais geral, tem uma desresponsabilização, não só para com a escola, mas mais do que isso, para com os seus próprios filhos, em que não se interessam pela conduta deles, pela educação e pela formação dos mesmos. Não tem uma visão integral da sua formação, com vista ao futuro, à vida activa deles e à sua integração na sociedade e à sua integração no mercado de trabalho porque esses comportamentos actuais vão ter influência a curto e médio prazo na vida dos seus filhos. E portanto, eu penso que há essas duas atitudes para com a escola, por um lado, pais muito conscientes e tem um projecto de vida e de formação para os seus filhos, e por outro lado pais que se vê que não tem grandes objectivos, não tem uma visão mais alargada, uma visão de futuro para os seus filhos, e isso é a clara visão da escola.

P – Houve uma mudança que ocorreu, e nessa mudança quais serão os factores que conduziram à mudança da relação entre a escola e a comunidade? A escola sofreu mudança ou houve manutenção?

R - A escola teve mudança, mudança houve.

P - Quais serão os factores que conduziram a essa mudança?

R - Era aquilo que eu estava dizendo, para já o Corvo não é uma comunidade fechada e recebe influência como de toda a sociedade no seu todo, e pode levar mais tempo, pode levar mais um ano, mais uns meses, mais umas semanas, conforme, mas recebe, não só pelos meios de comunicação social, recebe pelas novas tecnologias, como se nota cá no Corvo, estão muito difundidas. Recebe até pelas constantes saídas de corvinos da ilha, não só em férias, para estudos e em trabalho, e recebe pela vinda de pessoas não naturais do Corvo.

Penso que tudo isto permite essa alteração de visão, de pensamento, de atitude, para com a escola e para com o ensino. A escola vai-se relacionando directamente com a comunidade e influenciam-se mutuamente, existe aqui um movimento recíproco.

P – A escola e a comunidade como é que elas se relacionam em vários aspectos? Que dinâmica existe entre a escola e a comunidade e a comunidade e a escola?

R - Ai existe uma interacção acentuada em que a partir dos pais das crianças, de uma forma directa pela promoção, não só que tem de haver um programa anual, que está previsto nas planificações da escola, plano anual de actividades, o que é normal do ponto de vista das aula

e das avaliações. E depois uma relação indirecta, o chamado convívio social dos professores e dos alunos, porque a escola acaba por estar sempre a ser tema de conversa recorrente, e depois de uma forma de convívio dos docentes que vêm de fora, e esses também contribuem para essa visão. Porque quer queiramos quer não a educação dos alunos não passa só com o que é ministrado na sala de aula, ou seja, não é só ministrar conteúdos, dar conteúdos é mais abrangente.

É mais abrangente, na minha opinião porque passa aí a parte humana e passa algo que também se está a perdendo nos últimos anos, nas últimas décadas, o chamado testemunho de vida, o chamado respeito, esses valores, porque na medida em que os alunos olham para os pais, e olham para os professores e para a família em geral, como exemplos. Ora se as famílias, se os pais, se os irmãos, se os familiares mais próximos e se os professores tem determinados comportamentos sociais, as crianças vão se rever neles, ou seja, é neste sentido que eu acho que a educação é mais abrangente, não passa só pela sala de aula, e por isso, a própria comunidade e as gerações mais novas são formadas directa e indirectamente pela escola. Na medida em que os nossos professores e os nossos pais tiverem determinados valores, que por sua vez são expressos em determinados comportamentos, atitudes e acções na sociedade, essas mesmas acções, comportamentos são educar, directa ou indirectamente, as crianças.

P – Esses comportamentos alteraram-se ou não?

R - Penso que sim. Porque se olharmos para a sociedade no seu todo, sem ser só agora corvina, e vemos que havia comportamentos que no passado eram mais comedidos e hoje são totalmente desinibidos, extrovertidos, e por isso, nós não podemos exigir as nossas crianças, aos nossos jovens determinados comportamentos e ficar chocados com esses mesmos comportamentos ou atitudes, quando nós vemos determinadas pessoas: pais, formadores e a sociedade em geral a tê-los e a expressá-los a vivê-lo à frente dos alunos, mormente fora da escola, mas aqui não há dissociação entre as portas da escola para dentro e as portas da escola para fora. Aquele é o professor, aquele é o meu mentor, é o meu mestre, se ele tem aquele comportamento, porque supostamente uma pessoa que tem determinada formação, era uma visão que se tinha antigamente e que se está perdendo, tinha uma determinada formação, tinha um determinado nível de respeito e uma autoridade profissional, moral e ética que hoje não tem. Pode ter autoridade profissional, mas não tem autoridade ética ou moral perdeu ou está a perder.

P – Essa é também uma mudança que se está a verificar?

R - Sim.

P – A implementação da escola, cá no Corvo terá realizado alterações na sociedade? A escola, o edifício em si.

R - Isso, eu já disse há um pedaço, no sentido em que o próprio edifício pela sua envergadura no contexto da vila impõem-se, e demonstra por sua vez o peso que tem na comunidade, quase que é proporcional do mesmo modo. Porquê? Porque as 3 ou 4, para ser agora mais abrangente, instituições da comunidade que se denotam mais, por sua vez as 4 tem edifícios que se destacam na vila que são a Câmara Municipal, a Santa Casa, a escola e a igreja. Estes 4 edifícios salientam-se, e que demonstram de certo modo o peso que tem na comunidade, ou seja, eles são, de certo modo, aglutinam determinados grupos, se calhar de um todo e todos juntos aglutinam a comunidade inteira.

P - A escola é solicitada a colaborar com a comunidade, e a comunidade faz alguma solicitação à escola ou não?

R - Sim, por exemplo a nível de empréstimos, de colaboração, por exemplo a nível material, a escola recorde-me agora, presentemente, não só a cedência de instalações para dormitório de algumas actividades, agora durante o Verão, como por exemplo a cedência empréstimo da aparelhagem de som, empréstimo de material, e a mesma coisa também por outro lado, quando a escola precisa de outros materiais que outras instituições é que tem empresta à escola, existe assim uma interacção.

P - Eles emprestam materiais uns aos outros?

R - Sim. Do ponto de vista humano também vemos a colaboração dos docentes, dos alunos que já são de cá, mas às vezes, colaboram enquanto alunos, numa determinada acção ou outra, num determinado evento ou outro.

P - A escola não estará a promover algumas tradições cá na ilha ou não?

R - Sim, talvez acaba por exemplo a festa de Natal ou a festa de encerramento da escola, já entraram dentro da rotina anual da vivência da comunidade e isso é claramente notório.

P – Isto a nível das actividades da escola e a nível das actividades da comunidade? Talvez seja alguma tradição a escola colaborar?

R - Pode até haver.

P – Obrigado pela colaboração.

Protocolo da entrevista número 11

Caracterização do entrevistado

- Ex representante dos pais e encarregados de educação na escola
- Sexo: Feminino
- Idade: 48 anos

E. 111

Entrevista

P - Qual é o significado da escola?

R - Para mim a escola significa que é a casa onde reparamos o nosso futuro.

P – Se a escola é a casa onde nós preparamos o nosso futuro, qual é o papel da escola?

R - O papel da escola é ensinar para a vida, para a vida e para o futuro, para termos, para aprendermos, para a aprendizagem.

P – A escola terá aspectos positivos e negativos?

R - Para mim eu acho que só tem positivos. Não há aspectos negativos.

P – E quais são os aspectos positivos?

R – Formação... Deve ter mais mas não me lembro.

P – Qual é o significado da escola para a comunidade?

Hesitação

R - É uma instituição onde aprendemos a ser alguém. Isto é assim, uma pessoa quando vai para a escola não é só formação que a escola nos dá. Temos de levar alguma formação da parte dos pais de casa, e essa formação é importante para o ensino. A pessoa como se costuma dizer não tem berço, uma pessoa deve levar formação de cada. Hoje os professores ensinam uma parte, mas a parte moral, moral tem de ir de casa e a escola também nos dá alguma coisa. Em casa os pais não ensinam tudo, há uma parte que é só de casa e outra da escola tem de estar juntos na formação os pais e a escola. A escola tem um papel muito importante e devem estar em conjunto os pais e a escola.

P – Quais são os grupos que recorrem à escola, em que momento em que circunstâncias utilizam a escola?

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - A escola é utilizada pela comunidade. Agora há pouco tempo tivemos uma exposição, temos organizado festas em que a comunidade participa.

P – Como é que solicitam a colaboração da escola para a realização das festas?

R - Emprestando as instalações. A escola empresta sempre.

P – Existe alguma tradição já ligada à escola ou não?

R - Sim, por exemplo as sopas do espírito santo. Desde que há sopas é sempre lá.

P – Mas a escola ainda tem poucos anos?

R - Mas as sopas só começaram há 7 ou 8 anos para aí, e foram sempre na escola.

P – E da parte da comunidade outras actividades que realizam na escola?

R - Já se realizaram lá festas que se realizam cá fora, está mau tempo e pede-se o ginásio e realizam-se lá. Eleições também pela parte partidária mas essa nem sempre se realizaram lá, só desde que a escola está.

P – E no que se refere à própria escola para a realização de actividades para a comunidade?

R - As festas de fim de ciclo, realizam-se e a comunidade participa e adere a meu ver, a comunidade adere.

P – Será que existem grupos ou pessoas da comunidade que nunca tenham ido à escola?

R - Há certos tipos de organizações que vai toda a gente à escola e há outros que não vão, por exemplo nas sopas do espírito santo vai toda a gente, mas por exemplo nas organizadas pela escola acredito que não vá tanta gente.

P – Qual será a razão?

R - Talvez não se relacionam com as pessoas que dirijam a escola, com os professores que lá leccionam.

P – E haverá alguma pessoa que nunca tenha ido à escola?

R - Talvez não, que nunca, nunca tenha ido por qualquer razão já foram à escola. As pessoas quando não vão a actividades que se realizam na escola será porque não conhecem as actividades.

P – Se lhe pedir para definir a escola numa palavra, numa expressão ou numa frase, qual utilizava?

Hesitação grande.

P – Quando se lembra da escola, o que é que se recorda?

Hesitação, riso.

R - Eu não sei responder.

P – As funções da escola serão muitas, quais serão as funções que desempenha para os alunos, os pais, os professores e a comunidade? Estas funções serão diferentes ou iguais de acordo a quem se destina?

R - Sim talvez.

P – Será que me pode dar um exemplo?

R - Para os alunos aprendizagem, ensinar os alunos. Para os pais a escola está sempre em contacto com os pais para transmitir a evolução dos estudos dos filhos. E ela tem feito isso e acompanha os alunos.

P – Os pais são receptivos a essa solicitação?

R - Sim, julgo que sim, se não são deveriam ser.

P – E quais serão as funções desempenhadas pela escola para os professores?

R - Dá trabalho.

P - E para a comunidade?

R - Mandar os filhos para lá.

P – A relação entre a escola e a comunidade sofreu alterações ou não?

R - Sim, eu acho que sofreu alterações, a partir do momento que se construiu o novo edifício da escola, em que fez alterações a nível de tudo. Os alunos têm melhores condições com a construção do novo edifício. Não já antes se leccionava o ensino básico, mas ficou com melhores condições para o ensino, e isso alterou a relação entre a escola e a comunidade.

P – Será que se verificou uma escolha entre o que a comunidade queria ou não? E alteração dessas relações entre a escola e a comunidade.

R - Houve, porque da parte da escola começaram a haver mais actividades para os alunos. A comunidade começou a participar mais nas actividades a comunidade e os pais também.

Como é que eu vou explicar, por exemplo, no meu tempo de escola não havia essas actividades que há agora. Nem no início não havia. Íamos para a escola, vínhamos para casa e não havia mais nada.

P – E agora o que é que há?

R - Agora há muita coisa, eu acho muito bem, por exemplo os alunos participam em muitas actividades por exemplo actividades extra curriculares às vezes saem da ilha, participam em jogos desportivos, nas olimpíadas do ambiente, no jogo do 24, participam muito. E antigamente essas actividades não haviam e começou a haver essas actividades desde o início, desde que veio a escola, desde há 12 anos para cá, desde o início da construção da escola começou a haver esse envolvimento.

P – Então houve desde que a escola foi construída uma alteração ao nível da relação humana. Foi isso que referiu?

R - Sim foi.

P – A comunidade integrou bem o conceito de escola na sua vida quotidiana?

R - Aceitou, porque houve muita luta para a construção do edifício. Houve uma luta que originou a construção da escola, não foi uma luta, é maneira de dizer. Foi a vinda do ensino básico para a nossa ilha, antes leccionavam até ao 6º ano e à partida era mau, a partida.

P - A senhora andou na escola, cá, até ao 6º ano?

R - Até à 4ª classe, sai de cá com 11 anos para estudar, fui para fora tinha de ser.

P – O que acha desta oportunidade de os alunos estarem na ilha até ao 9º ano?

R - Acho muito bem, acho muito bom. Mas agora diga-me uma coisa, eles também têm de sair da ilha porque isto é muito pequeno. Mas também não é sair com 11, mas com 15, já se sai bem.

Depende muito também de cada aluno que sai da ilha, se calhar é a idade pior de 15 anos do que a de 11, mas também depende muito de cada aluno que sai daqui. Depende muito não só da formação que leva da escola, mas também da formação que leva de casa a nível dos pais.

P - E o governo dá incentivos para os alunos continuarem os seus estudos ou não?

R - Dá para prosseguirem e continuarem a estudar, pode ser pouco mas dão.

P – E no tempo em que foi estudar para fora davam incentivos?

R - Eu acho que davam mas no tempo em que eu ia, ainda não iam muitos alunos para fora. Era um tempo crítico, e também não podiam ir todos.

P – Porque não podiam ir todos?

R - Talvez os pais não tinham possibilidades de os mandar, não sei. O dinheiro seria o condicionante de muitos irem.

P – Que factores contribuíram para a relação entre a escola e a comunidade. Já referiu alguns que estavam relacionados com a vinda da escola. Nomeadamente a relação entre a escola e a comunidade ao longo destes 10, 12 anos.

Já referiu que se verificou uma mudança, não haverá outros factores quem terão contribuído para essa mudança?

R - Na relação entre a escola e a comunidade com a construção da escola, com a vinda do ensino básico, isso requer mais professores, gente nova que vem para a nossa ilha.

P – A vinda de mais professores altera a relação entre a comunidade e a escola?

R - Não, talvez não, não sei. Se calhar altera a relação entre a escola e a comunidade porque a vinda de mais professores, são pessoas diferentes que vêm para cá, estão cá um ano e vão-se embora.

P – E os que estão cá mais tempo?

R - Já são da ilha, já começam a fazer parte da comunidade, das pessoas que trabalham na escola, na comunidade, a parte humana melhorou, há mais interacção.

P – A escola e a comunidade como é que elas se relacionam?

R - Relacionam-se bem do meu ponto de vista.

P – Como é que se estabelecem essas relações entre a escola e a comunidade e a comunidade e a escola?

R - Quando eles fazem nas actividades que a escola organiza, há aí uma interacção, e estão as duas interligadas. Eu acho que cada vez que a cada actividade que a escola realiza e pede a colaboração da comunidade, eles ajudam.

P – Como é que a escola solicita a colaboração da comunidade. Já tem experiência de quando fez parte dos representantes dos pais e encarregados de educação no conselho pedagógico e na assembleia. Na altura estava envolvida nas actividades da escola

porque tinha lá os filhos. E agora não tendo filhos na escola, como é que sabe quando é que a escola realiza as suas actividades, como é que pede a colaboração à comunidade?

R - Não sei, se será este ou não. Eu tenho conhecimento das actividades escolares através de editais distribuídos pelos locais públicos.

P – A comunidade quando quer realizar alguma actividade na escola, também divulga?

R - Também, e as pessoas aderem.

P – Quais serão as actividades que a comunidade adere com maior entusiasmo ou em maior número?

R - As actividades que a escola realiza e que a comunidade adere são nas actividades que realiza no final do ciclo, no fim do ano.

P – Já referimos as condições que contribuíram para a implementação da escola, será que se realizou alterações dos valores, das atitudes e dos comportamentos da sociedade com esta vinda da nova escola?

Hesitação

R - Deve ter havido com certeza.

P – Quais foram as condições que contribuíram para a alteração dos comportamentos, atitudes e valores das pessoas em relação há uns anos atrás?

Hesitação

R - Em relação aos pais de agora, de há 12 anos para cá, os pais participam e de há 12 anos para trás não participavam.

No meu tempo não participavam, vinha era o recadinho para casa e talvez iam lá, se calhar no fim do ano buscar as notas, mas isso eu não sei lá muito bem. Participar e envolvidos como estão agora, não estavam.

P – Então anteriormente havia um comportamento e atitudes diferentes em relação à escola?

R - Eu estou falando de antigamente, do meu tempo de escola, estou a fazer uma comparação com o meu tempo, antes eram mais passivos e tornaram-se mais activos, a escola solicita essa colaboração dos pais e da comunidade

P – Foi necessário realizar alguma adaptação na relação da comunidade com a escola, ou não?

Hesitação

R - Foram sendo feitas progressivamente e ambas foram aceites pela comunidade. Da maneira que se vão desenvolvendo as coisas, está tudo relacionado umas coisas com as outras, e acaba por evoluir e a pessoa acaba envolvida mesmo sem querer.

Sabe, eu não sei explicar bem, está a perceber o que eu estou a dizer.

À medida que o tempo vai passando, o tempo vai pedindo as coisas e as coisas vão surgindo. As coisas vão-se fazendo, é mesmo da própria natureza, as coisas vão aparecendo, vão-se modificando.

P – Obrigado pela colaboração.

Protocolo da entrevista número 12

Caracterização do entrevistado

- Aluna do ensino secundário recorrente
- Sexo: Feminino
- Idade: 17 anos

E. 112

Entrevista

P - Qual será o significado da escola?

R - Tem muito, como é que eu hei-de dizer, porque ajuda os alunos e também a comunidade, porque ensina os alunos com as coisas da reciclagem entre outras coisas, porque como tem aqui as aves endémicas, principalmente, cagarros e os alunos acabam por transmitir aos amigos, família e a todas as outras pessoas que vão aprendendo também com as crianças. O que é muito bom.

P – Qual é o papel da escola?

R - O papel da escola é muito importante.

P – O que é que ela faz?

R - É ensinar todos, em geral.

P – Quais serão os aspectos positivos ou negativos que a escola terá?

R - A escola tem muitos aspectos positivos, pois faz muitas actividades para os alunos poderem aprenderem e também muitas visitas de estudo e também actividades quer na ilha, quer fora da ilha, quer na escola.

P – Então a escola tem muitos aspectos positivos?

R - Muitos.

P – E negativos?

R - Negativos, agora não estou a ver nenhum.

P – Qual é o significado da escola para a comunidade?

R - Acho que também tem alguma importância, também influencia a comunidade.

P – De que forma?

R - Com palestras que às vezes fazem e outras actividades que também fazem.

P - Então o significado da escola será só fazer palestras e actividades para a comunidade?

Sim, mas também ajuda à compreensão de tudo o mais.

P – Existem grupos que recorrem à escola em que momentos, em que circunstâncias. Que grupos são estes que recorrem à escola e porquê?

R - Há grupos, por exemplo a comissão do espírito santo para puderem fazer as sopas ocupam o ginásio, às vezes as pessoas também querem fazer festas, no ginásio ou casamentos, é sempre assim.

P – Qual será a razão pela qual a escola/ginásio é solicitada?

R - Talvez porque é o local mais apropriado, tem mais espaço. Depende também da altura do ano, mas normalmente é quase sempre lá.

P – E muita gente vai a essas festas?

R - Vai muita gente.

P – Quer sejam da escola quer seja de fora, vai muita gente?

R - Sim vai muita gente.

P – Existirá grupos ou pessoas da comunidade que nunca foram à escola?

R - Talvez.

P – Quais serão esses grupos ou pessoas?

R - Talvez os mais idosos que digamos já não têm muita vontade de sair de casa ou que não podem estarem doentes.

P – Então a idade e a doença serão factores de afastamento da escola?

R - Sim, em parte sim.

P - Se lhe pedisse para definir a escola numa palavra numa expressão ou numa frase qual utilizava?

R - É uma escola muito boa e com boa qualidade de ensino e tem tudo bom para nós aprendermos quer de forma divertida, e como é que vou dizer, a sério mesmo para progredir.

P – Quais serão as funções da escola, para alunos, pais, professores e comunidade?

R - Ensinar todas as pessoas, quer estejam na escola ou os da comunidade.

P - Como é que ensinam os da comunidade?

R - Como eu já disse através de palestras.

P – Mas só palestras?

R - Não, também com outras actividades que fazem como já fizeram aqui há alguns anos: feira dos minerais e também tem as festas de Natal, Carnaval em que a comunidade também vem muito, gosta muito de ver as festas, para ver os progressos das crianças e todos os alunos, principalmente o que fez durante aquela altura específica o que é muito bom. Isto é aquilo que é visível.

P – A escola desempenha funções que serão diferentes consoante a quem se destina alunos, pais, professores e comunidade, ou não?

R - Não nem por isso.

P - São todas iguais?

R - Não, mas mais ou menos.

P – E para os alunos quais serão as funções?

R - É claro, têm de estudar, mas também interagem uns com os outros quer alunos, quer professores, quer funcionários. E também têm as suas actividades quer na ilha quer dentro ou fora da escola.

Os alunos também vão saindo para outras ilhas, como acontece os jogos desportivos escolares, também é muito bom. Quem é que não gosta. Eu também fui e por acaso consolava-me.

P – Se não houvesse escola não tinha ido?

R - Não, infelizmente, se não houvesse escola eu não tinha ido. A minha primeira vez foi em São Miguel e não achei muita piada. Foi na escola das Laranjeiras, foi uma semana ali seguida, quase sempre presa na escola, quase que não tínhamos tempo para sair, foi jogos a mais.

P – Quais serão as funções para os professores?

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - Também tem interações com os alunos e com todos os professores. Tem as suas actividades uns com os outros, também actividades com alunos, podem fazer uma espécie de diversão entre professores e também socializarem mais um pouco em vez de estarem sempre a trabalhar toda a hora, a todo o momento é muito mais difícil.

P – E quais serão as funções para os pais? Serão iguais para o aluno?

R - Em parte sim. Estar sempre a informar os pais, sobre os alunos se estão a ir para a frente ou a regredir, no que toca com as aulas e os comportamentos. As vezes acontece, um ou outro ter ali um pequeno problemzinho mas é assim, é sempre bom.

P – E para a comunidade?

R - E para a comunidade, tem desenvolvido mais actividades para a comunidade – escola, exposições e tudo isso, também as actividades que os alunos fazem para a comunidade assistir. E para mim é muito bom.

P – A relação entre a comunidade e a escola sofreu alterações ou não?

R - Sim, já há muito tempo, desde que abriu em 98, a comunidade ia para a escola, mas agora passados 10, 11 anos, mais ou menos, já há muito mais gente, antigamente vinha menos gente à escola, vem muito mais gente, antigamente vinha menos gente à escola.

P – Qual será a razão porque ia menos gente à escola?

R - A escola nessa altura ainda não tinha muito significado, era mais para os filhos, sobrinhos e familiares puderem aprender. Agora não já vêm a escola de uma forma diferente, já vêm a escola como uma maneira de saber como é os familiares e amigos se estão a desenvolver bem ou mal e todas as actividades que fazem.

P – A escola tem realizado actividades direccionadas para a comunidade?

R - Tem, torneios de voleibol, ténis de mesa, palestras e exposições.

P – E a comunidade adere bem?

R - Acho que sim, pelo menos nos desportos sim.

P – De que forma se realizou a mudança entre a escola e a comunidade?

R - À medida que os anos foram passando as pessoas da escola foram vendo que tinham de arranjar mais actividades para conseguir chamar a atenção da comunidade, e foi assim que aconteceu.

P – A escola foi organizando a parte humana com mais actividades, e no que se refere à parte material houve alguma alteração?

R - Sim, houve. Lembro-me na escola, em que nós estávamos na escola e haver poucos computadores e eu lembro-me na altura, a escola começou a desenvolver, com mais material quer com computadores, quer de material de laboratório, para podermos ter mais experiências, para a comunidade ter mais livros na biblioteca e muito mais, houve uma mudança.

P – A comunidade terá integrado bem o conceito de escola na sua vida quotidiana?

R - Talvez.

P – A comunidade aceitou bem a vinda da escola?

R - Eu acho, que sim.

P – Quais serão os factores que contribuíram para a mudança ou manutenção da relação entre a escola e a comunidade?

R - A comunidade do Corvo viu que o corvo tinha algumas necessidades de formação. A escola tinha os computadores, a escola podia ir lá. Sempre desenvolveu muito, sempre ajudou muito quer a comunidade, quer alunos.

P - Então verificou-se uma manutenção ou uma alteração?

R - Houve mais uma manutenção. A relação entre a escola e a comunidade, elas tinham uma e outra.

P – Então a relação que elas mantinham uma com a outra também se alterou?

R - Sim, foi como eu já disse, antes as pessoas achavam que a escola era mesmo só para as crianças, para os familiares, para aprender. E hoje, agora, vêm a escola de outra forma, como também maneira de eles também puderem aprender ou fazer outras actividade.

P – Então quer dizer que há uma abertura da escola em relação à comunidade?

R - Há.

P – Há muitas actividades para a comunidade, ou não?

R - Há, antes não havia muitas, agora há muito mais. Antigamente não havia.

P – Qual será a razão porque existe um maior número de actividades?

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - Quer a ilha, quer a escola também vai-se desenvolvendo e o tempo passa e também a comunidade vai tendo o seu desenvolvimento e o desenvolvimento da escola, e também quer saber um pouco mais do que se passa ali na escola, se está tudo bem, tudo mal?

P – Como considera a relação entre a comunidade e a escola?

R - É razoável, é ao porque interagem uns com os outros quer a escola, quer a comunidade.

P – Uma passava sem a outra?

R - Provavelmente, penso que uma não passava sem a outra, acho que seria impossível.

A escola agora nota-se uma grande alteração em relação aquilo que estava.

P – O edifício, a escola alterou a vida normal a comunidade ter vindo esta escola para cá?

R - Em parte sim, como eu já disse ajuda a desenvolver a actividades, tem um pouco mais de interesse pela escola, o que antes os alunos não tinham, não tinham tanta força de vontade. Não tinham tantas actividades. Não tinham tantas actividades como faz agora a nossa escola.

P – Então as actividades cativam os alunos?

R - Claro que sim.

P – A vinda da nova escola para cá veio trazer...

R - Muita diversão, alegria, as pessoas estão sempre ali a rir ou estão sempre a brincar umas com as outras.

P – E na escola, antigamente?

R - Eu acho que não, os professores levavam as coisas muito a sério, os alunos não gostavam. Alguns alunos não gostavam, outros não iam à escola ou iam por obrigação, outros como se costuma dizer baldavam-se, fugiam das aulas porque não gostavam dos professores, não queriam estar na escola, estavam obrigados e não gostavam nada daquilo.

P – E agora?

R - Os que se baldam ou fogem é simplesmente por pura preguiça, que não se querem dar ao trabalho de estudar, porque hoje em dia o estudo é tudo. Uma pessoa sem estudo não consegue nada. Uma pessoa com o 9º ano hoje não consegue ter trabalho, com o 12º ou o ensino profissional já consegue ter algum trabalho.

Sem o estudo não se consegue nada, e optei por seguir o estudo mas à noite.

P – E ainda esteve a aguardar para que pudesse começar a estudar no ensino secundário?

R - Sim, lembro-me de ter ouvido dizer, que dois ou três anos seguidos que iam colocar aqui o ensino recorrente diurno. E na altura não se sabia, cheguei ao 9º ano, pensei que iam colocar mesmo nesse ano lectivo, mas não colocaram. E eu não fui, acabei por ficar por esse ano porque não me tinha inscrito noutra lugar. E já tinha ouvido dizer que ia haver mais aulas e não houve. No ano a seguir telefonaram-me da escola a dizer se houvesse um se eu queria, e eu disse que não porque pensei que seria como nos anos anteriores, diziam que iam colocar e nunca colocaram, mas como colocaram eu inscrevi-me. Ao menos estou em casa e não gasto tanto dinheiro para a comida. O governo dava um subsídio mas isso depende da escola para a qual se vai, se não me engano, e depois para uma pessoa conseguir arranjar um apartamento ou um lugar onde consiga estar mais perto da escola, às vezes é um pouco difícil.

Mas o 12º pelo menos aqui eu vou acabar.

P - Então quando sair daqui com o 12º já terá outra ideia?

R - Talvez sim.

P – E o que acha de antigamente quando os alunos acabavam os estudos na ilha com o 6º ano ou o 4º ano?

R - Os que gostavam de estar tinham tempo, por exemplo o senhor P. , esse acabou aqui e não sei se foi a 4ª classe ou o 6º ano e teve pena de não ter de continuar a estudar. Sabe, porque? Ele gostava. E teve a oportunidade de ir trabalhar para o serviço e fez mais ou menos o curso para conseguir tirar o 9º ano, e sempre que consegue apanhar alguma oportunidade par estudar ele vai. Já esteve há anos atrás no ensino secundário recorrente nocturno das humanísticas e agora entrou novamente há 3 anos atrás, mais ou menos para as ciências exactas e só fazia matemática, ciências físico-químicas e biologia, ele agora acabou, desistiu, estava com muitas dificuldades e só continuou com uma disciplina.

E ele agora teve outra ideia foi para a universidade aberta, o que é muito bom. Ele vai fazer um curso que ele gosta que ele sempre quis fazer. Ele estava indeciso entre duas, e foi para a que mais lhe convinha, melhor, porque eu acho que a outra tinha muita matemática, e é uma coisa que ele tinha muita dificuldade e é aquilo que ele foi, é praticamente o que ele faz no seu dia-a-dia.

P – Qual terá sido a razão pela qual a escola veio para cá, para o Corvo? Já tínhamos a escola mas agora está um edifício novo.

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

R - Agora, como é que eu vou dizer. O edifício que tínhamos antes o espaço, acho que não era muito, acho que aqui a escola tem mais espaço, tem um recreio para as crianças brincarem, tem um alpendre, quando está chuva para fazerem lá as suas actividades com as crianças, tem um ginásio que antes não tinha. Acho que antes iam era ali para o campo da bola, mas mesmo assim quando está bom tempo a gente ainda vai para lá com os professores. Eu faço actividades lá, acho que desenvolvem muito, tem melhores condições e tudo o mais.

P – Qual terá sido a razão para terem construído a escola cá?

R - Era preciso mais espaço para os alunos interagirem quer nas salas.

Eu vou ser sincera, eu não andei na escola velha, mas o meu irmão andou e lembro-me de ele falar mais ou menos e ele dizer de as condições não serem lá muito boas, o terem pouco espaço para interagirem, era sempre ali no lugar e sempre no cimento, uma pessoa não podia correr muito, caia e esfolava-se todo, agora tem um jardim e é muito melhor.

Salvo seja não é nada demais e é muito melhor tem mais actividades.

P – E houve alteração de valores, de comportamentos e de atitudes por parte das pessoas?

R - Elas agora vêm que a escola é importante quer para os alunos quer para todos, para o nosso dia-a-dia, e também é uma maneira de aprender mas também de socializar na escola.

P – Antigamente também socializavam na escola?

R - Talvez, mas não tanto. Não é como agora.

P – E será que foi necessário, a comunidade, fazer adaptações em relação à escola?

R - Talvez, antes a comunidade tinha uma certa opinião. A escola era só mesmo alunos e professores.

P – E agora?

R - Agora eles vêm que a escola é para todos, está aberta para toda a comunidade.

P – O novo edifício veio alargar a escolaridade para a comunidade?

R - Exactamente.

P – E qual foi a alteração que a escola fez em relação à comunidade?

R – Desenvolveu muito mais actividades, mais material também, para as pessoas, quer para fazer pesquisas, para trabalhos ou muita coisa, para actividades.

P – Quer dizer, por vezes, a escola solicita a colaboração da comunidade?

R - Sim, participação em certas actividades, como já fizeram aqui o pedi-paper, a feira dos minerais, a feira do livro, as exposições que fazem, as actividades, às vezes, Carnaval, quem diz Carnaval, também diz Natal e final de ano e também há interacções uns com os outros, como por exemplo a festa de Natal, houve a certa altura da actividade em que os alunos tiveram de cantar e também foi pedido à comunidade e mostraram a letra para cantar connosco, o que foi bom.

P – Esta é a parte em que a escola solicita a colaboração à comunidade e a comunidade solicita a colaboração da escola? Será que pode referir um exemplo.

R - Talvez para o ambiente, aves, fauna e flora endémica cá dos Açores mas principalmente da ilha, não poluir. Principalmente interagir uns com os outros, mudar os hábitos da população.

P - Obrigado pela colaboração.

Guião das entrevistas

Conceitos	Dimensões	Aspectos a abordar / / Indicadores	Tópicos do guião de entrevista
<p>1 - Legitimação da entrevista</p>	<p>Legitimar a entrevista e sensibilizar os entrevistados para a participação no estudo.</p> <p>Informar em linhas gerais sobre o objecto de investigação.</p> <p>Assegurar a confidencialidade das informações.</p> <p>Criar um clima de abertura, confiança e interacção com o entrevistado.</p>	<p>O tema e os objectivos do trabalho.</p> <p>Importância da colaboração dos entrevistados na realização do trabalho.</p> <p>Assegurar a confidencialidade da informação.</p>	<p>O tema da nossa conversa está relacionado com o impacto da escola (EBIMS) na comunidade corvina.</p> <p>Garantia de anonimato e confidencialidade, sendo a informação recolhida trabalhada apenas no âmbito da investigação.</p> <p>Agradecer antecipadamente a colaboração e disponibilidade.</p>
	<p>Caracterização do entrevistado.</p>	<p>Solicitar informações acerca da caracterização social dos entrevistados.</p>	<p>Sexo; idade; profissão; habilitações literárias...</p>
<p>2 – Representações Sociais acerca da importância da</p>	<p>As representações sociais segundo as componentes: psicológica e social.</p>	<p>Identificar na objectivação as características do pensamento social acerca da EBIMS.</p> <p>Identificar formas simbólicas na referência à EBIMS.</p>	<p>Significado da EBIMS no contexto da comunidade corvina.</p> <p>Papel da EBIMS no quotidiano da população – aspectos positivos e negativos.</p>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

EBIMS na comunidade da ilha do Corvo.	As estruturas cognitivas das representações sociais	Identificar nas estruturas cognitivas das representações sociais os critérios de funcionalidade, quantitativo e genético.	Significado da EBIMS para a comunidade. Outros grupos da comunidade (além de professores, estudantes, funcionários, pais) que recorrem à escola – em que momentos / circunstâncias. Grupos da comunidade quem não tenham qualquer relação com a EBIMS – razões para o afastamento.
	Os processos sócio-cognitivos das representações sociais	Identificar como se constroem os processos de objectivação e ancoragem e as relações entre estes.	Uma palavra / expressão que defina a EBIMS. Principais funções da EBIMS.
	Os momentos de objectivação das representações sociais da comunidade sobre a escola.	Identificar como é efectuado na objectivação os processos de construção selectiva, esquematização e naturalização.	Percepção de alterações na relação entre a EBIMS e a comunidade corvina ao longo do tempo.
3 – Dinâmica escola sociedade	Factores que contribuem para a mudança da imagem da escola na sociedade.	Identificar os factores endógenos e exógenos que intervêm na dinâmica escola/sociedade.	Avaliar os factores que contribuíram para a mudança (ou manutenção) das relações escola/comunidade, com a instalação da EBIMS. Descrever a relação escola-comunidade (e comunidade-escola), no contexto local / Insular.

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

	<p>Compreender segundo o modelo teórico de mudança de Lewin Kurt as dinâmicas que se estabelecem entre a escola e a sociedade.</p>	<p>Identificar as fases que conduzem à mudança.</p>	<p>Condições que conduziram à mudança provocada pela EBIMS.</p> <p>Contributos da implementação da EBIMS em alterações de valores, atitudes, comportamentos...</p> <p>Que adaptações foram necessárias da comunidade à EBIMS e vice-versa.</p> <p>Como é solicitada a colaboração da EBIMS por parte da comunidade e vice-versa.</p>
--	--	---	--

Análise das Entrevistas

CATEGORIA: COMPONENTE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	
Subcategoria: Psicológica (significado da escola)	
Indicadores	Unidades de registo
O significado da escola para a comunidade	<i>a escola tem um significado que qualquer outra escola tem, é um local de aprendizagem, é um local em que os professores têm e dinamizam actividades de partilha E.101</i>
Importância da escola para a comunidade	<i>a escola para além de prestar um serviço às crianças, à própria população estudantil, presta um serviço também à comunidade, porque há vários eventos que são feitos ali na escola E.102</i>
Imagem da escola para a comunidade	<i>Eu acho que as pessoas têm orgulho na escola. As pessoas daqui têm E.109</i>
Formação para a vida	<i>nós aprendemos na escola a estudar, porque a vida deve ser um constante estudo, na vida adulta, na vida activa, eles vão ter de ter competências, habilidades para se precisarem voltarem a estudar E.110</i>
Subcategoria: Social (papel da escola)	
Indicadores	Unidades de registo
Papel da escola para o entrevistado	<i>Promover aprendizagem de sucesso e com sucesso, e fazer com que os nossos alunos adquiram as competências, que os preparem para a vida E.101</i>
Papel da escola para a comunidade	<i>é um pólo de desenvolvimento cultural aqui ao nível da ilha E.101</i>
Permanência dos alunos na ilha	<i>É uma vantagem para os miúdos que ficam com mais escolaridade e ficam na sua ilha E.106</i>
Papel da escola para os alunos	<i>O papel da escola é ensinar os jovens, a fazer com que os jovens encarem a sociedade de outra forma, preparar os jovens para um futuro, que hoje em dia está cada vez mais difícil E.108</i>
Transmissão de informações escolares através dos alunos	<i>alunos acabam por transmitir aos amigos, família e a todas as outras pessoas que vão aprendendo também com as crianças E.111</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

CATEGORIA: ESTRUTURAS COGNITIVAS DE REPRESENTAÇÃO	
Subcategoria: Critério de funcionalidade	
Indicadores	Unidades de registo
Relação escola instituições actividades realizadas na escola Abertura à comunidade	<i>somos requisitados por muitas instituições, não só para trabalharmos com outras instituições, para empréstimo dos espaços, para colaborar em eventos culturais E.101</i>
Enriquecimento das actividades com a colaboração da comunidade	<i>porque a escola vem sempre pedir o auxílio dos pais, vem sempre pedir o auxílio da comunidade para se interligarem com as actividades da escola E.104</i>
Imagem da escola E.101	<i>Aquilo que nós tentamos fazer é que os professores que reúnam aqui boas condições de trabalho. E.101</i>
Comunicação pais – professores	<i>os pais tem toda a liberdade em irem à escola falar com qualquer professor e nunca são mal recebidos E.104</i>
Subcategoria: Critério genético	
Indicadores	Unidades de registo
Papel da escola	<i>é um local de aprendizagem, é um local onde prepara as nossas crianças para a vida E.101</i>
Comparação com outras escolas	<i>esta escola não foge aquilo que é o normal de qualquer escola E.101</i>
Segurança dos alunos	<i>Os pais a partida sabem que se os filhos estão na escola, os pais sabem que à partida os filhos estão bem E.109</i>
Formação académica e cultural dos alunos	<i>É uma instituição onde aprendemos a ser alguém. Isto é assim, uma pessoa quando vai para a escola não é só formação que a escola nos dá. Temos de levar alguma formação da parte dos pais de casa, e essa formação é importante para o ensino E.111</i>
Formação cívica dos alunos	<i>Em casa os pais não ensinam tudo, há uma parte que é só de casa e outra da escola tem de estar juntos na formação os pais e a escola. A escola tem um papel muito importante e devem estar em conjunto os pais e a escola E.111</i>
Subcategoria: Critério quantitativo	
Indicadores	Unidades de registo
Importância da escola para a	<i>a comunidade reconhece o papel da escola para o desenvolvimento e</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

comunidade	<i>crescimento dos seus filhos e dos seus jovens</i> E.101
Acção da escola para o envolvimento da comunidade	<i>Nas festas pede sempre a participação dos pais, pedem sempre a participação das comunidades e da comunidade em geral, em todas as actividades que fazem eles procuram sempre inserir a comunidade na escola</i> E.104 E.101
Definição de escola	<i>É formação da população e instrução cívica.</i> E.106
Subcategoria: Funções da escola	
Indicadores	Unidades de registo
Funções da escola para os alunos e para a comunidade	<i>É para ensinar os alunos e para os preparar para a vida que eles quiserem seguir, quer a nível de estudos superiores ou de outra profissão qualquer.</i> E.102
Função formadora para todos os elementos	<i>Para os alunos é para ensinar. Os pais é para que os filhos aprendam e para o futuro dos filhos. Para os professores é emprego. A comunidade... ao fim ao cabo a gente somos todos uma comunidade, todos andaram a estudar. Uns trabalham, outros estudam, já passaram por lá muitos deles.</i> E.105
Funções para os professores	<i>Para os professores é leccionar, é fazer com que os alunos aprendam</i> E.108
Nova vertente das funções da escola	<i>os alunos, eles querem, podem e também vão lá para aprender, mas exigem mais da escola, mais no sentido que querem fazer uma actividade dinâmicas, querem passear, querem participar</i> E.110
Finalidades da escola e dos elementos que a constituem	<i>um trabalho em que não prevaleça o eu mas o nós, ou seja, em que todos trabalhamos para o menos fim e o fim é o sucesso.</i> E.101
Obrigatoriedade da frequência escolar	<i>Apesar da escolaridade obrigatória, os estudantes ainda ficavam na ilha</i> E.103
Transmissão de valores	<i>As funções da escola são de educar, ensinar, transmitir, ao fim ao cabo, valores às crianças, que não pode ser só na escola que tem de vir de casa também, acaba por transmitir valores às crianças, com estas actividades que fazem para as outras ilhas, acaba por ensiná-los a ser um bocado independentes.</i> E.104
Valorização da escola pela comunidade	<i>Daí a importância da visão da comunidade em relação à escola, na medida em que a comunidade tiver uma boa visão e valorizar a escola, vai valorizar também os seus professores</i> E.110

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

Interacção com os pais e apresentação das suas actividades	<i>Para além de ensinar os jovens e preparar os jovens para o futuro também, tornar mais fácil a interacção com os pais, com os alunos, ou seja mostrar aos pais, o que é que os alunos fazem e como é que estão</i> E.108
Formar e informar	<i>Para os pais a escola está sempre em contacto com os pais para transmitir a evolução dos estudos dos filhos. E ela tem feito isso e acompanha os alunos</i> E.111
Subcategoria: Relação da escola com outros intervenientes da comunidade	
Indicadores	Unidades de registo
Condicionantes específicas da comunidade	<i>a oferta de actividades culturais é muito limitada</i> E.101
Escola como dinamizadora de actividades culturais para a ilha	<i>eu costumo dizer, aqui nós somos a única instituição que promove actividades de impacto cultural e de impacto para com a comunidade.</i> E.101
Abertura e disponibilidade da escola para colaborar com a comunidade	<i>nós quando realizamos essas actividades em horário pós-laboral</i> E.101
Relações com outras entidades	<i>a Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA) tem-se interligado um bocado à escola</i> E.104
Relação positiva da escola com o meio	<i>num meio tão pequeno como o nosso, ... e a escola, tem de haver uma relação sempre positiva, ... de maneira que nesse sentido tem corrido tudo bem</i> E.103
Realização de actividades culturais e recreativas	<i>O que eu vejo é quando as pessoas vão lá ver uma exposição, quando há uma formação, ou quando há uma festa</i> E.105
Formação ao nível das TIC	<i>Desde jovens a adultos, que é o meu caso, qualquer coisa que se precise de lá, eles vão, têm dado formação de informática, e tenho visto lá toda a gente desde de trabalhadores da construção civil, tudo a fazer cursos de informática na escola</i> E.106
Comparação com antigamente	<i>A comunidade, os pais, os miúdos está tudo integrado, antigamente não era assim</i> E.104
A escola como instituição local	<i>a escola na minha opinião é uma das duas principais instituições cá da comunidade</i> E.110
Subcategoria: Relação comum a outros intervenientes	

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

Indicadores	Unidades de registo
Significado da escola para a comunidade	<i>Esta escola tem um significado muito importante para a comunidade E.101</i>
Relação escola comunidade participação dos pais	<i>Desde que alteramos a hora de realização desses eventos, há uma maior colaboração dos pais E.101</i>
Relação da escola com a comunidade	<i>Eu acho que já toda a gente foi à escola, mas há uns que frequentam mais e há os que frequentam menos E.108</i>
Escola promotora de eventos	<i>Eu sei que a escola tem feito alguns eventos e as comunidades estão na escola juntamente com os alunos e com os professores. E.103</i>
Utilização das instalações da escola	<i>Grupos daqui do Corvo que utilizam a escola temos muitos, mas não é pedir a ajuda da escola, em si muitos grupos daqui do Corvo pedem é as instalações E.104</i>
Reivindicação da construção da escola	<i>Foi uma batalha porque não se justificava normalmente era essa a resposta que eles davam. Não se justificava ter aqui o 9º ano porque éramos muito poucos E.105</i>
Envolvimento da comunidade com a escola	<i>há muito tempo, desde que abriu em 98, a comunidade ia para a escola, mas agora passados 10, 11 anos, mais ou menos, já há muito mais gente, antigamente vinha menos gente à escola, vem muito mais gente, antigamente vinha menos gente à escola E.112</i>

CATEGORIA: PROCESSOS SOCIO COGNITIVOS

Subcategoria: Objectivação

Indicadores	Unidades de registo
Envolvimento dos docentes na formação dos alunos Melhoria das condições de ensino	<i>fui eu que ao longo do ano trabalhei com estes alunos, fui eu professor x, que trabalhou com a turma x e obteve estes resultados, assume a responsabilidade também pelo trabalho que desenvolveu, e é isto também que nós temos de sentir, e que nós temos de mudar também na mentalidade dos professores E.101</i>
Factores que afastam as pessoas da escola	<i>Deve haver pessoas que nunca foram à escola, pessoas que estão acamadas há muito tempo, ou pessoas que não pertencem a alunos, ou talvez não se interessem muito pelas actividades levadas a cabo pela escola E.108</i>
Aspectos de melhoria na	<i>É fazer sentir também aos professores que o resultado que os alunos</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

vinda e da acção dos professores	<i>alcançam, que as competências que os alunos desenvolvem são resultado do seu trabalho E.101</i>
A escola como formadora	<i>A escola está sempre a servir a comunidade em termos culturais, de instrução, a escola está sempre aberta E.102</i>
Potencialidades da escola	<i>Foi o meu caso de trabalhar e estudar, mas depois acabei através da internet, na Vitorino Nemésio. Acho que é uma boa opção para quem não acabou os estudos. Isso foi uma das coisas melhores que inventaram até hoje E.105</i>
Mudança do horário das festas	<i>por exemplo as festas da escola que eram feitas à tarde e foram pedindo opiniões e acabaram por fazê-las à noite, que é quando a comunidade toda pode assistir. E.104</i>
Alterações verificadas recentemente	<i>Aqui havia, aliás não havia porque na época em que eu fui estudar para fora, não podia ficar cá era preciso ter mais de 18 anos e só há um ano ou dois é que foi possível entrar com 15 ou 16 anos. Na minha altura não podia E.108</i>
Subcategoria: Ancoragem	
Indicadores	Unidades de registo
Cumprimento da escolaridade obrigatória	<i>As condições é que havia bastantes alunos no Corvo, na altura, ainda eram, salvo erro, na altura em que se formou a escola básica integrada, eram uns 50 ou 60. Eram muitos alunos que estavam sem a escolaridade obrigatória. Muitos não iam para fora e ficavam sem a escolaridade obrigatória, que sendo ela obrigatória, não saiam E.103</i>
Ser uma escola básica integrada	<i>Eu tenho muito orgulho porque foi a primeira da região. E.103</i>
Ausência da ilha para prosseguir estudos	<i>Antes íamos muito pequeninos, agora vão numa idade muito complicada E.104</i>
Participação dos pais Envolvimento dos pais na vida escolar dos alunos	<i>sabe-se quase imediatamente, os pais tomam uma posição de protecção dos seus filhos. Eles são fundamentais neste processo de educação E.101</i>
Imagem da escola Alterações realizadas E.101	<i>estamos num processo de melhoria, mas sinto cada vez mais que os professores se envolvem neste tipo de trabalho em equipa. E.101</i>
Afastamento do seu meio familiar	<i>obriga-nos a ter de sair. Se tiverem 18 anos ficam e vão para o 10º ano, mas se não tem e quiserem continuar os estudos, tem de sair de cá</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

	E.109
Visão da escola pela comunidade	<i>Agora não já vêm a escola de uma forma diferente, já vêm a escola como uma maneira de saber como é os familiares e amigos se estão a desenvolver bem ou mal e todas as actividades que fazem E.112</i>

CATEGORIA: MOMENTOS DE OBJECTIVAÇÃO	
Subcategoria: Comparação da forma como se realizou	
Indicadores	Unidades de registo
A construção e implementação da escola na ilha	<i>Acho que foi uma batalha dura para conseguir a escola até ao 9º ano, pelo menos, notou-se isso durante anos E.106</i>
Definição de escola	<i>Um caminho para o futuro E.106</i>
Alterações realizadas na escola Imagem da escola	<i>é muito difícil eu encontrar uma palavra um adjetivo que caracterize esta escola, não consigo, uma única é difícil. E.101</i>
Referência aos meios de comunicação social regional	<i>Tem boas condições, tem instalações, e pelo que eu leio, às vezes, nos jornais e vejo, às vezes, na RTP - Açores, a nossa escola parece que tem uma taxa de alunos muito espertos. Pelo menos é a informação que eu leio e vejo. E.109</i>
Subcategoria: Forma como a sociedade interiorizou a imagem da escola	
Indicadores	Unidades de registo
Relacionamento interno da escola ao nível dos órgãos de gestão e professores	<i>queria reforçar aqui em relação à mudança que é importante, é extremamente importante o papel do órgão de gestão, das estruturas de gestão intermédia e do papel activo que tem os nossos professores E.101</i>
Melhoria das condições de ensino	<i>nós lançamos as sementes e estamos à espera de frutos. E.101</i>
Oferta da escolaridade básica na ilha	<i>começou a ser até ao 9º, eu acho que é muito importante, porque eles estão no meio da família e conseguem levar as bases essenciais quando saem aqui do Corvo E.104</i>
Abertura da escola à comunidade	<i>a comunidade ajuda, ajuda em si, não pede, pede mais as instalações. Ajuda por parte humana da escola, eu acho que não há</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

	<i>muita abertura da comunidade em relação à escola. Existe mais o contrário. E.104</i>
Proximidade no relacionamento professores e pais	<i>Pelo facto de toda a gente se conhecer aqui, ninguém tem problemas de falar com os professores, e os professores com os pais e encarregados de educação, e pelo facto dessa proximidade isso facilita as funções da escola E.108</i>
Subcategoria: Forma como a comunidade integrou o conceito de escola	
Indicadores	Unidades de registo
<i>A relação unívoca professor aluno</i>	<i>Hoje é muito diferente, aprender numa escola normal ou numa básica integrada de hoje do que era antes do 25 de Abril, havia uma sala de aula quando eu estava na escola e aquilo era desde a 1ª à 4ª classe... tudo na mesma sala.2 Eu penso que não havia intervenção de nenhuma classe, em que o professor dizia assim é a 3ª classe, vamos a ditar e fazia o seu ditado, à 3º classe ,(...), e não se falava enquanto o professor estivesse a dar a aula, aos outros colegas E.103</i>
Formação da escola/formação de casa	<i>As pessoas às vezes querem que a escola dê outro tipo de formação às crianças – a educação. Há certa educação que tem de ser dada em casa e não pode ser dada na escola de maneira nenhuma. A escola está para formar pessoas, para dar informação, não é para dar educação só. A educação deve, em primeiro lugar partir de casa, e há parte das pessoas da comunidade que pensam que a escola está lá para dar educação aos filhos. E.106</i>
Alteração de valores	<i>Toda a gente se conhecia, havia respeito, muito respeito, mas se eu estava mal na escola, ela dizia-me domingo eu quero-te em minha casa às duas da tarde. E era para estudar e o meu pai e a minha mãe, não me diziam nada. Hoje já não se pode fazer isso, porque o menino tem a play-station para jogar ou tem outras coisas para fazer E.109</i>
Alterações da escola	<i>A escola agora nota-se uma grande alteração em relação aquilo que estava E.112</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

CATEGORIA: RELAÇÃO ESCOLA COMUNIDADE FACTORES DE MUDANÇA	
Subcategoria: Endógenos	
Indicadores	Unidades de registo
Edifício escolar	<i>Escola de pequena dimensão... equipa de trabalho reduzida E.101</i>
Boa localização boas condições	<i>Primeiro motivo é um lugar bem localizado, tem boas condições, nomeadamente o ginásio dá para fazer vários tipos de eventos porque é um lugar grande, porque os dirigentes da escola ou do conselho executivo, normalmente, nunca fazem grandes problemas em aceitar estes tipos de eventos. Principalmente tem boas condições e localização E.108</i>
Novas oportunidades de aprendizagem	<i>faço um esforço particular para que as pessoas partilhem conhecimento, partilhem experiências e partilhem as dificuldades e que trabalhemos com espírito de entre ajuda. E.101</i>
Processo de formação	<i>dinamizar actividades individualizadas com os alunos E.101</i>
Facilitismo do ensino básico	<i>minha crítica vai não tanto para a escola, em si particular, mas mais para o sistema em geral. Eu acho que há um facilitismo na escola em que as crianças não podem, como eu hei-de dizer E.110</i>
Generalização com todas as escolas	<i>Pelo que eu vejo há sempre uns porquês, há sempre umas excepções, normalmente, eu julgo a relação é óptima. Há sempre aqueles episódios que acontecem com os encarregados de educação ou com os alunos, mas isso é normal, acontece em todas as escolas E.107</i>
Maior interacção	<i>pelo facto de ser uma escola pequena, os alunos têm mais facilidades de aprendizagem. Os professores têm mais tempo disponível para eles, é uma escola que se enquadra muito bem na comunidade E.108</i>
Caracterizava-se pelo seu fraco relacionamento	<i>Há uns anos atrás a escola era a escola, e as pessoas nem sequer, se calhar os próprios pais se podiam integrar muito bem lá na escola, era só E.104</i>
Subcategoria: Exógenos	
Indicadores	Unidades de registo
Participação da comunidade nas actividades da escola	<i>peessoas que não vêm, por exemplo alguns que não têm familiares, não tem filhos, não tem netos, não têm com certeza uma afinidade familiar com as crianças que estudam na nossa escola. E.101</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

<p>Condicionantes inerentes à própria comunidade</p>	<p><i>Esse relacionamento da escola com a comunidade a partir do momento que deixa de ter filhos na escola afasta-se mais da proximidade escolar E.103</i></p>
<p>Afastamento dos alunos do seu ambiente familiar</p>	<p><i>O incentivo não é suficiente, porque tem a parte afectiva, e essa aí a gente sofre muito e não há dinheiro que o pague E.104</i></p>
<p>Mudança inerente à sociedade</p>	<p><i>foi a mudança normal na sociedade através das pessoas da escola mas não foi promovida pela escola, foi a própria mudança da sociedade E.106</i></p>
<p>Factores financeiros</p>	<p><i>Alguns que tinham hipóteses financeiras iam para fora e estudavam, e as que não tinha hipóteses financeiras ficavam por cá. Desde que veio para cá o 9º ano, não está criança nenhuma que não tenha o 9º ano concluído E.106</i></p>
<p>Disponibilidade da escola Colaboração da escola com a comunidade</p>	<p><i>eu recorro à direcção da escola quando quero fazer as sopas do Divino Espírito Santo. Sou sempre bem atendido, e estão disponíveis para tudo o que eu precisar. Concedem a escola e tudo o que eu precisar, tem-me sido concedido.</i></p> <p><i>Como Mordomo da Senhora do Bom Caminho,.... Há uns anos recorro e faço a festinha lá e é disponibilizado e posto tudo à minha vontade.</i></p> <p><i>Acho que a escola colabora com a sociedade nas festas, em tudo que a gente precisa. Pelo menos à minha parte tem sido assim E.107</i></p>
<p>Influências que recebe da comunidade</p>	<p><i>E penso que há estas duas visões, que também por sua vez se vê, ou têm influências numa na outra, mudança social do Corvo. É que se calhar há uns anos atrás o Corvo era mais homogéneo, do ponto de vista da mentalidade, hoje é cada vez mais heterogéneo, e que a imagem que passa, que apesar de ser um meio pequeno, não é assim tão fechado ao exterior como parece. E.110</i></p>
<p>Antigamente, existiam poucas possibilidades de prosseguir estudos na ilha</p>	<p><i>acabou aqui e não sei se foi a 4ª classe ou o 6º ano e teve pena de não ter de continuar a estudar. Sabe, porque? Ele gostava E.112</i></p>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

CATEGORIA: MODELO TEÓRICO DE MUDANÇA	
Subcategoria: Fase de descongelamento	
Indicadores	Unidades de registo
Existência de poucas condições	<i>lembro-me de ele falar mais ou menos e ele dizer de as condições não serem lá muito boas, o terem pouco espaço para interagirem E.112</i>
Alteração da própria comunidade	<i>A comunidade está diferente de quando eu andava na escola. Naquela altura, na escola havia muito rigor, rigor entre aspas, foi antes do 25 de Abril, no tempo da ditadura, mas agora já se vê que os pais colaboram muito mais com a escola do que não colaboravam naquela altura, é que nem podíamos colaborar, era o a e o b que tínhamos de aprender e as disciplinas, e agora já é diferente. E.103</i>
Mudança de mentalidade	<i>Se calhar a mudança de mentalidades, mentalidades mais aberta E.104</i>
Actividades culturais e recreativas realizadas na escola	<i>aqui temos de distinguir dois tipos de actividades, aquelas em que a escola é colaboradora, nós temos instituições que colaboram com a escola para dinamizar palestras, dinamizar conferências. E quando são essas instituições promotoras E.101</i>
Procura da escola	<i>Além dos normais que estão (jovens) há muita gente que vai à escola para fazer aprendizagem E.108</i>
Manutenção da relação	<i>Eu acho que não continua tipo cada macaco no seu galho. Os pais vão à escola quando precisam de tratar dos filhos, e a escola chama os pais quando é para falar dos filhos E.109</i>
Subcategoria: Fase de mudança	
Indicadores	Unidades de registo
Esforço para a mudança	<i>e claro investimos, cada vez mais sempre nas actividades que temos que tem impacto. E.101</i>
Manutenção da mudança	<i>É esta a mentalidade que nós tentamos inculcar à nossa comunidade escolar, aos nossos professores. E.101</i>
Maior número de actividades	<i>podem participar em muitas actividades que as crianças fazem e as que escola faz E.104</i>
Permanência dos alunos na ilha	<i>Os alunos começaram a ficar cá, não precisam de sair de casa dos pais em idades muito críticas E.107</i>
Diversidade da comunidade	<i>nem todos são iguais, nem todas têm o mesmo ambiente familiar</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

	E.110
Mudança de valores	<i>passa algo que também se está a perdendo nos últimos anos, nas últimas décadas, o chamado testemunho de vida, o chamado respeito, esses valores, porque na medida em que os alunos olham para os pais, e olham para os professores e para a família em geral, como exemplo E.101</i>
Subcategoria: Fase de recongelamento	
Indicadores	Unidades de registo
A escola elemento fundamental	<i>O que a escola faz hoje, daqui a 30 ou 40 anos vai-se repercutir naquilo que as pessoas vão fazer e virão a ser, por isso eu acho que a escola é extremamente importante para a sociedade. Cada vez mais é vista como um objecto essencial E.108</i>
Alargamento da escolaridade obrigatória	<i>Agora eles vêm que a escola é para todos, está aberta para toda a comunidade E.112</i>
Alteração de atitudes	<i>As pessoas têm as mesmas atitudes em relação à escola? Não, não têm. E.102</i>
Inovação nas actividades tradicionais da escola	<i>a estrutura das festas que nós fazemos, em que os professores assumem a sua responsabilidade na realização daquela actividade, dão a cara assumem o risco e eles é que vão, então vão empenhar-se ao máximo para que aquela actividade corra extraordinariamente bem. E.101</i>
Vantagens da escola	<i>É uma vantagem para os miúdos que ficam com mais escolaridade e ficam na sua ilha E.106</i>
Tradições da escola	<i>há actividades que realizamos há muitos anos e já fazem tradição nesta escola E.101</i>
Diminuição do número de alunos	<i>Porque eu acho que há dez anos havia muito mais do que hoje. A gente era uma catrefada deles E.109</i>
Preparação para a vida activa	<i>à minha visão inicial a preparar essas pessoas, para a vida activa E.110</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

CATEGORIA: MUDANÇAS VERIFICADAS ENTRE A ESCOLA E A SOCIEDADE	
Subcategoria: Ao nível físico	
Indicadores	Unidades de registo
Ponto de referência para a mudança	<i>até à 4ª classe e depois houve 5ª e 6ª classe, que era a telescola. Até aí houve um marco e daí para a frente outro completamente diferente. E.103</i>
Construção do edifício escolar	<i>Eu acho que não foi necessário fazer alterações, mas foi necessário fazer uma escola nova que comunidade teve de se habituar a um edifício grande E.109</i>
Edifício escolar	<i>o próprio edifício pela sua envergadura no contexto da vila impõem-se, e demonstra por sua vez o peso que tem na comunidade E.110</i>
Conhecimento do espaço escolar	<i>Não acredito que não haja ninguém no Corvo que ainda não tenha ido à escola. Se calhar há um velhote ou outro que nunca foi à escola E.105</i>
Acolhimento da escola pela comunidade	<i>Hoje não há críticas, não há medos, não há nada a escola foi bem acolhida pela comunidade e a comunidade acolheu bem a escola. Há uma interação entre uma coisa e outra E.102</i>
Inter relação escola sociedade	<i>A escola envolve-se a sociedade porque nas suas actividades, a escola envolve-se com a sociedade. E.108</i>
Esforço para a mudança E.101 Preservação do património cultural local	<i>por exemplo haver uma oficina de artesanato, ligada à cultura e às tradições do Corvo E.101</i>
Melhorias a nível material – Equipamentos	<i>Sim, houve. Lembro-me na escola, em que nós estávamos na escola e haver poucos computadores e eu lembro-me na altura, a escola começou a desenvolver, com mais material quer com computadores, quer de material de laboratório, para podermos ter mais experiências, para a comunidade ter mais livros na biblioteca e muito mais, houve uma mudança E.112</i>
Subcategoria: Ao nível humano	
Indicadores	Unidades de registo
Igualdade de oportunidades	<i>Mas acho que também dentro das legalidades a escola tem de ser como as outras todas, tem de ter as aulas diurnas e ter um espaço agradável para as pessoas estudarem. Trabalharemos numa casa, num</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

	<i>pré-fabricado, coisas assim. A escola tem de ter as condições mínimas. A escola tem de ter tudo o que é necessário, é uma escola boa. E.105</i>
Esforço para a mudança	<i>Também queremos ministrar o ensino de qualidade, o sucesso tem de corresponder à qualidade de ensino e às competências adquiridas pelos alunos E.101</i>
Implementação da mudança	<i>nós temos um grupo de pessoas muito dinâmica e que gosta daquilo que faz e isso é importantíssimo E.101</i>
Forma como se verifica a mudança	<i>Já estou há 7 anos aqui na escola. Se houve alterações? Eu acho que houve, tem sido um processo gradual. E.101</i>
Disponibilidade da escola para a comunidade	<i>A relação entre a escola e a comunidade corvina sofreu alteração ou não desde a vinda do novo edifício? Bem penso que sim, nem que seja só na parte da biblioteca e aquele ginásio. Não existia nada aí, as pessoas embora quisessem. Agora tem a biblioteca da escola que é uma excelente biblioteca. As pessoas vão lá E.106</i>
Colaboração parceria escola comunidade	<i>Até agora não, que eu tenha conhecimento. Não tenho conhecimento que tenha recusado qualquer coisa à população. A escola não tem recusado os pedidos da população. A escola está sempre disponível para a população E.106</i>
Alterações das relações escolares	<i>Sim eu acho que sim. A relação entre pais e professores e professor/director e entre director, pai e aluno passou a ser diferente E.109</i>
Formação de informática para a comunidade	<i>Desde jovens a adultos, que é o meu caso, qualquer coisa que se precise de lá, eles vão, têm dado formação de informática, e tenho visto lá toda a gente desde de trabalhadores da construção civil, tudo a fazer cursos de informática na escola E.106</i>
Acompanhamento dos alunos pelos encarregados de educação	<i>devem ir nem que seja para saber como é que os filhos estão, para as reuniões, nem que seja para ir buscar as notas dos filhos E.105</i>
Desinteresse pelas actividades	<i>As actividades que há ou da escola ou da comunidade não lhes interessa E.109</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

CATEGORIA: INTERACÇÃO ESCOLA COMUNIDADE NO PROCESSO DE MUDANÇA	
Subcategoria: Participação da comunidade no processo de mudança	
Indicadores	Unidades de registo
Micro comunidade	<i>esta comunidade é uma comunidade pequena e é muito complicada</i> E.104
Qualificação dos professores	<i>Antes existia um professor ou dois de ensino básico e um do ensino secundário. Agora tem um número maior de professores, com muita mais formação do que os anteriores, alguns nem formação de professores tinham, davam aulas mas não eram professores</i> E.106
Funcionamento da escola	<i>A escola funcionava em moldes diferentes antes e agora. Mesmo para os próprios professores, mas agora a escola tem condições completamente diferentes para trabalhar, para fazer reuniões.</i> E.102
Envolvimento da comunidade	<i>as pessoas se envolvem mais na educação dos filhos e da escola que educa os seus filhos.</i> E.102
Implementação e a questão política	<i>Funcionava a telescola, a escola normal e o que se chamava a telescola, que era o 2º ano. Começaram para fazer a escola, mas quase que não conseguiram, para mim era uma questão política</i> E.107
Adesão da comunidade	<i>Um dos motivos para haja que cada vez mais adesão da comunidade, no Corvo, a essas actividades no Corvo, são poucas e as que há são de aproveitar e porque também por exemplo a sociedade cada vez tem mais escolaridade do que não tinha há 30 anos atrás e as pessoas já tem o conhecimento das coisas, e cada vez mais procuram esse conhecimento para se manterem na actualidade, aprende-se ao longo da vida</i> E.108
Mudança da relação da escola	<i>a escola teve de dar abertura, a escola teve de mudar a sua atitude em relação às pessoas</i> E.104
Maior número de actividades	<i>da parte da escola começaram a haver mais actividades para os alunos. A comunidade começou a participar mais nas actividades a comunidade e os pais também</i> E.111
Desenvolvimento da comunidade	<i>Quer a ilha, quer a escola também vai-se desenvolvendo e o tempo passa e também a comunidade vai tendo o seu desenvolvimento e o</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

	<i>desenvolvimento da escola E.111</i>
Pedido das instalações	<i>a situação em que a comunidade precise da escola, solicita ajuda. Se a população precisar de formação ou informação, de qualquer coisa, nomeadamente o espaço físico, a escola cede. E.106</i>
Influências exteriores na dinâmica da ilha	<i>Recebe essas boas ou más influências exteriores, não só pelos dos meios de comunicação social, mas em toda a sociedade no seu todo, mas também pela vinda para cá de outras pessoas que não são naturais E.110</i>
Encargos financeiros com a educação	<i>quem estudava pagava depois livros, passagens, alojamento lá. Já me lembro de no meu tempo, só as casas muito abastadas de lavoura e nessa casa havia um funcionário, em que havia dinheiro e era certo todos os meses E.107</i>
Envolvimento dos pais na vida escolar dos alunos	<i>ao nível da comunicação das avaliações, da assiduidade, damos instruções directas aos directores de turma para que reúnam frequentemente com os pais, para que os chamem, para que venham à escola, os façam participar e acompanhar o processo educativo dos seus filhos e não só que venham E.101</i>
Participação dos pais nas actividades da escola	<i>A maioria dos pais adere, na verdade que temos algumas excepções de famílias mais complicadas, mas a maioria adere E.101</i>
Subcategoria: Participação da escola no processo de mudança	
Indicadores	Unidades de registo
Definição de escola e de professores	<i>havia muito aquele tipo de professores em que o bom professor é aquele que dá muitas negativas, era um professor exigente, rigoroso. E eu penso que nós hoje temos de caminhar para outro tipo de abordagem, para outro tipo de mentalidade que é, o professor que realmente tem sucesso, tem de corresponder às competências adquiridas dos alunos e temos de pensar nessa perspectiva. E.101</i>
O fluxo anual de professores	<i>Se calhar altera a relação entre a escola e a comunidade porque a vinda de mais professores, são pessoas diferentes que vêm para cá, estão cá um ano e vão-se embora E.111</i>
Esforço para a mudança Actividades da escola para a comunidade	<i>Vamos falar das actividades que fazemos a festa de Natal, festa de encerramento do ano lectivo, festa de Carnaval e há outras festas que fazemos, o dia da alimentação que fizemos o ano passado foi a</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

	<i>primeira festa que fizemos à noite e teve um impacto muito grande</i>
Alterações de comportamento	<i>Agora já não há muito respeito, nem mesmo os alunos com os professores o respeito perdeu-se. Agora as coisas são tratadas de uma forma mais fria E.101</i>
Mudança da sociedade	<i>também conforme os anos passam, isto não se deve falar mas é mesmo assim, as mentalidades tanto políticas, como da sociedade que também mudou E.104</i>
Pequenas alterações	<i>Eu acho que não foram precisos fazer grandes adaptações. Mas houve pessoas que tiveram de fazer alterações como é o caso das pessoas que têm professores nas suas casas alugadas. O que também acaba por trazer circulação de capital e isso é importante porque estimula o crescimento económico E.108</i>
Melhoria das condições alteração da relação	<i>Os alunos têm melhores condições com a construção do novo edifício. Não já antes se leccionava o ensino básico, mas ficou com melhores condições para o ensino, e isso alterou a relação entre a escola e a comunidade E.111</i>

CATEGORIA: ADAPTAÇÕES DA ESCOLA E DA COMUNIDADE FACE À MUDANÇA

Subcategoria: Adaptações da escola

Indicadores	Unidades de registo
Abertura da escola à comunidade Mudança de hábitos	<i>na última festa, esteve aí um ucraniano, algumas pessoas que trabalham cá, mas não são de cá e vieram ver, tiveram curiosidade e vieram, o convite foi alargado a toda a gente. E.101</i>
Relações escola comunidade	<i>Hoje em dia já se verifica uma abertura. A comunidade, os pais, os miúdos está tudo integrado, antigamente não era assim E.104</i>
Aceitação da mudança por parte da sociedade	<i>Ao alterarmos isso foi também uma das sugestões que nos era dada nos inquéritos que fazíamos à comunidade quando realizávamos as actividades. E.101</i>
Alteração da relação professor aluno	<i>Agora já é malta nova, agora já são muito poucos os que tem paciência para os mais miúdos. E os outros que lidam com o pessoal da noite já é mais aquela, somos praticamente da mesma idade, já não há aquela relação aluno professor. No meu tempo era dá licença para ir à casa de banho. Sim senhora professora, não senhora professora.</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

	<i>Agora os professores até autorizam ser tratados por tu, e é chamar professor só, ó professor isto, ó professor aquilo E.109</i>
Alterações a nível global	<i>A alteração não se verificou só aqui, houve uma alteração nas escolas todas E.104</i>
Melhores meios informáticos	<i>Era mais pequena, não tinha tantos professores, não lidava com tanta gente, e isso trás logo uma série de pormenores que agora já não existem, agora temos mais professores, temos mais alunos, temos uma escola maior, com boas condições, e eu acho que isso acaba por alterar a actividade da comunidade em geral E.108</i>
Subcategoria: Adaptações da comunidade	
Indicadores	Unidades de registo
Solicitações da comunidade e colaboração com a escola	<i>Desde que alteramos a hora de realização desses eventos, há uma maior colaboração dos pais, trazem a comida, os pais colaboram com os trajas para os eventos, ajudam a ensaiar as crianças nas danças E.101</i>
Acompanhamento da evolução das mudanças registadas a nível global (Açores)	<i>ao nível das novas tecnologias de informação e comunicação, tivemos várias formações para a comunidade este ano e a comunidade aderiu muito bem. E.101</i>
Utilização do espaço escolar para fazer festas	<i>Faziam na escola que havia, mas não tinha condições, não tinha espaço, não tinha qualidade para fazer as festas. E.102</i>
Influência da escola na comunidade	<i>Isso leva a que cada vez mais, mais pessoas visitem a escola e as suas actividades, o que acaba, de ano para ano, cada vez vêm mais pessoas à escola e isso leva a que a escola seja cada vez mais influente na sociedade E.108</i>
Alteração de atitudes e comportamentos	<i>Há pais que tem ainda a mentalidade de o professor se brigou contigo, ou se te pós de castigo é porque alguma coisa foi que tu fizeste. Agora há outros que não, faça lá o que fizer. Não se pode dizer nada ao menino E.109</i>
Maior empenho e participação dos pais	<i>No meu tempo não participavam, vinha era o recadinho para casa e talvez iam lá, se calhar no fim do ano buscar as notas, mas isso eu não sei lá muito bem. Participar e envolvidos como estão agora, não estavam E.111</i>
Modificações inerentes à	<i>À medida que o tempo vai passando, o tempo vai pedindo as coisas e</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

própria dinâmica	<i>as coisas vão surgindo. As coisas vão-se fazendo, é mesmo da própria natureza, as coisas vão aparecendo, vão-se modificando</i> E.111
------------------	---

CATEGORIA: SOLICITAÇÕES EFECTUADAS ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE

Subcategoria: Solicitações da escola

Indicadores	Unidades de registo
A escola chama os pais a participarem na vida dos seus educandos	<i>temos o cuidado de em todos os períodos fazermos as chamadas avaliações intercalares, e que naquela altura específica chamamos os pais, eles vêm todos, comparecem, eles vêm, eles sabem, é um momento importante, é quase como nos momentos de entregas das avaliações de final de período.</i> E.101
Divulgação das actividades	<i>Há divulgação, olhe agora através do jornal O Corvino que está online, é uma boa forma de comunicação, nos dias de hoje. Depois verbalmente a gente aqui no Corvo que é um meio pequeno e a gente sabe os acontecimentos todos e há divulgação nas lojas, os editais e nos sítios mais frequentados, a escola preocupa-se por criar esse tipo de informação para que as pessoas tenham acesso a ela</i> E.108
Realização de vários tipos de actividades	<i>Cedência de espaço para fazer actividades, para fazer festas, há festas que se fazem ali, há reuniões, já vi lá exposições científicas</i> E.106
Percepção positiva da escola	<i>Acho que a escola tem feito um bom trabalho na comunidade, está bem inserida na comunidade</i> E.107
Solicitações da escola	<i>aos directores de turma para que reúnam frequentemente com os pais, para que os chamem, para que venham à escola, os façam participar e acompanhar o processo educativo dos seus filhos e não só que venham</i> E.101

Subcategoria: Solicitações da comunidade

Indicadores	Unidades de registo
Mudança de hábitos e modos de acção da escola Ajustamento do modo de acção	<i>mesmo que quisessem vir à escola, não podiam vir. Ao alterarmos isso foi também uma das sugestões que nos era dada nos inquéritos que fazíamos à comunidade quando realizávamos as actividades.</i> E.101
Colaboração e parceria com a	<i>Na parte que me toca, a respeito das festas que eu represento, eu</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

escola	<i>convido sempre, a participarem nas procissões E.107</i>
Empréstimo de materiais	<i>cedência empréstimo da aparelhagem de som, empréstimo de material, e a mesma coisa também por outro lado, quando a escola precisa de outros materiais que outras instituições é que tem empresta à escola E.110</i>
Solicitação da comunidade	<i>O que se tem feito pelos alunos, as festas que são promovidas lá, ainda a última que houve agora no fim do ciclo. Eu adorei. Foi boa E.107</i>

Análise das notícias

CATEGORIA: COMPONENTE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	
Subcategoria: Psicológica (significado da escola)	
Indicadores	Unidades de registo
Local de reuniões	<i>14H00 - Reunião do Governo com o Conselho de Ilha, na Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira.</i> <i>15H00 - Reunião do Conselho do Governo, na Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira.</i> <i>16H00 - Apresentação do comunicado do Conselho do Governo, na Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira. Anexo 17</i>
Sossegada/descontracção	<i>É bom viver no Corvo, por ser uma ilha sossegada e onde podemos andar livremente sem problemas Anexo 15</i>
Subcategoria: Social (papel da escola)	
Indicadores	Unidades de registo
Dimensões da escola	<i>A EBI Mouzinho da Silveira, apesar de conhecidas as suas reduzidas dimensões, tem boas condições para os estudantes, nomeadamente salas de aula, ginásio, uma sala de convívio para os alunos com mesa de ping-pong e pátio de recreio. Anexo 16</i>

CATEGORIA: ESTRUTURAS COGNITIVAS DE REPRESENTAÇÃO	
Subcategoria: Critério de funcionalidade	
Indicadores	Unidades de registo
Reconhecimento do seu trabalho	<i>No âmbito do Concurso de Prevenção Rodoviária, promovido pelo Fundo Regional dos Transportes, junto das escolas do 1º, 2º e 3º Ciclos, os alunos da turma do 3º e 4º anos, da Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira, participaram e ganharam o referido concurso, apresentando um cartaz ilustrativo da seguinte frase: “Não atravessar sem olhar!” Anexo 20</i>
Utilização do espaço escolar	<i>Ainda no decurso da visita estatutária foi possível constatar que a E.B.I. Mouzinho da Silveira é uma das mais bem equipadas Anexo 18</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

Subcategoria: Critério genético	
Indicadores	Unidades de registo
Resultados positivos	<i>Um professor está a trabalhar com uma turma da Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira, no Corvo, com resultados considerados muito positivos Anexo 19</i>
Subcategoria: Critério quantitativo	
Indicadores	Unidades de registo
Actividades que dinamiza	<i>Nasceu a possibilidade da criação de um grupo de folclore a par de outra iniciativas em curso Anexo 19</i>
Subcategoria: Funções da escola	
Indicadores	Unidades de registo
Divulgar informações e conhecimento	<i>Os diferentes eventos organizados na ilha das Flores a 1 e 2 de Abril são o culminar de uma série de conferências que têm percorrido, desde 26 de Março os blocos central e ocidental do arquipélago (Terceira, São Jorge, Pico, Faial, Corvo e Flores). Anexo 22</i>
Informar	<i>Jornalismo da nossa Escola, tem o prazer de comunicar a todos vós que o jornal O Corvino já se encontra disponível online. Poderá encontrá-lo em http://sites.google.com/site/jornalcorvino. Anexo 21</i>
Subcategoria: Relação da escola com outros intervenientes da comunidade	
Indicadores	Unidades de registo
Actividades da escola a nível internacional	<i>A Escola do Corvo foi seleccionada para participar num seminário de contacto, no âmbito do projecto Comenius, desta vez em Itália, onde estiveram presentes mais de 100 professores de toda a Europa Anexo 24</i>
Parceiros europeus	<i>Escola do Corvo participa em visita de estudo de programa europeu A visita de estudo, que decorreu de um a cinco de Fevereiro, nas cidades holandesas de Haia e Leeuwarden, debateu-se a cooperação na aprendizagem ao longo da vida ao nível europeu. Anexo 23</i>
Subcategoria: Relação comum a outros intervenientes	
Indicadores	Unidades de registo

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

Actividades com outras entidades	<i>Alunos de várias turmas realizaram um percurso de sensibilização ambiental no Caldeirão da Ilha do Corvo Anexo 26</i>
Solidariedade	<i>A pequena dimensão e o relativo isolamento geográfico contribuem para uma certa homogeneidade social e a criação de um forte vínculo colaborativo e solidário entre os alunos Anexo 25</i>

CATEGORIA: PROCESSOS SOCIO COGNITIVOS

Subcategoria: Objectivação

Indicadores	Unidades de registo
Espaços escolares	<i>Não tem cantina, o que obriga os alunos a almoçar em casa todos os dias – o que não se revela difícil na Vila do Corvo. Anexo 27</i>

Subcategoria: Ancoragem

Indicadores	Unidades de registo
Sucesso escolar	<i>No ano lectivo de 2008/2009 teve uma taxa de sucesso de 96%, sendo a taxa de abandono escolar nula, o que são resultados muito animadores no panorama pedagógico regional. Anexo 16</i>
Bom ambiente escolar	<i>Nesta escola existe um bom ambiente escolar e os alunos, que já visitaram e conhecem outras escolas sentem-se felizes por estar na Escola Mouzinho da Silveira e não se vêem com menos oportunidades de participarem noutros projectos ou actividades, pois estão mentalizados para criarem as suas próprias oportunidades - e é isso que fazem. Anexo 16</i>

CATEGORIA: MOMENTOS DE OBJECTIVAÇÃO

Subcategoria: Comparação da forma como se realizou

Indicadores	Unidades de registo
Novas tecnologias	<i>A Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira está devidamente dotada de novas tecnologias, bem como acesso à internet, e a resposta dos alunos corvinos a esta área tem sido excelente. Anexo 25</i>
Novas valências	<i>Tem vários clubes em funcionamento e está envolvida em vários projectos. Tem clubes do ambiente, de jornalismo, de teatro, de folclore e música tradicional e complementa ainda as actividades</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

	<i>curriculares com as actividades desportivas escolares. Anexo 16</i>
Subcategoria: Forma como a sociedade interiorizou a imagem da escola	
Indicadores	Unidades de registo
Escola digital	<i>Em rede, a escola açoriana é a mais bem equipada do país em computadores Anexo 27</i>
Subcategoria: Forma como a comunidade integrou o conceito de escola	
Indicadores	Unidades de registo
Prosseguir estudos no exterior	<i>daqueles estudantes que, deixando a terra mãe, partem para fora da ilha com o objectivo de continuar estudos, seja na escola secundária seja no ensino superior. Temos alunos corvinos a estudar nas Flores, no Faial, na Terceira, em São Miguel e no continente português Anexo 28</i>

CATEGORIA: RELAÇÃO ESCOLA COMUNIDADE FACTORES DE MUDANÇA	
Subcategoria: Endógenos	
Indicadores	Unidades de registo
Sucesso escolar	<i>A Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira, da ilha do Corvo, tem uma taxa de sucesso educativo de 96% e uma taxa de abandono escolar de 0%. Anexo 16</i>
Condicionantes da ilha	<i>Os alunos do Corvo não podem, por exemplo, assistir ou participar, com frequência, em espectáculos desportivos, musicais, teatrais ou até visitar museus e outros sítios de interesse histórico ou científico Anexo 25</i>
Número de alunos	<i>o número mais ou menos reduzido de alunos, o que permitiu que estes tenham um melhor acompanhamento por parte dos docentes. Anexo 18</i>
Subcategoria: Exógenos	
Indicadores	Unidades de registo
Acesso gratuito	<i>Ilha do Corvo com acesso gratuito à Internet O projecto "Corvo Digital", que ontem foi formalmente inaugurado, durante uma visita que o Governo Regional está a efectuar à ilha, pretende facilitar o acesso generalizado da população aos computadores e à Internet e a sua inserção na sociedade de</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

	<i>informação e conhecimento Anexo 15</i>
Fornecimento de material	<i>O executivo açoriano investiu, assim, 250 mil euros para dotar a escola local com 34 computadores portáteis, que, a juntar aos 24 já existentes, permitiu assegurar um equipamento para os 40 alunos e 12 professores Anexo 15</i>

CATEGORIA: MODELO TEÓRICO DE MUDANÇA

Subcategoria: Fase de descongelamento

Indicadores	Unidades de registo
Oferta cultural	<i>falta de outras ofertas culturais na ilha torna estes programas e actividades imprescindíveis, na medida em que não existem outras opções na ilha. Neste momento temos a funcionar diversas actividades extra-curriculares: um clube do ambiente, um clube de teatro, um clube de folclore e música tradicional e, também, um clube de jornalismo. Temos, também, a funcionar as actividades desportivas escolares Anexo 16</i>
Encargos financeiros	<i>Custa-me 600 contos por ano manter a minha filha de 17 anos a estudar no Faial, entre passagens (até ao 9º ano, o Governo Regional dava 10 contos, mas depois disso não dá nada) alojamento e alimentação Anexo 29</i>
Número de alunos	<i>Na ilha do Corvo, a mais pequena dos Açores, há turmas apenas com dois alunos e professores que ensinam "um pouco de tudo", Anexo 28</i>

Subcategoria: Fase de mudança

Indicadores	Unidades de registo
Envolvimento da comunidade	<i>No âmbito desta actividade, deslocou-se, no dia 26 de Janeiro de 2009, à Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira, o Deputado da Assembleia da República, Luiz Fagundes Duarte, para dinamizar um debate com os alunos. O painel deste debate contou, também, com a presença de ex-deputados do Corvo Anexo 30</i>
Utilização da internet	<i>alunos da única escola básica e integrada na ilha do Corvo, desde os dez anos que utilizam diariamente a Internet por puro lazer, mas, cada vez mais, para aprofundarem conhecimentos escolares Anexo</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

	15
Subcategoria: Fase de recongelamento	
Indicadores	Unidades de registo
Divulgação das actividades	<i>aproximar mais a escola da sua comunidade educativa e divulgar as nossas actividades de forma global Anexo 31</i>

CATEGORIA: MUDANÇAS VERIFICADAS ENTRE A ESCOLA E A SOCIEDADE	
Subcategoria: Ao nível físico	
Indicadores	Unidades de registo
Atribuição de computadores	<i>utilizam diariamente a Internet por puro lazer, mas, cada vez mais, para aprofundarem conhecimentos escolares. Uma janela para o Mundo Anexo 15</i>
Qualificação dos professores	<i>Isto resulta de um conjunto de factores, nomeadamente a qualidade os professores que por cá tem passado Anexo 18</i>
Subcategoria: Ao nível humano	
Indicadores	Unidades de registo
Parcerias com outras entidades	<i>Esta actividade foi realizada em parceria com o Centro de Interpretação Ambiental e Cultural do Corvo, sendo que contou com a participação do Eng. Jorge Cardoso (Director do Parque Natural da Ilha do Corvo) e Eng. Carlos Silva (SPEA). Anexo 26</i>

CATEGORIA: INTERACÇÃO ESCOLA COMUNIDADE NO PROCESSO DE MUDANÇA	
Subcategoria: Participação da comunidade no processo de mudança	
Indicadores	Unidades de registo
Relacionamento com entidades	<i>A Sociedade Portuguesa para o estudo das aves, em colaboração com a Escola Básica Integrada Mouzinho da Silveira do Corvo, realizou na semana passada uma campanha para plantar vidálias que se encontravam ameaçadas pelas obras do aeroporto Anexo 32</i>
Subcategoria: Participação da escola no processo de mudança	
Indicadores	Unidades de registo
Utilização pelos alunos das TCIs	<i>Todos os alunos estão inscritos e participam entusiasticamente nas diversas actividades dinamizadas Anexo 16</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

CATEGORIA: ADAPTAÇÕES DA ESCOLA E DA COMUNIDADE FACE À MUDANÇA	
Subcategoria: Adaptações da escola	
Indicadores	Unidades de registo
Inovação pedagógica	<i>está envolvida num singular projecto de inovação pedagógica, associado às Tecnologias de Informação e Comunicação Anexo 31</i>
Ensino e Internet	<i>A Internet e as novas tecnologias informáticas associadas ao ensino representaram, para nós, uma fantástica oportunidade para romper condicionalismos seculares e encurtar as inamovíveis distâncias – de quase tudo e de quase todos – que sempre caracterizaram a nossa existência. Anexo 31</i>
Nova forma de trabalho	<i>O trabalho pedagógico com recurso a uma plataforma LMS (http://ebims-m.ccems.pt/) começa, também, a generalizar-se. Com estas metodologias pretendemos, não só, dotar os nossos alunos de novas competências, que a sociedade do conhecimento lhes irá exigir, mas também incentivá-los a serem criativos e inovadores Anexo 25</i>
Voltada para a comunidade	<i>É uma escola voltada para a sua própria afirmação e para a melhoria da comunidade em que se insere Anexo 33</i>
Inovação nas aprendizagens	<i>Fazem visitas virtuais a museus, jogos didácticos, pesquisas na internet, blogues de turma, intercâmbios com escola de outros países...Tentam, assim, contornar o isolamento da ilha Anexo 27</i>
Subcategoria: Adaptações da comunidade	
Indicadores	Unidades de registo
Viver no Corvo	<i>põe termo ao isolamento da mais pequena ilha dos Açores, onde vivem apenas 400 habitantes, e acentua o carácter positivo de se viver numa comunidade onde todos se conhecem pelo nome próprio Anexo 15</i>

CATEGORIA: SOLICITAÇÕES EFECTUADAS ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE	
Subcategoria: Solicitações da escola	
Indicadores	Unidades de registo
Jogos desportivos escolares	<i>A experiência desportiva na EBI dos Biscoitos foi muito positiva para estes alunos porque conviveram com colegas de várias ilhas conheceram outro ambiente escolar e registaram uma participação</i>

Impacto da Escola na Sociedade Corvina

	<i>muito agradável, embora limitada pelo número de atletas, levaram consigo o certificado de “Valor artístico” obtido na apresentação da actividade artística intitulada Todos Jogos e o certificado de “Espírito Desportivo” para a equipa com melhor comportamento competitivo</i> Anexo 16
Subcategoria: Solicitações da comunidade	
Indicadores	Unidades de registo
Melhor sistema educativo	<i>o apetrechamento informático da escola torna o sistema educativo "muito mais apelativo”</i> Anexo 15
Tradição na escola	<i>Terminada a eucaristia, todos nos dirigimos para o ginásio da EBI Mouzinho da Silveira, onde foram servidas as tão afamadas sopas do Espírito Santo; a ementa obedecia à mais genuína tradição</i> Anexo 28